

**REVISTA
DO
INSTITUTO DE GEOGRAFIA
E
HISTÓRIA MILITAR
DO
BRASIL**



ANO: 74 N° 102 2015

ISSN: 0020-3890



EXPEDIENTE

REVISTA DO INSTITUTO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL

O IGHMB foi fundado
em 7 de novembro de 1936.
Órgão Consultivo Oficial dos Assuntos
de Geografia e História Militar
reconhecido pelo Decreto nº 27.512,
de 26 Nov 49, e Órgão de Utilidade Pública
do Estado do Rio de Janeiro pela
Lei nº2.217, de 28 Ago 73.

Filiado à Comissão Internacional
de História Militar

Diretor da Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil

Gen Div Aureliano Pinto de Moura

Editor

Cel Carlos Roberto Carvalho Daróz

Secretário

Cel Antônio Ferreira Sobrinho

Conselho Editorial – Diretor

Cel Av Manoel Cambeses Júnior

Membros do Conselho Editorial

Cel Antônio Ferreira Sobrinho
Cel Carlos Roberto Carvalho Daróz
Cel Manoel Cândido Andrade Netto

Casa Histórica de Deodoro
Praça da República, 197 – Centro
Rio de Janeiro, RJ – Brasil
CEP: 20.211-350
Tel (21) 2232-2691
www.ighmb.org
ighmb@yahoo.com.br

SUMÁRIO

- 2 – Editorial
- 4 – A expansão do islamismo no mundo.
GEN EX PEDRO LUÍS DE ARAÚJO BRAGA
- 32 – Califado islâmico, elemento desestabilizador no
equilíbrio geopolítico do Oriente Médio.
CEL AV MANUEL CAMBESES JÚNIOR
- 35 – Reconquista da Bahia – portugueses e espanhóis
na defesa do Brasil.
GEN DIV AURELIANO PINTO DE MOURA
- 53 – Mascarenhas, o líder da vitória.
GEN EX PAULO CÉSAR DE CASTRO
- 64 – O roteiro da FEB na campanha da Itália.
CEL CLÁUDIO SKORA ROSIY
- 69 – Operações aeroterrestres na 2ª Guerra Mundial.
GEN EX RENATO CÉSAR TIBAU DA COSTA
- 84 – Canhão Gustav, o maior entre os maiores.
CEL CARLOS ROBERTO CARVALHO DARÓZ
- 89 – Fotografia, uma polêmica fonte histórica.
CEL MANOEL CÂNDIDO DE ANDRADE NETTO
- 105 – Saudação aos novos sócios empossados em 2015.
CEL AV MANUEL CAMBESES JÚNIOR

Editorial

Com grata satisfação chegamos ao centésimo primeiro número da Revista do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil. A trajetória do periódico confunde-se com a própria história do Instituto e, ao longo dos anos, tem sido um valioso veículo de divulgação de pesquisas em diversas áreas do conhecimento, tais como História, Geografia, Geopolítica, Estratégia, Relações Internacionais, dentre outras.

As pesquisas sobre História Militar se apresentam como uma alternativa viável para historiadores e pesquisadores que desejam se aperfeiçoar em um campo de estudos ainda em processo de maturação acadêmica. O próprio desenvolvimento do País requer estudiosos das mais diversas tendências historiográficas. A História Militar, assim, se

apresenta como uma dessas tendências modernas.

Este número da revista traz oito artigos e uma oração de saudação aos novos sócios do IGHMB, empossados em novembro de 2015. A História Militar do Período Colonial brasileiro é destacada com o artigo *A reconquista da Bahia-portuguesa e espanhóis na defesa do Brasil*, de autoria do nosso Presidente, que aborda as operações navais luso-espanholas, no contexto da União Ibérica, para expulsar os holandeses da Compa-

nhia das Índias Ocidentais do Nordeste do Brasil, umas bem sucedidas, outras não. Por se tratar do maior conflito bélico já registrado na História e ter contado com a participação das Forças Armadas do Brasil, a 2ª Guerra Mundial é um objeto de pesquisa recorrente para pesquisadores. O presente número da



Revista do IGHMB destaca quatro textos sobre a temática. A Força Expedicionária Brasileira (FEB) é estudada nos artigos *O roteiro da FEB na Campanha da Itália*, que resgata a trajetória da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, e *Mascarenhas, o líder da vitória*, onde é feita uma abordagem sobre as qualidades de liderança militar de seu comandante, o General-de-Divisão João Baptista Mascarenhas de Moraes. De caráter geral, o emprego de paraquedistas e a artilharia ferroviária alemã são o tema dos artigos *Operações aeroterrestres na 2ª Guerra Mundial* e *Gustav, o maior entre os maiores*, respectivamente.

No que tange à metodologia de pesquisa histórica, o interessante trabalho *Fotografia, uma polêmica fonte histórica* descortina as possibilidades e cuidados do uso da fotografia como fonte de pesquisa histórica, inovação introduzida pela escola dos Annales, que diversificou as fontes tradicionais à disposição do historiador.

Com um misto de choque e sentimento de incerteza, o mundo assiste hoje a um amplo conflito assimétrico,

decorrente da expansão do islamismo sobre o Ocidente e de seus reflexos, cujos eventos mais notáveis são o surgimento do Estado Islâmico e a guerra civil na Síria. Atentados terroristas, crise humanitária de refugiados, enfraquecimento da fé Cristã na Europa e uma lenta, mas crescente, islamização do Ocidente caracterizam o momento atual. E para compreender o islã e seus desdobramentos nesse cenário difuso, selecionamos dois artigos: *A expansão do islamismo no mundo* e *Califado islâmico, elemento desestabilizador no equilíbrio geopolítico do Oriente Médio*.

Ampliar o espaço dialógico é um dos grandes objetivos da Revista do IGHMB. Nessa perspectiva, a revista foi novamente enriquecida com trabalhos de pesquisadores de diferentes núcleos de produção de conhecimento histórico, resultando, então, em uma edição cujo corpus é formado por trabalhos originais e artigos que apresentam multifacetadas temáticas e que contribuem para a ampliação da historiografia militar.

Desejamos a todos uma boa leitura!

A expansão do islamismo no mundo

Pedro Luís de Araújo Braga*

REFLEXÕES INICIAIS

Em 23 de fevereiro de 1998, um jornal em língua árabe publicado em Londres estampou, na íntegra, uma “Declaração da Frente Islâmica Mundial para a Jihad contra os judeus e os cruzados”. Tal texto, informou o periódico, fora-lhe enviado com a assinatura de Osama bin Laden, um abastado saudita acusado pelos EUA de ser o mandante do lançamento de bombas sobre sedes de suas representações diplomáticas em países do leste africano, e então líder da organização islâmica al-Qaeda. Referendavam também o aludido manifesto líderes de grupos muçulmanos no Egito, no Paquistão e em Bangladesh.

A aludida Declaração encarecia a necessidade de conhecer o status reinante no que respeita à perseguição movida contra os muçulmanos, consequentemente, uma chamada à ação para acabar com ela. Do texto constavam vá-

rias citações do Alcorão e palavras do profeta Maomé, incitando à luta. Depois de acusar os EUA pela ocupação das regiões mais sagradas para o Islã, de se apropriarem de suas riquezas, humilharem o povo árabe e promoverem imensa destruição, tudo em conluio com os judeus, terminava concluindo que, nas atuais circunstâncias, a Jihad passa a ser uma obrigação individual de todo verdadeiro muçulmano, uma vez que a potência hegemônica declarara abertamente uma guerra contra Alá, seu profeta, e o Islã.

Na verdade, quem estava declarando guerra era a organização que lançara o documento em tela. Mas, como o mundo já entendeu, uma guerra diferente, um Conflito Assimétrico, praticado por entidade não-estatal, de caráter global, travada por meio de atos terroristas imprevisíveis, difíceis de serem previstos, identificados e localizados. E ao arripio das leis internacionais sobre a guerra, eis que a elas não se subordinam.

* General-de-Exército, sócio do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

Mas o que é o Islã? Mais que uma religião, é uma completa doutrina ideológica, com regras para a conquista e subjugação dos infiéis e para implantação da Sharia, que é a lei islâmica, a base religiosa, política e cultural de todos os que seguem tal doutrina. Os fundamentos da Sharia são encontrados em três obras: o Alcorão, as Hadiths (tradições de Maomé) e a Sira (biografia de Maomé). Hadith e Sira, juntas, constituem a Suna.

A Jihad é o instrumento para consecução da Sharia e considerada, pelos muçulmanos, uma guerra “Santa” travada contra os kafirs, palavra preconceituosa, abusiva e odiosa para se referir aos que não seguem o Islã. A trilogia acima identificada, em seu conjunto, dedica 60% do seu conteúdo aos kafirs.

Constata-se que a Sharia está em curso, viva, levada a efeito por grupos cada vez mais violentos, não só no Oriente Médio e na África, mas também na Europa e nos EUA. Portanto, para nós, cristãos, que temos outros valores, que vivemos outros princípios, que amamos a liberdade, é importante conhecer os efeitos dessa Sharia, uma vez que, onde implantada:

- desaparece a livre manifestação do pensamento, a liberdade de culto, de imprensa, de expressão artística;
- deixa de existir a igualdade entre as pessoas: um kafir nunca é igual a um muçulmano, porque é um ci-

dadão de terceira classe (dhimi); uma mulher é sempre inferior a um homem, e pode sofrer castigos físicos. Em síntese, não há direitos humanos;

- a justiça tem duas leis: uma para os homens muçulmanos, e outra para as mulheres e os kafirs; tal legislação não é suscetível de interpretação e nem pode ser alterada. A ela devem subordinar-se todos os governos e outras leis que forem promulgadas.

Parodiando o que consta da declaração acima mencionada, nós, cristãos ocidentais, que somos alvo dessa avassaladora e estupefaciente ação da Jihad, precisamos conhecer seus reais objetivos, táticas, formas de ação, como obtém recursos e apoio, com o propósito defensivo, visando preservar os valores democráticos de nossa sociedade. “O preço da liberdade é a eterna vigilância”, pensamento este atribuído originariamente a Thomas Jefferson, 3º Presidente dos EUA (séculos XVIII e XIX).

UMA PERFUNCTÓRIA E BREVE VOLTA AO PASSADO, PARA COMPREENDER O PROBLEMA

Maomé, o criador dessa religião monoteísta chamada Islã, ou Islamismo, ou maometismo (que significa “submis-



são à vontade a Alá, aquele que criou todas as coisas”) nasceu em Meca, atual Arábia Saudita, no ano de 570 de nossa era. De família humilde da tribo dos coraixitas – que seria, tal como os da tribo judaica de Levi, encarregados do serviço no templo, mas também ativa no comércio e controle de caravanas que por lá passavam – ficou órfão de pai antes de seu nascimento e sua mãe veio a falecer também quando ele estava apenas com seis anos de idade.

Pouco se conhece, digno de credibilidade, sobre a trajetória desse singular e carismático líder. Há muita lenda a respeito dele. Mas Meca, por ser exatamente o local de seu nascimento, é hoje a principal cidade do Islã e alvo de peregrinação.

Consta que, órfão de pai e mãe, Maomé foi acolhido por uma família de beduínos enquanto criança e que, mais tarde, foi entregue aos cuidados de seu avô paterno, que veio a falecer dois anos depois. Daí resultou que Maomé ficou sob a tutela de um tio materno de nome Talib, e com o filho deste, Ali, desenvolveu uma grande amizade.

Segundo a tradição, foi durante uma viagem que fizera com esse tio à Síria que um monge cristão chamado Bahira “reconhecera” Maomé como um líder religioso e profeta. Talvez o primeiro e encorajador vaticínio.

Quando Maomé tinha 25 anos de idade conheceu uma rica, agradável e bem sucedida comerciante, viúva, de nome Cadija, então com cerca de 40 anos, com a qual começou a trabalhar e, mais tarde, contraiu matrimônio. Viu assim resolvidos todos os seus problemas financeiros e passou a desfrutar da oportunidade de se voltar para a atividade religiosa que então começava.

O casal teve uma única filha, a qual foi dado o nome de Fátima. Outras versões, entretanto, questionáveis devido à idade de Cadija, registram que o casal teria tido seis herdeiros, dos quais apenas dois homens, que logo faleceram, e quatro mulheres, Fátima e mais três, cujos nomes não são revelados.

Essa independência financeira de que Maomé passou a gozar permitiu-lhe vagar pelos montes e lugares ermos, sozinho, onde ia buscar iluminação e uma experiência mística mais profunda. Impressionava-o acentuadamente o fato de que os judeus e os cristãos tinham os seus próprios livros sagrados, eram prósperos, cultos e com avançada economia, ao passo que seu povo era pobre e atrasado.

Os primeiros a abraçar suas ideias, um tanto revolucionárias, foram sua mulher Cadija, seu primo Ali – com quem Fátima veio a casar-se – e um filho adotivo deste, Zaide. Aceitaram a

autoridade de Maomé e suas revelações como tendo origem divina. Reuniam-se para o culto a Alá na própria residência dele. Porém, passados três anos, malgrado a incontestável persistência de Maomé, o número de seus seguidores não passava de vinte. E, depois de treze anos, o total deles não era superior a cento e cinquenta.

Justo é lembrar que uma característica importante da crença de Maomé era o combate ao politeísmo, às 360 imagens que eram reverenciadas pelo seu povo. Ele julgava tal prática abominável, uma vez que se mesclava com idolatria. Pregava a adoração apenas a Alá, único deus – que requer a submissão dos homens se quiserem ser salvos.

Tornou-se, assim, o Profeta de Alá – o último, segundo afirmava – embora reconhecesse que fora precedido por outros, como Adão, Abraão, Moisés e Jesus.

A primeira experiência mística de Maomé, segundo ele próprio relata, aconteceu em torno do ano 610, mês do Ramadã, quando fazia um de seus passeios matinais, fora de Meca: em uma caverna existente no monte Hira, uma voz que lhe mandava ler, em nome do Deus Criador. Surpreso e perplexo, não entendeu o que lhe era mandado fazer, repetidas vezes, pois era analfabeto. Mas a voz dizia que o Senhor é riquíssimo e ensina ao homem aquilo que ele não

sabe. Tal voz reverberava em sua mente como um sino tocando e foi identificada como sendo do arcanjo Gabriel. Maomé tinha então 40 anos e a partir daí, durante vinte e três anos, continuou a receber mensagens que, colocadas sob a forma escrita, conformaram o Alcorão, já mencionado como um dos três livros sagrados do Islã.

Depois que Cadija faleceu, Maomé passou a praticar a poligamia, tão comum, à época, na região onde vivia e chegou a ter nada menos que doze mulheres, com as quais teve filhos e filhas, mas todos os descendentes do sexo masculino morreram cedo, antes que ele próprio. A Sharia, não obstante, como já assinalado, considere as mulheres inferiores aos homens em inteligência e religião, protege e garante seus direitos. Outrossim, permite que o homem livre se case com até quatro mulheres simultaneamente. Em muitos casos, elas vivem compartilhando a mesma habitação com o único marido, sem cenas de ciúme.

Em seus esforços incontidos de proclamar sua mensagem, Maomé sofreu perseguições, foi difamado, boicotado e apresentado ao povo como pessoa que devia ser evitada. Mas ele era um pregador eloquente, incansável e persuasivo. Ameaçado de morte em Meca, decidiu então mudar-se para Yatribé, a atual cidade de Medina, onde foi muito bem recebido e sua mensagem aceita, exceto



pelos judeus que lá viviam. Por esta razão, Medina é chamada de “Cidade do Profeta”, pois foi o foco da irradiação do islamismo para todo o mundo.

Talvez por isso haja hoje duas versões diferentes do Alcorão, uma de Meca e outra de Medina. Mas os árabes dizem que o seu “livro sagrado” não pode ser traduzido.

Se em Meca a pregação de Maomé não frutificara, em Medina, como guerreiro e político também, conseguiu converter às suas ideias cerca de dez mil pessoas por ano. Mas a ação política e a Jihad foram mais bem sucedidas que a mera pregação. Nos dez anos seguintes, Maomé enviou expedições missionárias às Arábias, à Pérsia, Índia, Egito, Abissínia, aos domínios bizantinos e até à Terra Santa.

Aos 52 anos de idade, Maomé já era conhecido como chefe poderoso e respeitado. Tinha muitos amigos, mas inimigos também. Meca e Medina, separadas por apenas 350 km, chegaram a entrar em guerra, com a vitória final das tropas de Medina. Corria o ano de 631 quando Maomé retornou a Meca, agora pacificada. Lá ele visitou o templo em Caaba, ordenando a destruição dos ídolos pagãos existentes e a reforma do imóvel, pois ele fora erguido há séculos pelos discípulos de Abraão. Assim, restituiu Caaba como lugar de culto a Alá e como o povo de Meca converteu-se

ao Islamismo, adotando-o como religião oficial, Maomé instituiu a peregrinação à cidade como obrigação de todo muçulmano, já que ela ficava mais perto do mundo árabe do que Jerusalém, amplamente defendida por judeus e cristãos.

Mas a propagação do islamismo foi, desde o início, manchada de sangue. Conta-se que Maomé, em Medina, sentado ao lado de uma de suas esposas com apenas doze anos de idade, assistiu à cena de decapitação de oitocentos judeus. E ele esteve envolvido em um evento de violência, em média, a cada seis semanas de seus últimos nove anos de vida. Ao falecer, em 8 de junho de 632, com 62 anos, já não tinha um único inimigo vivo restante.

Mas Maomé não deixou herdeiros homens, tanto para seu patrimônio quanto para o seu legado e missão de continuar com a pregação do islamismo.

A DIVISÃO DO ISLAMISMO: CORRENTES E GRUPOS

A morte do Profeta, ocorrida na residência de sua esposa favorita Aísha – que foi, mais tarde, anexada a uma mesquita e tornou-se local de peregrinação em Meca – desencadeou um processo para sua substituição, uma vez que, como já assinalado, Maomé não deixara filho varão.

Surgiram então os seus “herdeiros”, cada um deles passando a denominar-se califa (que significa sucessor) e o interesse pela função devia-se ao fato de que ela representava não só autoridade religiosa, mas também poder político. Desde então, o islamismo vem sendo marcado pelo surgimento de correntes, grupos, facções, movimentos, com maior ou menos envolvimento político.

Sintetizado esse tumultuado e incessante processo, podemos dizer que, desde cedo, surgiram quatro correntes:

- os sunitas, em maior número, que contam com 84% dos muçulmanos, seguidores da Suna (que reúne, como explicado, duas das três obras básicas do Islã, e daí o seu nome), corrente esta iniciada por Abu-Becre, dileto amigo do profeta e seu braço-direito, e que uns dizem ter sido seu sogro, eis que pai de Aisha, uma das doze mulheres e a preferida, depois de Cadija, do fundador do Islã. Conseguiu expandir a religião para o norte das Arábias, para a Síria e a Pérsia, reunindo e convertendo árabes que lá viviam. Tendo falecido pouco depois, foi sucedido por Omar, que seria outro genro ou sogro de Maomé, um califa inspirado e influente, sob cujo governo a expansão realmente aconteceu e de forma visível: além de

conquistar fiéis, conquistou territórios, subjugou inimigos e organizou a administração do seu califado. Investiu contra a Palestina, Síria, Iraque e Egito.

- os xiitas, corrente esta chefiada por Ali, primo, amigo e depois genro de Maomé (casado com Fátima), e que, por sua proximidade familiar com o profeta, dizia ter a chave para interpretar os ensinamentos do Islã. Seu curto governo de cinco anos foi assaz tumultuado. Assassinado, substituiu-o seu filho Husslin, neto de Maomé, que foi também morto em uma emboscada.

Estas duas primeiras e mais numerosas correntes vivem digladiando-se desde então. O ódio secular entre sunitas e xiitas prossegue até hoje e o derramamento de sangue só tem aumentado.

Mas há duas outras correntes, menos importantes:

- os sufitas, que surgiram da corrente xiita, ainda estão esperando pelo futuro grande líder, o Imã final, que aparecerá na terra como representante de Alá, a fim de conduzir as hostes islâmicas à vitória final. Dão ênfase à relação pessoal com Alá e praticam rituais como danças e exercícios de respiração para atingirem um es-

tado místico. Enquadram-se nesta corrente, minoritária sem dúvida, os faquires da Índia (monges muçulmanos que vivem sob rigoroso ascetismo) e os dervixes da Turquia (muçulmanos que fizeram voto de pobreza). Tal corrente, todavia, já apresenta uma dissidência mais radical, que é perseguida pelos demais.

- os caridjitas, que surgiram em torno de 657 durante o cisma ocorrido na corrente xiíta sobre quem seria o sucessor de Alá, por não concordarem com as pretensões dos candidatos que se apresentaram. Mas em breve se subdividiram também, restando disso apenas o grupo dos ibaditas, que sobrevive em maioria no Omã e com pequenas frações na Argélia, na Ilha de Djerba (Tunísia) e em Zanzibar. Pelo fato de considerarem que qualquer homem, até mesmo um escravo, poderia ser eleito califa, desde que tivesse elevado caráter moral e religioso, e que era legítimo contestar um poder considerado injusto, tais razões tornaram-se apelativas para as tribos de beduínos e para os mawali, os convertidos ao Islã de outras etnias e que, por não serem árabes, sofriam discriminação, estes últimos, inclusive, obrigados a

pagar impostos. Todavia, não têm expressão.

É sabido que o Império Otomano, que dominou grande parte da Europa, do norte da África e do Oriente Médio por mais de quatrocentos anos, era constituído, em termos de religião, majoritariamente por muçulmanos. Todavia, já no final do Século XVIII, começou a perder substância, atingindo o clímax desse declínio quando da 1ª Guerra Mundial (1914-1918), pois decidiu aliar-se à Alemanha. E perdeu.

Sábios muçulmanos foram reunidos para estudar tal derrocada e, depois de longo tempo de análise, chegaram à conclusão de que o mundo muçulmano havia, na realidade, voltado à situação pré-existente ao aparecimento de Maomé, quando havia muita pobreza e ignorância, já assinalado antes. E que tal estado era causado, ou estava intimamente ligado, à existência de maus muçulmanos em seu meio e à aproximação com cristãos e judeus.

A partir de então, começaram a aparecer diversos grupos, com atuação mais limitada ou mais ampla, na tentativa de colocar a vida dentro da concepção do Islã. Alguns deles usam a religião como pretexto, quando seus propósitos são claramente políticos. Os objetivos prioritários são eliminar maus muçulmanos, cristãos e judeus, e, a partir de 1948,

não escondem seu propósito: “varrer Israel do mapa”. Há muitos anos, na década de 1960, quando a serviço da ONU na Faixa de Gaza, vi, em muitas escolas, logo à entrada, pintado na parede, um mapa do Oriente Médio com Israel na cor preta, significando que era um intruso naquela área.

Vamos mencionar, a seguir, os diversos grupos que se foram formando ao longo do tempo e cujas ações ocuparam noticiários na mídia ocidental.

1) Irmandade Muçulmana – Foi fundada em 1928 no Egito, é considerada a precursora do fundamentalismo islâmico contemporâneo. Seu idealizador e primeiro líder foi Hassan al-Banna, um professor egípcio então com 22 anos, auxiliado por outros cinco jovens, todos na mesma faixa etária. Seu objetivo inicial era “libertar a pátria islâmica do controle dos estrangeiros e infieis (kafirs) e estabelecer um estado islâmico unificado”.

Da corrente sunita, tornou-se uma organização islâmica radical que atua em cerca de setenta países. Pretende retomar os ensinamentos do Alcorão, rejeitando qualquer tipo de influência ocidental. Visa, como mencionado, unificar os países de população muçulmana, opondo-se a tendências seculares de algumas nações islâmicas, como Turquia, Líbano, Egito e Marrocos, e rejeitando o chamado “islamismo moderado”. O lema desta organização é “Alá é o nosso

objetivo, Maomé é o nosso líder, a Jihad é o nosso caminho. Morrer no caminho de Alá é a nossa maior esperança”. Seu símbolo heráldico são duas espadas curvas de ouro, cruzadas sob o Alcorão, tendo abaixo, entre os punhos, a inscrição “Prepare-se”.

Neste limitado espaço, salientamos apenas que a Irmandade, como é conhecida popularmente, esteve envolvida em eventos marcantes no Egito, onde chegou a ser considerada ilegal, teve diversos de seus líderes presos, mas, afinal, fundou o Partido Liberdade e Justiça em 2011, que foi liderado inicialmente por Mohamed Morsi, o qual no ano seguinte, venceu as eleições presidenciais.

Durante o governo Nasser, em 1954, quando a Irmandade foi considerada ilegal, muitos de seus integrantes fugiram para outros países árabes, como Síria, Arábia Saudita, Jordânia e Líbano, o que ajudou a internacionalizar o movimento.

Seu nome voltou a aparecer em órgãos da imprensa por conta de acontecimentos como a Primavera Árabe e a Guerra Civil na Síria. Tal organização, que já chegou a contar com mais de 500.000 militantes, tem como características fundamentais a defesa da Sharia e a interpretação extremista da Jihad.

2) Al-Fatah – Um movimento pela libertação da Palestina, sob a liderança de Yasser Arafat, já falecido, seu



fundador em 1967, tornou-se a mais forte e organizada facção islâmica, que luta pela criação de um Estado Palestino. Considerava, malgrado alguns momentos de diálogo, Israel um intruso na área. Uma ala desta organização, a “Brigada de Mártires de Al-Aqsa”, é formada por membros mais radicais e é responsável por diversos atentados contra Israel (só em 2006, por 70% do total), praticados, muitos deles, por menores, treinados pela facção. Chegou a ser o grupo majoritário, mas foi expulso do Líbano pelas forças israelenses em 1982. Dela surgiu a OLP – Organização para Libertação da Palestina, bastante conhecida. Todavia, depois dos Acordos de Oslo, em 1993, entrou em decadência.

3) Hamas – É um grupo fundamentalista palestino, que possui um braço político e outro militar. Seu nome significa “Movimento de Resistência Islâmica”, mas também quer dizer “Devoção”. Nasceu junto com a Intifada, que foi um levante ocorrido em território palestino contra a política de ocupação israelense, tanto na Cisjordânia como na Faixa de Gaza. A primeira Intifada ocorreu de 1987 a 1993 e a segunda em 2000. Seu braço político faz trabalhos sociais em campos de refugiados mantidos pela UNRWA (Organização das Nações Unidas para Apoio e Trabalho aos Refugiados). Seu braço armado foi o primeiro a empregar homens-bomba, em 1992.

Detém o poder na Faixa de Gaza desde 2007, quando o tomou por um golpe.

4) Hezbollah – Foi fundada em 1982 por muçulmanos xiitas no Líbano. Organização armada terrorista, recebeu do Irã inspiração, incentivo e orientação, e contou com o apoio da Síria. Sua base situa-se no Sul do Líbano. Tem como objetivo a criação de um estado islâmico naquele país, outrora considerado “a Suíça do Oriente”, de maioria cristã e cuja sociedade preferia falar o francês, e não o árabe. Almeja destruir Israel e transformar Jerusalém em uma cidade muçulmana. É muito bem organizada, treinada e realiza um extenso trabalho de assistência social, em particular para os refugiados palestinos que lá vivem.

5) Jihad Islâmica – É um grupo terrorista palestino, de orientação fundamentalista, financiado pelo Irã. É pequeno e conta com reduzido apoio popular. É a mais independente das facções terroristas e tenta realizar ações e atentados contra alvos israelenses. Seu objetivo, tal como de outros similares, é destruir Israel e criar um Estado Islâmico na área, sob controle dos palestinos.

6) Os Talibãs – Constituem um grupo político-religioso que atua no Afeganistão e no Paquistão, e cuja origem se situa nas tribos que viviam na fronteira entre estes dois países, em 1994, após a ocupação soviética do primeiro deles, mas sob o governo de outro

grupo rebelde, dos mujahedins. Apesar de ser também muçulmano, este último era considerado muito liberal, o que não agradava os mais extremistas seguidores de Maomé. Destarte, milícia talibã invadiu a Capital Cabul e tomou o poder, exercendo-o de 1996 a 2001, quando da invasão norte-americana. Todavia, apesar de destituído do poder, continuou atuante e influente. Seu propósito é retomar o governo, e para tanto emprega a tática de guerrilhas e a utilização de homens-bomba. É um grupo radical, que interpreta rigidamente os textos islâmicos, proíbe a adesão à cultura ocidental e obriga as mulheres ao uso da burka.

Entretanto, os talibãs não devem ser confundidos com outros grupos, como a Al-Qaeda, pois eles são provincianos, agem apenas em sua região e nada têm a ver com ataques em outras áreas. Outrossim, só pertencem a ele árabes das tribos afegãs, a maior parte da etnia pashtun. Mas são aliados e se apoiam mutuamente em questões de logística, armas e dinheiro. É bom lembrar que Osama bin Laden, expulso de vários países, encontrou guarida com os talibãs no Afeganistão.

7) A Al-Qaeda (A Base) – Sabe-se que seu fundador foi Osama bin Laden, filho único da décima esposa de um cidadão pobre do Iêmen, que emigrou para a Arábia Saudita – foi lá que nasceu – e onde seu genitor se tornou o homem

mais rico e poderoso, depois do próprio rei. Consta que esta organização surgiu no Sudão, onde Bin Laden passara a residir como importante investidor, após participar de milícias, por ele financiadas, que combateram no Afeganistão, na década de 1980, o invasor soviético. Mas seu propósito, como objetivo mais longo, era combater a família real saudita, cujos modos ocidentalizados detestava, acusando-a de perdulária, corrupta e de adotar conduta “pouco islâmica”. Queria alijá-la do poder e implantar em seu país a semente de um novo califado islâmico. Este era o antigo sonho seu.

Em contato com os outros grupos islâmicos engajados na jihad, em especial com a Irmandade Muçumana do Egito, foi influenciado a aumentar o leque de seus inimigos, ampliando-o para incluir também os muçulmanos xiitas, os judeus e os cristãos. E, tendo concluído que a única forma válida de combatê-los era o terrorismo, financiou, inicialmente de forma discreta, algumas ações na Argélia e no Egito, e neste último esteve por trás do atentado mal sucedido, perpetrado em 1995 contra o Presidente Hosni Mubarak. Daí haver o governo do Sudão, pressionado por países árabes, tê-lo expulsado de lá, tendo-se apropriado de todos os seus bens imóveis. Emigrou então com suas esposas e um pequeno grupo de seguidores fiéis, mas financeiramente arruinado, para o Afe-



ganistão, onde passou a viver dedicado por completo à jihad. Gradativamente, foi reconstruindo sua organização, reunindo-a a outros grupos islâmicos, lá também refugiados. Aproximou-se dos Talibãs, de cujo líder tornou-se amigo e confidente.

Foi do Afeganistão que Osama planejou e coordenou os ataques às embaixadas dos EUA no Quênia e na Tanzânia, em 1998, utilizando carros-bomba, que tiveram grande repercussão, pois deixaram 256 mortos e 5.100 feridos; outrossim, o ataque à belonave *USS Cole*, que estava atracada, para reabastecimento, no porto de Aden, no Iêmen, em 12 de outubro de 2000, que resultou na morte de 17 marinheiros norte-americanos e dos dois terroristas suicidas. Osama bin Laden, até então desconhecido no mundo ocidental, tornou-se o terrorista mais procurado, eis que apontado pelos governos dos EUA, do Quênia e da Tanzânia, como o responsável por aqueles atentados.

Em 11 de setembro de 2001, a al-Qaeda realizou o inesperado e surpreendente ataque às Torres Gêmeas do World Trade Center, em New York, e contra o Pentágono, em Washington, lançando contra eles aeronaves sequestradas em pleno voo. Uma terceira, que estaria destinada à Casa Branca ou ao Capitólio, ambos na capital do país, caiu em uma área desocupada antes de atingir

seu objetivo, graças à heroica ação de passageiros que enfrentaram os terroristas.

Morreram nesses acontecimentos quase duas mil pessoas inocentes. Embora Bin Laden não tenha assumido diretamente ser o mandante daqueles ataques, que foram perpetrados por árabes suicidas, a maioria egípcios e sauditas, que residiam nos EUA, diversos indícios levaram a ele, especialmente quando comemorou tais tremendos e horripilantes feitos.

É justo que se registre, por oportuno, a falha dos serviços de inteligência norte-americanos: embora o terrorista tenha a vantagem da surpresa, informes a respeito de um atentado não foram processados devidamente, em tempo para serem levados em consideração.

Afinal, graças – diferentemente – a uma cuidadosa, paciente e bem sucedida atividade de inteligência, o sítio em que o procurado terrorista se escondia nos últimos cinco anos foi localizado. Foi desencadeada, então, uma operação para sua captura, executada por uma equipe Seal (Forças Especiais da Marinha dos EUA), ação esta assistida ao vivo em tempo real, da Casa Branca, pelo Presidente Barack Obama e integrantes do alto escalão de suas Forças Armadas. Osama bin Laden foi morto e seu corpo, mantido sob custódia militar, foi lançado ao mar, depois de um ritual fúnebre islâmico.

No imóvel onde residia foi apreendida enorme quantidade de material, equipamentos e documentação, que demonstraram, à larga, que o terrorista morto continuava a ocupar a função de líder ativo da al-Qaeda e que planejava outras ações no território dos EUA, especialmente para comemorar o décimo aniversário dos atentados de 11 de setembro de 2001. Com o desaparecimento de seu incontestado líder, ainda não se conhece, efetivamente, seu substituto e a organização parece estar inoperante, por enquanto. Osama bin Laden é um exemplo de poder voltado para o mal, cuja cabeça, condicionada, mandou destruir milhares de vidas inocentes em defesa de um deus e acreditando viver depois em um paraíso, como recompensa pela prática da jihad.

8) O Boko Haram – Muitas vezes denominado de “grupo radical islâmico”, é um grupo terrorista que surgiu na Nigéria, em 2000, como uma seita religiosa, fundada por Mohamed Yusuf, na cidade de Maiduguri, capital do estado de Borno. O nome da facção, no idioma hausa, bastante falado no norte daquele país, significa “a educação não-islâmica é pecado”, ou “a educação ocidental é pecado”. Conforme seu próprio nome sugere, o grupo culpa a cultura ocidental, absorvida pela sociedade nigeriana, como dos principais males do país, sendo, pois, necessária sua erradicação,

porque só assim serão combatidos a corrupção e o descaso das autoridades para com o povo.

Com o passar dos anos, o grupo foi crescendo e fortalecendo-se, tornando-se cada vez mais radical, graças ao treinamento proporcionado pela al-Qaeda e por outros grupos similares que atuam no norte da África, deles recebendo, inclusive, armamento. Em 2013, os EUA passaram a listá-lo entre os grupos terroristas, em face de seu crescimento e ações por ele cometidas. Chefiado por Abubakar Shekau, já é um dos maiores da atualidade.

Seu principal objetivo, além de combater a herança ocidental deixada pelos britânicos no período colonial, é a construção de uma república islâmica. Para tanto, realiza, inclusive, atentados e sequestros para conseguir avanços territoriais. Sabe-se que já tomou boa parte da Nigéria, especialmente nas áreas norte e nordeste e já executou mais de 3.000 pessoas.

O sequestro de mulheres que vem realizando visa à obtenção de resgate ou negociá-las como escravas sexuais. Em abril de 2014 escandalizou o mundo ao sequestrar cerca de 276 adolescentes, entre 16 e 18 anos. Um poucas moças que conseguiram posteriormente escapar relataram que eram usadas como escravas sexuais, vendidas a integrantes da organização por 12 dólares cada uma,



e outras, ainda, treinadas para integrar o grupo terrorista.

Sabe-se que seu atual líder fez parceria com o Estado Islâmico, que vai ser explicado a seguir, ao qual jurou lealdade. Tal aliança representa o crescimento da ação de grupos radicais e imagina-se que, embora ainda limitado ao território nigeriano, em breve passará a atuar além fronteiras, em países vizinhos ainda não islamizados.

9) O Estado Islâmico (EI) – Essa organização terrorista tem sua origem, segundo historiadores, relacionada à crise política que se instalou no Iraque após os atentados terroristas cometidos nos EUA em 11 de setembro de 2001. Até então, a al-Qaeda possuía considerável liberdade de ação no território iraquiano e em partes da Síria, e daí o seu nome completo: Estado Islâmico no Iraque e na Síria, ISIS em inglês. Nasceu como uma dissidência da al-Qaeda, cujas ações esses descontentes achavam ser fracas e leves. Tornou-se mais radical, para os padrões da organização de origem. O EI tem como objetivo expandir o seu califado por todo o mundo árabe no Oriente Médio, que se regeria pela Sharia, e estabelecer conexões na Europa e no restante do planeta; por meio da jihad, praticar atentados que lhe possa conferir autoridade através do terror. E, tal como a al-Qaeda e o Hamas, expandir o modelo teocrático radical islâmico de governo por meio de métodos terroristas. Sunita, o EI, desde 29 de agosto de 2014 tem como líder Abu Al

-Baghdadi, que já se havia autoproclamado califa da região NW do Iraque e de parte da região central da Síria.

Esta Organização vem ocupando, hodiernamente, noticiários de jornais, TV e revistas, por conta das barbaridades que tem praticado, como sequestros e estupro de mulheres e crianças, massacre de cristãos e de muçulmanos xiitas e, também, pela decapitação de dois jornalistas ocidentais, um deles norte-americano, entre agosto e setembro de 2014.

É motivo de surpresa a grande adesão de simpatizantes não-islâmicos do mundo ocidental, a maioria europeia, e que se integram à campanha jihadista, muitos atraídos pelo desejo de aventura, outros pela facilidade de possuir mulheres de todas as idades. Há também mercenários. Muitos desses estrangeiros, para provar sua lealdade à causa, são utilizados como carrascos para o sacrifício de “infieis”, seja com um tiro na nuca, seja decapitando-os. E isto é feito em série, diante de câmeras de TV! Dados recentes informam que esse número de engajados já se situa entre 2.000 e 3.000, a maioria deles franceses, alemães, britânicos e belgas, além de cerca de 100 norte-americanos.

O EI, apelidado de “Exército do Terror Transnacional”, já contaria hoje, segundo estimativas confiáveis, com 30.000 militantes, mas há também quem afirme que, em todas as áreas, já haveria cerca de 200.000 adeptos, ou já engajados em ações,



O surgimento do grupo Estado Islâmico causou apreensão no Ocidente, sobretudo devido às atrocidades cometidas por seus integrantes e à sua capacidade de recrutamento

ou ainda em compasso de espera. Hoje ele constitui a maior ameaça à paz e à segurança internacionais e materializa a mais contundente revolução no combate assimétrico jamais ocorrida.

Mas há outro aspecto da atuação do EI pouco conhecido: suas atividades, visando, obviamente, conquistar o apoio da população das áreas por ele dominadas. O conhecimento de alguns de seus integrantes sobre o comércio de petróleo tem deixado muita gente impressionada. Pessoas que praticavam o contrabando, ao tempo de Saddam Hussein, para fugir das sanções impostas pela ONU nos anos 90, estão agora fazendo o mesmo para o EI. Consta que vendem cada barril do “ouro negro” a preços 50 a 55% mais baixos do que o valor de mercado. O lucro daí resultante vai, parte para a cúpula do EI e parte para fazer funcionar escolas, fornecer energia elétrica,

telecomunicações, água, alimentos e outros serviços aos árabes residentes nas áreas aludidas. E esse apoio já vem sendo estendido a outras cidades no Iraque e na Síria, bem como a regiões da Turquia e da Jordânia, destarte criando um sistema próprio de patrocínio panterritorial. O Hezbollah faz coisa semelhante no Líbano

A CRISE NO CRISTIANISMO FACILITOU A EXPANSÃO

É sabido que o cristianismo, levado por missionários, dentre os quais, entre os pioneiros, o extraordinário Paulo de Tarso, da Terra Santa passou à Ásia Menor e daí à Europa. Teve, durante muitos anos sua sede em Roma, como Igreja única, e daí começou a espalhar-se para o mundo todo. Com a Reforma Protestante de 1517, uma outra vertente do cristianismo – sem



mencionar o surgimento antes, da Igreja Ortodoxa, que se limitou ao Sul do Continente e aos Balcãs – espalhou-se também, em particular por Alemanha, Grã-Bretanha, Escócia, Irlanda. Países Baixos e Países Nórdicos. E, em seguida, essa nova mensagem foi levada aos outros continentes. No Brasil, recebemos sacerdotes católicos romanos da Itália e da Espanha, em maioria, e pastores protestantes da Grã-Bretanha e dos EUA.

O que está acontecendo na Europa, desde a segunda metade do século XX e agravando-se no presente século? Sabemos que religião não salva, denominação não salva. O que salva é a fé. Mas a fé vem pelo ouvir a pregação da Palavra de Deus (Romanos 10:17). Ressalte-se que, por se afastar da verdade, a Igreja, tem sido ela própria, o seu pior inimigo. Há escândalos no Vaticano (problemas financeiros), há escarcéus com casos de pedofilia, homossexualismo e outros, muitos acobertados. No começo deste século, a revista *Time* publicou uma longa reportagem acerca do declínio da religião cristã na Europa e a chamada de capa para tão interessante matéria era: “Onde Deus foi? Onde está a fé cristã?”.

Tal trabalho revelou que muitas pessoas entrevistadas declararam que religião não tinha importância para elas, isso na França, na Grã-Bretanha, na Holanda e na Espanha. A Universidade Tilburg, da Holanda, nos primeiros anos do Século XXI, realizou um estudo em vários países do Velho Continente, o qual serviu de base à reportagem acima referida. Nesse estudo, à guisa de introdução e chamada, dizia: “As Igrejas estão cheias apenas pela metade”.

Duas perguntas foram formuladas: Você tem alguma religião? Em caso afirmativo, vai a um serviço religioso (missa ou culto) pelo menos uma vez por mês? Não vamos reproduzir a extensa lista de resultados, mas apresentar apenas alguns, os mais expressivos, para maior e para menor, em percentual da população, reafirmando que, desde então, a situação piorou bastante:

País	Você tem uma religião? Responderam sim	Em caso afirmativo, vai à sua igreja ao menos uma vez por mês?
Grécia	96	11,9
Polônia	95,7	78,3
Dinamarca	90	11,9
Portugal	89	51,2
Finlândia	88,1	11,9
Grã-Bretanha	83,4	14
Itália	82,2	57,7
Islândia	81,3	31,5
Alemanha	76,6	30
Suécia	75,8	9,3
França	57,5	13
Países Baixos (Holanda)	44,8	25,3
República Tcheca	33,6	11,7

Diz-se que o Catolicismo Romano continua sendo a religião majoritária na Europa, mas o número daqueles que declaram segui-la caiu em mais de 30% desde 1978. E o número de pessoas que procuraram admissão como membros em igrejas cristãs diminuiu em torno de 20% desde então.

Esse declínio não é só estatístico, ele é visível: muitas igrejas fechadas, símbolos (como a cruz) retirados de escolas e repartições públicas; o número de chamados ao sacerdócio, reduzido. Templos históricos transformados apenas em museus para turistas, que os visitam sem a menor reverência, ou que viraram “pubs” ou restaurantes. Isto sem falar nos “ventos de doutrina”, que sopram aqui e ali...

E nos EUA, a potência cristã, paladina da democracia e a quem devemos a vinda de tantos missionários? O Presidente Barack Obama, em seu primeiro mandato, em 2009, declarou: “Nós não nos consideramos uma nação cristã”. Teria ele razão em fazer tal afirmativa? A verdade é que muitos veem os EUA em fase de descristianização.

Foi mais ou menos isto que a filha de Billy Graham respondeu, franca e lamentavelmente, citando exemplos, quando lhe perguntaram onde estava Deus em 11 de setembro de 2001, quando do ataque terrorista islâmico às Torres Gêmeas de New York. Embora 86% dos norte-americanos tenham declarado serem

cristãos em 1990, lá pelo ano 2007 este percentual tinha caído para 78%. No ano em curso, 2015, 7 entre 10 pessoas ainda confessaram ser cristãs. Todavia, o número daqueles que se consideram ateus, agnósticos ou que não têm crença alguma, tem chegado a 23 entre 100, número este que excede o de católicos romanos e é ligeiramente menor do que daqueles evangélicos que pertencem a uma das maiores Igrejas conservadoras: Presbiteriana, Metodista, Batista, Luterana e Episcopal.

O número destes últimos decaiu de 50% em 1958 para 14% atualmente. Depois da geração dos anos 1960, (a do “faça amor e não a guerra”), a herança por ela deixada foi a de que, como pensavam, as Igrejas são irrelevantes para a mocidade norte-americana. Antes de 1945, 85% dos americanos do norte nascidos eram de famílias cristãs, mas apenas 57% dos que nasceram depois de 1980 o são. Podemos pensar sobre a razão de tal decréscimo, pelas experiências que oferece.

O Presidente Woodrow Wilson afirmou: “A América nasceu uma nação cristã”; e Harry Truman assegurou “Esta é uma nação cristã”. Exatamente ambos disseram o que Barack Obama vem de modificar, multiplicando por -1, no linguajar matemático, aquelas declarações.

Quais seriam as razões deste fenômeno? Pesquisadores levantaram quem são os culpados por tal declínio:



- majoritariamente, apontam a Suprema Corte, eis que, desde a era Earl Warren, que mandou retirar todos os símbolos cristãos das escolas e logradouros públicos, criaram-se condições para a chamada “revolução secularista”;

- os novos valores anticristãos que vêm sendo absorvidos pela elite cultural – artistas, professores, meio universitário, profissionais de comunicações – e que começaram a ser divulgados através de livros, revistas e filmes, um assalto às crenças cristãs e à moral;

- a revolução social promovida pela geração dos anos 1960, já aludida, com os festivais Woodstock e eventos dissolutos semelhantes;

- a contracultura divulgada por aquela geração e os novos valores trazidos por ela, que foram sendo abraçados pelas elites e passaram a dominar a cultura, chegando até à Casa Branca.

Com tudo isso, declinou o cristianismo, enquanto cresceram o individualismo, o materialismo e o hedonismo. Daí o aumento do número de abortos (mais de um milhão por ano), de suicídios, da eutanásia, vistos agora, pela geração “selfies”, como marco do progresso social de uma sociedade americana. “Pão e circo” era o lema do velho Império Romano para manter dominados os povos conquistados. Hoje esse lema mudou para “Sexo, drogas e rock’n roll”.

Permitam-me os leitores apresentar uma experiência pessoal, um testemunho, para ilustrar e ratificar o que se está registrando. Residi nos EUA, no meio-oeste, Estado de Kansas (“The Bread basket of the world”) ao largo de uma pequena cidade, então com trinta e cinco mil habitantes, na segunda metade dos anos 1970. Havia terminado a guerra do Vietnã, com a derrota americana, reconhecida por eles e iniciada no próprio país. Lá havia igrejas grandes, tanto católico-romanas como evangélicas, de diversas denominações: presbiteriana (onde eu congregava), metodista, batista, episcopal e Assembleia de Deus. E também Testemunhas de Jeová. Na enorme organização militar onde eu trabalhava e residia, havia uma histórica Capela Anglicana, construída pelos desbravadores na marcha para o oeste (a travessia do Rio Missouri fazia-se ali), uma Igreja Católica Romana, um templo ecumênico cristão e um templo maçônico. Aos serviços dominicais, comparecia um bom público. Nunca mais voltei lá e creio que, em uma área conservadora, não deve ter havido sensíveis alterações ao longo do tempo. Porém, a partir de 2002, passei a viajar regularmente, uma vez por ano, para New Jersey, na costa leste, para visitar parentes que lá residem. Soube que os efeitos da contracultura fizeram-se sentir. Porém, após os atentados de 11 de setembro de 2001, do outro lado do

rio Hudson, as igrejas voltaram a ficar cheias. O patriotismo aflorou vibrante: viam-se Bandeiras Nacionais em um grande número de imóveis e tremulando nas antenas dos carros.

Passaram-se os anos. Não ocorreu outro atentado do gênero. As igrejas voltaram a ficar vazias. Em duas que visitei, grandes, não havia mais de 20 pessoas, se muito, no culto dominical. Até no culto do Dia Nacional de Ações de Graças, que recebe mais ênfase do que o próprio Natal, era pífia a presença. A propósito, lembro, aqui pensamento de um velho soldado Marlborough (Século XVII), que muito me agrada repetir:

Amamos nosso Deus e nossos soldados nos momentos de perigo, não antes. Passada a refrega, eles são recompensados: nosso Deus é esquecido, nossos soldados são desprezados.

Arnold Toynbee, consagrado historiador, escreveu: “Civilizações falecem por suicídio, não por assassinato”.

Como complicador, não levado em conta por muito tempo, há também o fator demográfico. A população de um país, que conforma a nação, é eterna, geração após geração, num processo contínuo e incessante. Governos passam, são transitórios. E uma nação tem suas características, seus valores, suas tradições, hábitos, costumes, que são transmitidos de geração a geração: pais

para filhos, estes para seus filhos, e assim por diante. Todavia, já está comprovado que, para que uma cultura seja preservada por mais de 25 anos, é necessário que haja uma taxa de fertilidade, na nação, de 2,11 filhos (estatisticamente) por família, ou por casal. Abaixo deste valor ou índice, a cultura sofre um processo de decréscimo, de esquecimento. Dados históricos mostram que nenhuma cultura sobreviveu com uma taxa de fertilidade de 1,9 e, quando este indicativo chega a 1,3, é praticamente irreversível, uma vez que seriam necessários de 80 a 100 anos para corrigir esse problema, economicamente insustentável.

Um vídeo elaborado pela 1ª Igreja Batista de São José dos Campos é assaz elucidativo ao abordar o assunto, inserido no tema da Expansão do Islamismo no mundo e o que a tem facilitado. É um alerta a todos nós. Dele retiramos as informações acima e outras a seguir, por sua oportunidade e clareza.

Na França, a taxa de fertilidade é de 1,8; na Grã-Bretanha 1,6; na Grécia 1,3; na Alemanha 1,2; na Itália 1,2; na Espanha 1,1. Todos assaz preocupantes, pois abaixo do limite 1,9. Na União Europeia como um todo, com seus 31 países-membros, a média dos índices de fertilidade está abaixo de 1,38. Ora, tais dados indicam que a população autóctone está diminuindo. Mas, com tudo isto, a população dos países europeus não



está decrescendo graças à imigração. E imigração islâmica. Portando, enquanto a população natural de um país encolhe, acontece o mesmo com a cultura. Cerca de 90% dos imigrantes, desde 1990, têm sido de islâmicos, cuja taxa de fertilidade é de 8,1. E eles casam-se entre si.

É natural que um imigrante, para viver bem, precise adaptar-se à vida do novo país para onde se mudou, onde vai residir. É óbvio que há uma troca de experiências, mas aquele que chega tem muito mais a receber, a aprender, do que a transmitir o que ele traz de sua origem, como, por exemplo, hábitos alimentares, comidas típicas, vestuário, artesanato etc. Mas com os indicativos acima, é o imigrante que está transmitindo muito mais do que recebendo.

A EXPANSÃO POUCA A POUCA E CONTÍNUA

O avanço do islamismo é marcado por violência e mortes. Dizem que isto está na essência da Sharia. Verdade ou não, levantamentos realizados revelam que, em 1.400 anos, o número de mortes causadas pela jihad – e essas mortes são chamadas de “lágrimas da Jihad” – é o seguinte:

- cristãos: 60 milhões;
- hindus: 80 milhões;
- budistas: 10 milhões; e
- africanos: 120 milhões.

Respaldam tal conduta as prescrições da documentação básica, referida no início deste artigo, que diz que “um mártir muçulmano é aquele que mata por Alá e pelo Islã”, e qualquer pessoa que matar um kafir pode tomar para si o que puder.

Nos dias atuais, sabe-se que o Islã já controla politicamente o Afeganistão, a Argélia, o Bahrein, o Egito, a Guiné, a Indonésia, o Irã, o Iraque, a Jordânia, o Kuwait, a Líbia, as Ilhas Maldivas, a Mauritânia, o Marrocos, o Omã, o Paquistão, o Catar, a Arábia Saudita, o Senegal, a Somália, a Tunísia, a Turquia, os Emirados Árabes Unidos e o Iêmen. No Cazaquistão, na Tanzânia, na Malásia, no Mali e em Moçambique, a população muçulmana já é maior que 50% do total. Na Índia, na Rússia, na Tailândia, Zâmbia, Gana, Quênia, Madagascar, Suriname (na América do Sul), esse percentual vai de 10% a 50%.

Como se vê, com grande concentração no Oriente Médio, África e Ásia, o islamismo já é abraçado por uma significativa parcela da população mundial, já sendo, incontestavelmente, a segunda maior religião do planeta, que cresce a olhos vistos e ameaça ultrapassar o cristianismo.

Dissemos antes que, em face do crescimento ínfimo da população de outros países ocidentais, a solução para que não falte mão de obra é baseada na imi-

gração. Há imigração regular e, às escâncaras, a irregular, seja por terra, passando pela Ásia Menor, indo aos Balcãs e daí espalhando-se pela Europa, seja atravessando o Mediterrâneo em uma aventura arriscada que no corrente ano já fez 2.373 vítimas.

No Mediterrâneo, nestes últimos dias, uma corveta da Marinha do Brasil que navegava para substituir uma fragata da mesma Força, que, a serviço da ONU, patrulha a costa da Faixa de Gaza, vem de resgatar 220 refugiados, dentre os quais mulheres e crianças, que estavam em vias de naufragar, a bordo de um bote com excesso de pessoas.

É certo que não se pode afirmar que todos esses refugiados são muçulmanos, mas a maioria é, o que irá agravar o quadro já existente. Alguns países europeus já estão tentando barrar essa avalanche. A Hungria, por exemplo, pretende construir um muro na fronteira para impedir a entrada pela Sérvia.

A França, parece, acordou para o problema. Talvez um pouco tarde, pois 30% de sua população com menos de 20 anos já é de maometanos. Em cidades maiores, como Paris, Marselha e Nice, esse percentual sobe para 45%. Em 2027, estima-se que 1 em cada 5 franceses será muçulmano. E o sul da França, onde outrora havia belíssimas catedrais, em grande número, agora há mais mesquitas do que igrejas. Na Grã-Bretanha,

nos últimos 30 anos, a população muçulmana cresceu de 82 mil para 2,5 milhões, o que significa que aumentou 30 vezes. Lá já existem milhares de mesquitas, e algumas delas foram Igrejas cristãs no passado. Na Holanda, metade dos recém-nascidos foi em famílias muçulmanas e, em 15 anos, estima-se que 50% da população também o será. Na Bélgica, 25% da população segue o Islã e 50% dos recém-nascidos o foram em famílias muçulmanas. Na Rússia, há mais de 23 milhões que professam o islamismo, o que significa 1 em cada 5, e 40% dos soldados russos são muçulmanos.

O Governo Alemão foi o primeiro a reconhecer publicamente essa realidade, quando declarou: “A queda da população alemã não pode mais ser detida. Sua espiral descendente não é mais reversível. Este será um estado muçulmano em 2050.”

O presidente da Líbia, Muammar Kadafi, já falecido, declarou que: “Há sinais de que Alá garantirá vitória ao Islã na Europa, sem espada, sem armas e sem conquistas. Não precisamos de terroristas ou homens-bomba suicidas. Os mais de 50 milhões de muçulmanos na Europa a transformarão em um continente islâmico em poucas décadas”. De fato, pelo que foi registrado acima, estima-se que, em pouco mais de dez anos, o número deles ultrapasse os cem milhões.



No Continente Americano, sabe-se que, no Canadá, a taxa de fertilidade é de 1,8, bem abaixo dos 2,11 e bem próximo de 1,3. Também lá a população aumentou devido à imigração. O Islã é a religião que mais cresce. Nos EUA, a taxa de fertilidade, que estava em 1,6, cresceu para 2,11 graças, sobretudo, à imigração de latino-americanos. Mas o número de muçulmanos que em 1970 era de 100 mil, hoje já é de quase dez milhões.

No Brasil, até agora, há pouco mais de um milhão de muçulmanos espalhados em todo o território nacional, sendo que as maiores comunidades encontram-se em São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná (Curitiba e Foz do Iguaçu) e Rio Grande do Sul. Não há registro de violência praticada por lá, mas sabe-se que da tríplice fronteira Brasil-Paraguai-Argentina já saiu apoio financeiro à jihad. E já foram vistos muçulmanos distribuindo folhetos com informações na movimentada Praça da Sé, na capital paulistana.

Há ainda outras constatações sobre os efeitos da imigração muçulmana na Europa, conforme encontrado na mídia, algumas curiosas e outras que revelam a longa preocupação com os resultados que deviam ser previstos:

- há momentos em que o tráfego fica congestionado em certas ruas de bairros de Londres, porque muçulmanos estão nelas orando;

- já há em certos países como França, Alemanha e nos Balcãs, verdadeiros enclaves muçulmanos, tais como guetos, onde só eles vivem e que são áreas proibidas para os carros e até para a polícia (no go zones). Nelas há escolas onde só podem ser usados livros-textos aprovados por autoridade do Islã. Neles, ainda são recolhidos recursos financeiros para apoio à Jihad;

- segundo as Cortes britânicas, é proibido aos cristãos falarem sobre o cristianismo ou entregar folhetos e outras publicações religiosas aos muçulmanos;

- como o estupro pode, na Shari'a, ser aplicado a mulheres infiéis, não-muçulmanas, a polícia sueca é proibida, em suas investigações, de divulgar dados que possam apontar para o Islã;

- já ocorreram, em Londres, manifestações em massa de muçulmanos desejando que a Sharia passe a regular a vida de todos, independentemente de religião;

- durante o Ramadã, evento religioso que obriga o muçulmano a jejuar do nascer ao pôr do sol, nos hospitais é proibido aos não-muçulmanos comer na frente dos que estão seguindo os mandamentos de Maomé;

- em hospitais britânicos, mulheres muçulmanas são tratadas apenas como exige a lei islâmica;

- universidades europeias recebem pedidos para proverem piscinas e

outras áreas de lazer onde haja privacidade para as mulheres muçulmanas;

- há escolas de terceiro grau nas quais, ao se estudar a história do islamismo, é proibido usar o pensamento crítico;

- já houve processo contra hospitais por não terem proporcionado, a pacientes muçulmanos, tratamento seguindo a Sharia;

- em certos aeroportos, já estão sendo montadas salas para que os muçulmanos possam fazer suas orações e banheiros com peças de louça de formato especial que permitem a eles lavar os pés antes de seus rituais de oração. No terminal da empresa Emirates, em Orlando, na Flórida, já existe isso;

- refugiados ou imigrantes islâmicos trazem para países onde vão viver, nos quais não há poligamia, suas esposas, ao arrepio das leis neles vigentes. Sabe-se, também, que nos EUA as penitenciárias e presídios tornaram-se redutos para conversão de detentos ao Islã. E que escolas, fábricas e outras organizações enfrentam pedidos de tempo e espaço para as orações islâmicas.

No momento, o grupo que mais causa preocupação, por suas ações caracterizadas por pura barbárie e violência, força retrógrada e autodestrutiva, é o Estado Islâmico (EI ou ISIS). É também, na verdade, algo mais denso, articulado e, por isso, mais perigoso. É um

califado digital, com ameaças e imagens horripilantes. Tem alto sentido publicitário, pois visa a amedrontar a sociedade ocidental e sensibilizar jovens vulneráveis em seus respectivos países, atraindo-os e convocando-os para se integrarem à campanha “heroica” em defesa, ou na busca de um “admirável mundo novo, livre de infiéis, onde todos serão iguais, sem fome e sem miséria, com o ocaso do capitalismo e dos ultrapassados valores ocidentais”. Considerando Damasco, na Síria, como “centro do mundo”, o EI promete apressar a chegada de uma idade de ouro, semelhante à que se seguiu à morte do profeta Maomé, quando o califa será o efetivo lugar-tenente de Alá. Trata-se, portanto, de uma campanha expansionista “em terreno anfíbio”. Há duas guerras em curso: a física e a virtual.

No vazio de poder que se instalou no Iraque e, depois, na Síria, o EI vem conquistando cidades e logo assumindo tarefas administrativas que seus habitantes não conheciam, uma vez que não estavam nas preocupações dos governos respectivos: restauram os serviços públicos, especialmente de água e luz; hospitais voltam a funcionar, e também o comércio e segurança. A receita dos poços de petróleo, como mencionado antes, garante-lhes milhões de dólares, à qual se somam as ofertas recebidas de países vizinhos, que lhes fornecem também armas modernas e disponibilizam centros de treinamento.



Destarte, em sua expansão, realizam o que chamam de “limpeza ética e religiosa”.

Presentemente, o centro de gravidade das ações do EI ainda é o Iraque. Mas sua jihad não se limita ao Oriente Médio. Pretende levá-la além, à Europa e aos EUA, eis que ameaça friamente: “Atacaremos vocês de surpresa, vocês não farão nada contra nós, conquistaremos sua Roma, quebraremos suas cruzes e escravizaremos suas mulheres, com a permissão de Alá. Esta é a sua promessa para nós”.

E a atuação desse grupo, que lembra a da al-Qaeda, obedece alguns princípios, como que grandes objetivos estratégicos:

- execução em massa, especialmente de cristãos. De fato, quando conquistam uma cidade, é essencial, desde logo, decapitar o primeiro a ser preso, seja muçulmano xiita, cristão, criança, civil supostamente traidor, para infundir o terror e mostrar que agora eles é que estão no comando. O deliberado assassinato de cristãos na Síria, no Iraque e na Líbia teve o propósito de revoltar o mundo ocidental.

- escravidão sexual. Argumentando que a lei da Sharia respalda tal procedimento, procuram chocar os valores ocidentais com tal ameaça e com a notícia do leilão de meninas impúberes e com a de que as dão de presente, como recompen-

sa, a combatentes da jihad. Isto é pior do que simplesmente matá-las.

- destruição de antiguidades. Tem o propósito de apagar o passado. Argumentando que a potência hegemônica e outros países do 1º mundo nunca estiveram realmente interessados no que acontece no Oriente Médio – onde árabes vêm lutando durante anos, matando-se uns aos outros – mas só em suas riquezas, têm provocado a ira do mundo ocidental pela destruição de seu patrimônio histórico, parte até tombado pela UNESCO. Seguindo os passos dos talibãs, que destruíram velhas estátuas de Buda, os jihadistas do EI destruíram recentemente uma estátua do Leão de al-Lat, com três metros de altura e algumas toneladas de peso, de mais de dois mil anos (seria do Século I a.C.), a golpes de marreta. Com este, nove dos dez patrimônios mundiais na Síria e no Iraque já foram destruídos. Numerosos locais históricos estão sendo varridos do mapa. Tem ocorrido também, aproveitando-se do caos na região do rio Eufrates, a pilhagem de sítios arqueológicos no país, levados depois, via terrestre, através da Turquia ou do Líbano, para serem vendidos a receptadores no próprio Oriente Médio, na Europa, China e EUA. Até os muros milenares dos 40 povoados antigos do noroeste sírio têm servido de alvos para treinamentos militares dos jihadistas. Aleppo e Palmira, cidades his-

tóricas da Síria, já estão com 60% de sua área destruída.

- ataque a turistas. Turistas trazem maus exemplos, têm hábitos e costumes que nos convém proibir, é o que possivelmente pensam os que atacam estrangeiros, que viajam atraídos por locais aprazíveis, como a Tunísia, apontada como um dos dez melhores locais para descanso. Daí os atos de terrorismo contra eles, amplamente noticiados.

- ataque aos homossexuais. Como o direito dos gays é algo preservado no mundo ocidental, procuram matá-los, com grande propaganda, seja decapitando-os, seja com um tiro na nuca, seja jogando-os do alto de um edifício.

Como é perfeitamente compreensível, são ações de fanáticos desumanos em sua luta para expandir suas ideias. Matar em nome de Alá?

CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM ALERTA

A Rádio al-Bayan, que alcança milhares de ouvintes, que pode ser sintonizada pelas redes sociais e cujas transmissões se comparam, pela nitidez, a qualquer estação do Ocidente, divulga, em inglês com sotaque norte-americano, as notícias do dia: vitórias do ISIS ou EI. Porém o objetivo desses programas não é informar, e sim recrutar ocidentais.

Calcula-se que cerca de dez mil jovens, ávidos por aventura, já terão atendido a esse chamado, mas a qualidade da transmissão evoluiu muito desde que, em 1992, um francês, em nome da al-Qaeda, ameaçou a França. Vídeos do EI, falados em três idiomas, mostram homens de olhos claros em treinamento jihadista, execução de prisioneiros e também em ataques suicidas. Em idiomas de países da Europa, por exemplo, convocam médicos para acabar com o sofrimento de muçulmanos que não têm acesso à medicina adequada, mostrando-lhes equipamentos e aparelhagens novos que estariam à disposição deles; outra transmissão dizia que os que aceitassem o convite poderiam trazer suas famílias, e cursar Medicina gratuitamente; outra, ainda, dizia que a água é grátis, a gasolina subsidiada e que os serviços odontológicos são superiores aos oferecidos no mundo ocidental. São técnicas de atração que têm dado certo e que têm sido difíceis de combater, reconhecem cientistas políticos.

O EI tem pago a famílias espanholas para que se juntem a ele na Síria e no Iraque, e elas vêm sendo atraídas, não só pela ideologia jihadista, mas também pelo ganho financeiro oferecido – cerca de 20.000 euros de ajuda de custo, mais residência e um salário mensal – a fim de garantir estabilidade e ordem nos territórios conquistados.



Porque, com pouco mais de quatro anos de conflito, a guerra na Síria provocou mais de 230 mil mortes e deixou pelo menos 4 milhões de desabrigados. Um terço da população teve que se deslocar e grande parte para o Velho Continente, em busca de refúgio.

O Primeiro-Ministro inglês David Cameron, depois do ataque a turistas na Praia de Sousse, na Tunísia, ação esta praticada pelo EI – e assumida – e que acabou com 39 mortos, pressionado, prometeu “uma resposta em larga escala contra essa organização terrorista”. E declarou: “O combate ao EI é a luta de nossa geração e ela será longa. Temos de dar à nossa polícia e serviços secretos as ferramentas de que eles precisam para erradicar esse veneno”. E informou que as autoridades impediram quatro ou mais atentados no país, nos últimos meses.

A Ministra da Justiça da França, em recente e longa entrevista, apontou as dores do seu país e da Europa neste momento de crise de identidade, ameaças terroristas, angústia com o destino da Grécia e desorientação no trato com imigrantes.

Seis meses após o atentado ao jornal *Charlie Hebdo*, que ocupou as manchetes dos meios de comunicação ocidentais, declarou que “A guerra que estamos enfrentando em três continentes não é uma guerra de civilizações, nem é uma guerra religiosa, porque os muçulmanos

são os que mais morrem nas regiões em guerra, onde há atos terroristas todos os dias. É uma guerra política! Houve uma mudança a partir do momento em que o EI conquistou um vasto território, com riquezas e um potencial econômico importante.

As interpretações do Islã e a guerra aos infiéis são um pretexto; é um projeto político. Depois da 2ª Guerra Mundial, a Europa se habituou à ideia de que a guerra tem regras – a Convenção da ONU, por exemplo, estabelece crimes de guerra e define as sanções para os criminosos. Mas o EI mostra que pode fazer guerra sem nenhuma regra, que as convenções nada valem para seus atos. Nós fomos pegos de surpresa. Integram-nos gente de todo lugar, da Tunísia, do Marrocos, até das pequenas ilhas do Caribe. O número é grande e é importante trabalhar para impedir esse recrutamento. O que o EI faz é monstruoso.

Seus integrantes sabem disso e o usam como uma maneira de chocar, de criar um efeito psicológico: mostram um espetáculo odioso com as decapitações. O número de jovens franceses fascinados pelo EI não me surpreende, mas mexe comigo, pois eles nos jogam na cara alguns de nossos fracassos. A juventude é a idade da alegria, da descoberta, da esperança, da confiança em si mesmo, da leveza em relação ao mundo. O que não fizemos ou fizemos mal para que os jo-

vens tenham perdido o amor pela vida? É um fracasso não darmos confiança no futuro a esses moços fascinados pelo crime e pela morte. A Europa está desorientada ... habituou-se a tratar dos sintomas e esqueceu-se de indagar as causas”.

E sobre as levas de refugiados, prosseguiu: “As pessoas chegam às costas italianas ou espanholas fugindo da desordem do mundo, portanto a Europa tem de dar uma resposta condizente com seus valores fundamentais: o humanismo, a solidariedade, o respeito ao ser humano. Não podemos só tratar o problema assim, há um trabalho de identificação das redes criminosas. Estas, precisam ser combatidas e o as imigrantes acolhidos: dar asilo nos casos necessários e, para os que fogem da miséria ou de mudanças climáticas, é necessário acolhê-los provisoriamente. Eles enfrentam todos os riscos, porque é insuportável a vida em seus países. Temos que trabalhar para que possam ser mais felizes em sua nova casa”.

Mas a Alemanha, que demonstrou disposição para ajudar, agora está reconsiderando sua posição. Munique já não suporta o número de imigrantes que lá chegam. O governo alemão já decidiu realizar o controle de fronteiras, especialmente com a Áustria, como maneira de forçar a União Europeia a estudar a questão e aceitar um plano de dividir os refugiados, que passarão a

não ter o direito de escolher o seu novo destino. Sim, porque a eles só interessa estabelecer-se na Alemanha, na França, na Holanda e na Suécia, por exemplo, e não na Grécia, na Albânia, na Bulgária e em outros países da Europa Central e dos Balcãs. E há Estados de maioria católica romana, como Polônia, República Tcheca, Hungria, Eslováquia, que se recusam a receber muçulmanos. A Áustria e a Hungria já estão construindo barreiras para impedir a entrada de imigrantes muçulmanos vindos dos Balcãs.

Aí estão dois problemas: os fanáticos jihadistas, que querem expandir suas ideias distorcidas à custa de mortes, assassinatos, estupros, violência enfim, que podem infiltrar-se nessas levas de imigrantes – lembremo-nos de que os terroristas da al-Qaeda que jogaram aeronaves contra as Torres Gêmeas e o Pentágono, residiam nos EUA – e as famílias que perderam tudo e querem levar uma nova vida em paz, distante do cenário de guerra onde viviam. De qualquer forma, haverá nos países da Europa um aumento considerável de islâmicos, eis que, sem dúvida, são a maioria daqueles refugiados. A estimativa de mudança de valores, de identidade nacional antes comentada, só se agravará.

E o jornal inglês *Sunday Express* vem de publicar uma grave denúncia: mais de 4.000 militantes do EI já entraram na Europa, disfarçados de refugiados:



atravessaram o Mediterrâneo para chegar à Itália e, depois, à Alemanha e à Grécia. O jornal afirma que essa infiltração maciça de militantes é parte de um elaborado plano de vingança contra os ataques aéreos às posições do grupo, na Síria e no Iraque, realizados pela coalização internacional liderada pelos EUA. Uma fonte do EI revelou – diz o periódico – “Não queremos estabelecer o califado apenas na Síria, mas também no mundo”.

O *Daily Mail*, outro importante jornal britânico, revela que milhares de muçulmanos, inclusive radicais, vêm mentindo sobre sua verdadeira religião para facilitar sua admissão e este é apenas um dos argumentos que usam para ter sua entrada facilitada. E o jornal acrescenta que se deve esperar para breve uma onda de ataques terroristas na Europa.

No encerramento da 41ª reunião do G7 (EUA, França, Canadá, Reino Unido, Alemanha, Itália e Japão), perante representantes de países do grupo e líderes convidados do Iraque, da Etiópia, da Libéria, Nigéria, Senegal e Tunísia, bem como dos Presidentes da Comissão Europeia, do Conselho Europeu e do Secretário-Geral da ONU, o Presidente norte-americano Barak Obama declarou não dispor ainda de uma estratégia para conter o EI e que, no combate que vem travando, tem tido sucessos, mas também reveses. Pergunta-se: não dispõe, ou não quer tê-la?

Para combater o EI, já há, na Síria e no Iraque, um grupo de antijihadistas de países distintos, como Canadá, Holanda, Grã-Bretanha, EUA e China, de mais de quatrocentos estrangeiros que se uniram, voluntariamente, às tropas curdas, sírias e iraquianas. Encaram isto como uma luta contra a barbárie dos extremistas sunitas e sua “intolerante leitura do Alcorão”. São poucos ainda, em comparação com o número de estrangeiros que já se filiaram ao EI, o qual, segundo dados fornecidos pela ONU, é de mais de 25 mil.

Na Síria, outrossim, organizou-se a YPG–Unidade de Proteção Popular, semelhante à tradição das Brigadas Internacionais que lutaram na Guerra Civil Espanhola.

Encerrando este trabalho, não sendo o autor descendente, seja de árabes, seja de judeus, mas tendo amigos diletos em ambas as etnias, é preciso observar o papel do Estado de Israel neste contexto. Já mencionamos antes que o objetivo político de todas as organizações muçulmanas aqui listadas é eliminar o Estado de Israel do mapa do Oriente Médio, “como um intruso na área”. Mas muitos consideram que Israel é o escudo que preserva, presentemente, a cultura ocidental ameaçada. E, embora o EI ainda não tenha atacado o estado judeu, já tem atuado em Golã, região estratégica que Israel conquistou

da Síria na guerra de 1967, e que julga importantíssima, não só pelos recursos hídricos – nascentes do Rio Jordão – ali existentes e vitais para uma área onde a água é carente, como observatório sobre a Síria e posição de defesa para barrar qualquer invasão terrestre de lá vinda. A propósito, vale lembrar: Israel tem negado receber refugiados que lhe pedem asilo. O argumento do Primeiro-Ministro Benjamin Netanyahu é: “Não vamos deixar Israel afundar por causa de uma onda de imigrantes ilegais e militantes terroristas”.

Causa espécie, também – e a mídia internacional não tem questionado isso – por que países ricos do Oriente Médio, geograficamente próximos e com identidades linguística, cultural e religiosa, como a Arábia Saudita, o Ca-

tar, os Emirados Árabes, o Kuwait e o Bahrein, não se ofereceram para receber os “irmãos” refugiados.

Tendo em mente as consequências da imigração islâmica na Europa, antes abordada, reafirmamos que, como escreveu alguém que não identifico: “Quando a fé morre, a cultura e a civilização que dela nascem morrem também e então a nação morre. E uma nova tribo, com seus próprios deuses, vem ocupar o espaço vazio”.

Países do Velho Continente, de onde o cristianismo se espalhou para o mundo todo e que estão à beira da islamização, precisam, urgentemente, de missionários cristãos, para cumprir a Grande Comissão cometida por Jesus Cristo a todos os que Nele creem. E de muita oração! 🙏

Califado Islâmico, elemento desestabilizador no equilíbrio geopolítico do Oriente Médio

Manuel Cambeses Júnior*

No tropel dos impactantes acontecimentos que ocorrem no dia a dia do acontecer mundial, por vezes não damos a devida importância a temas que merecem profunda reflexão e que são vitais para o equilíbrio do poder mundial, com inevitáveis reflexos em nosso país.

Queiramos ou não, o que vem ocorrendo atualmente no Oriente Médio está diretamente vinculado com o nosso futuro através, principalmente, do fio condutor do petróleo. Lembremos que a região do planeta onde mais se produz hidrocarbonetos é o Golfo Pérsico, e tudo que ali ocorre tem uma influência determinante nos mercados petrolíferos, em nível mundial. Para agravar a situação, aquela região é frequentemente castigada por irreconciliáveis e persistentes fricções geopolíticas que conduzem, inexoravelmente, a uma contumaz vio-

lência endêmica que, lamentavelmente, parece estar predeterminada nos genes de seus habitantes.

Os atuais acontecimentos que assolam a região têm sua origem em temas que se vinculam às três grandes religiões de cunho monoteísta: cristianismo, judaísmo e islamismo, cujas origens remontam a épocas bíblicas e a feitos transcendentais do passado, “extraídos desde o Êxodo até o Holocausto”, tal como afirmou, em impactante discurso, o então presidente estadunidense Ronald Reagan.

É de fundamental importância nos remetermos ao passado, a aproximadamente 1500 anos na História, para poder entender o que agora vem ocorrendo no Oriente Médio. No ano 570 depois de Cristo, nasce, em Meca, o Profeta Maomé. O Arcanjo Gabriel lhe revela, de forma milagrosa, uma nova

* Coronel-Aviador; sócio do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

religião, o Islã, cujos princípios estão definitivamente explicitados no livro sagrado intitulado Corão. A partir daí, esta religião passaria a ter uma influência fundamental na história da humanidade.

Maomé faleceu no ano 632 d.C. sem deixar nenhum sucessor, já que não possuía filhos do sexo masculino. Entretanto, sua filha Fátima se casa com um primo chamado Ali, que não tinha direito à sucessão por não ser descendente varão do Profeta.

Os primeiros Califas que sucederam Maomé – Abu Beckr e Umar – pertenciam à tribo dos Quaraish, provenientes da antiga aristocracia de Meca. Umar foi assassinado derramando o seu sangue sobre o sagrado Corão.

A partir daí, se inicia uma sangrenta guerra pela sucessão do Profeta. Finalmente, Ali – genro de Maomé e esposo de sua filha Fátima -, cai também assassinado no ano 661 d.C. Seu filho Hussein, neto de Maomé, reclama para si o Califado. Seu adversário era Yezeed, filho de Muawija, que havia sido o mais amargo antagonista do Profeta.

A caminho de Damasco, que à época era a capital do Califado, Hussein foi emboscado e assassinado por 4.000 homens que estavam a serviço de Yezeed.

A partir desse momento, se formam duas atuantes facções dentro do Islã. Os defensores dos direitos de Hus-

sein que passaram a se denominar shii (xiitas), e os defensores dos direitos de Yazeed, que passaram a se chamar de sunnis (sunitas). Desde então, xiitas e sunitas não pararam de cultivar um ódio secular. Em realidade, o derramamento de sangue entre eles nunca foi interrompido.

Bem, agora façamos uma pausa para interromper o curso da antiga História e retornarmos ao Século XXI. Retomemos o nosso relato 1.331 anos mais tarde, em 2014. Nos encontramos agora no Iraque e, para nossa surpresa, os mesmos incontidos ódios e frequentes derramamentos de sangue continuam entre aqueles homens, tal como se no dia anterior tivesse ocorrido o assassinato de Hussein. Desde então, tem ocorrido muitas coisas no mundo, porém os ódios ancestrais entre xiitas e sunitas lamentavelmente seguem sendo os mesmos.

Geralmente, os sunitas são ligados às populações das monarquias teocráticas como Emirados Árabes, Qatar, Arábia Saudita etc. Os xiitas, ao contrário, constituem 95% da população do Irã e 55% do Iraque.

Os sunitas costumam ser os mais radicais, os que defendem o legado de Osama Bin Laden e do grupo terrorista Al Qaeda, e que agora se rebelaram no Iraque e acabam de declarar a criação de um Califado Islâmico que engloba boa parte do território do país meso-



potâmico. Também são os mesmos que estão enfrentando na Síria a ditadura de Bashar al Assad.

Os norte-americanos, depois de terem retirado suas forças militares do Iraque, não encontram meios para reagir efetivamente à nefasta ação dessa instituição de alto grau de fundamentalismo sunita, que degola ocidentais e extermina implacavelmente inimigos, inclusive muçulmanos de outras vertentes do Islã. Para surpresa geral, tudo indica que estão recorrendo a seu arqui-inimigo Irã – cujo governo reivindica o legado do Ayatollah Kohmeini –, para tratar de restabelecer a ordem na região. Recordemos que faz pouco tempo o governo iraniano era acusado de estar desenvolvendo armamento nuclear e, consequentemente, colocando em risco o equilíbrio do poder mundial.

Diante deste instigante e curioso cenário, somos levados a crer que a geografia política da região está correndo

sério risco. Não se trata somente da criação do Califado Islâmico, mas, também, de boa parte da população do Iraque, os curdos – que embora sunitas, são de origem turca e não árabe –, que há muitos anos reivindicam a criação de um Curdistão independente. Se isto chegar a ocorrer a Turquia se verá seriamente ameaçada, já que os curdos constituem uma parcela significativa de sua população.

Para complicar ainda mais esse tremendo imbróglio geopolítico, na vizinhança de todos esses países está Israel, o único país da região dotado de armamento nuclear e a quem muitos árabes aspiram, ardentemente, apagar do mapa do Oriente Médio.

Diante deste cenário altamente complexo e preocupante, identificamos, na atualidade, o Califado Islâmico como elemento desestabilizador na geopolítica do Oriente Médio e, consequentemente, altamente influente no equilíbrio do poder mundial. ●

Reconquista da Bahia portugueses e espanhóis na defesa do Brasil

Aureliano Pinto de Moura*

ANTECEDENTES

Em 1590 chegavam à Guiana os primeiros colonos holandeses, na então chamada “Nova Andaluzia”. Dez anos depois chegaram a Belém do Pará, onde construíram as duas primeiras fortificações: Nassau e Orange.

Em 13 de setembro de 1598, Felipe III, Príncipe das Astúrias, foi coroado rei da Espanha. Em 1609, o Duque de Lerma, visualizando a situação internacional, compreendeu que não podia manter um tratado de paz com os holandeses, embora ambas as partes procurassem evitar hostilidades, acertando uma trégua de doze anos, podendo vir a se prolongar, no futuro, como um acordo mútuo.

No dia 31 de março de 1621, morreu, em Madrid, Felipe III, rei de Espanha, o primeiro Príncipe das Astúrias

a ser reconhecido como herdeiro de todos os tronos peninsulares. Neste mesmo dia, assumia o trono Felipe IV, um monarca mais participativo, mais presente diante dos fatos a serem enfrentados, como a concessão de vantagens para os holandeses nas Índias Orientais, onde, pouco a pouco, a Holanda vinha usurpando o comércio de Portugal, e causando graves prejuízos.

Mais dedicado ao trono, do que seu antecessor, Felipe IV procurou assenhorear-se dos fatos ligados à Holanda e das dificuldades a serem enfrentadas, no relacionamento com Amsterdã. Após a Batalha de Lepanto, a Turquia havia se voltado para o Oceano Índico, passando a se dedicar à pilhagem, nas rotas de Goa para Cidade do Cabo, exatamente no mesmo momento em que os holandeses se impunham no vasto, mas frágil, império português colonial.

* General-de-Divisão Médico, Presidente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



Graças à grande visão estratégica, D. Afonso de Albuquerque viu na união das duas Coroas, a defesa dos interesses de Portugal e da Espanha.

A RUPTURA COM A HOLANDA

No dia 10 de abril de 1621, expirou a trégua iniciada em 1609 entre a Holanda e a Espanha e logo os Conselhos Ibéricos dedicaram-se a longos debates sobre as atitudes a serem tomadas diante das hostilidades holandesas, com quase todos sugerindo uma ação de guerra contra a Holanda, como o Conselho Português e o das Índias, alarmados com a grande expansão comercial holandesa no Oriente.

A questão de comércio com as Índias era insolúvel e ao êxito da Companhia Oriental, alimentava o crescimento, como a Companhia das Índias Ocidentais, fundada em 23 de junho de 1621. Poucos meses antes de finalizar a trégua, com um capital de 7.000.000 florins, os holandeses contaram, em grande parte com a participação de comerciantes judeus estabelecidos em Amsterdã, após terem sido expulsos da Espanha e de Portugal.

Muito antes da união dos reinos peninsulares, Portugal e Holanda, mantinham um intenso comércio, quando o Brasil iniciava o cultivo da cana. Sua produção era quase toda exportada para

a Holanda, que refinava o produto em 25 fábricas próprias e reexportava para toda a Europa. Começada a trégua, o Brasil recuperou a exportação de açúcar até ao ponto que, durante os doze anos da sua duração, saíram para a Holanda, 50.000 caixas, de 525 kg, cada uma, do tão apreciado produto.

Em 1621 foi criado, por um banqueiro, o primeiro engenho de açúcar no Brasil, quando Amsterdã já contava com 25 refinarias. Ao ser criada a Companhia das Índias Ocidentais, foi redigido um documento estabelecendo que “[...] a Companhia das Índias Ocidentais deve tentar arrebatar ao Rei de Portugal a terra do Brasil e de tudo o que ele pode produzir”, o que já demonstra, desde aquele momento, o interesse em conquistar a Bahia, ou mesmo todo o nordeste.

A GUERRA MARÍTIMA

A trégua, não era das mais respeitadas nos teatros marítimos, que, naquele momento, já estavam globalizados. O Almirante holandês Joris Spielbergen materializara sua sexta violação do “Pacífico Espanhol”, que, para os espanhóis, sempre foi o Mar do Sul.

Em agosto de 1614, com seis navios, passando pelo Estreito de Magalhães, desemboca no Pacífico e saqueia a costa do Chile e do Peru, incendiando casas em Santamaria e Valparaíso, no

Chile, e travando combate em Conhete, com Rodrigo de Mendonça.

O Vice-Rei do Peru recebeu a notícia, com o Capitão-General do Chile armando, em seguida, seis batéis que saíram à procura dos holandeses. Encontraram-nos a 50 léguas de El Callao, em 17 de julho de 1615. No momento do combate, só participaram três batéis espanhóis, devido às condições de navegação, tendo ambas as partes, sofrido danos muito avultados e levando Spielbergen a retirar-se para o Norte. O almirante holandês subiu até a costa da Nova Espanha, atual México, e, em Acapulco, trocou alguns prisioneiros por provisões e lenha. Dirigindo-se em seguida para a ilha dos Ladrões, onde chegou a 6 de agosto de 1615, tocando mais tarde em Ternate e Java. Quanto a Spielbergen, a etapa seguinte levou-o à entrada da baía de Manila, desguarnecida, porque naquele ano já haviam preparado uma expedição às Ilhas Molucas, o que levou os holandeses irem a seu socorro.

CONQUISTA DA BAHIA

Em Amsterdã, recém criada a Companhia das Índias Ocidentais (WIC), os holandeses estudavam qual seria o melhor local no Brasil para ser ocupado. Hesitando entre Recife ou Salvador, tendo em conta que também tinha os seus interesses em Luanda, An-

gola. Pretendiam dispor de uma base ampla, segura e bem situada para facilitar a ligação às rotas africanas. Eram evidentes os motivos estratégicos, para debilitar o Império Espanhol e obrigá-lo a retirar suas forças do teatro europeu, facilitando os interesses comerciais, dos holandeses.

Após chegarem a um acordo entre si, os holandeses decidiram optar pela cidade de São Salvador, na Bahia, uma ótima localização para controlar todos os vértices do comércio triangular açucareiro, onde também incluíam Luanda, de onde trariam a mão-de-obra negra, necessária para as vastas plantações que sonhavam explorar no Brasil.

Em meados de janeiro de 1624 uma esquadra holandesa da WIC, composta de 35 navios, zarpou do Zuider Zee, comandada por Jacob Willekens e levado como segundo comandante Piet Heyn, que mais tarde seria um dos marinheiros mais célebres da Holanda.

Embarcou nesta esquadra uma Divisão de Infantaria de 3.300 homens, enviada por Johan van Dorth. O total de canhões desta esquadra era superior a 450, sendo, nesta ocasião, pintados de vermelho forte. O Comando da Esquadra recebeu instruções confidenciais que só poderiam ser abertas ao fundearem em Cabo Verde, pois nelas constava o objetivo a ser tomado: a cidade de São Salvador da Bahia de Todos os Santos,



fundada por Tomé de Sousa, em 1549, local de residência do Governador Geral e do Tribunal da Relação, assim como sede do Bispado do Brasil. Possuía cerca de 50.000 almas, incluindo os nativos que viviam nas suas redondezas.

Se o objetivo estava definido, a finalidade da missão também era: conquistar totalmente o Brasil, debilitar o comércio hispânico do Atlântico Sul e tornar a dita capital, o ponto-chave de apoio ao comércio holandês, servindo como união, tornando-se base fundamental das frotas em direção ao Índico, e, por último, encontrar uma rota terrestre para chegar até as minas de São Luis do Potosi, o sonho holandês, assim como dos ingleses, durante séculos.

A CIDADE DE SALVADOR

A Cidade de Salvador contava com dois fortes: o de Santo Antônio e o de São Felipe, situados no Nascente e no Poente da cidade. O Governador, D. Diogo de Mendonça Furtado, que ocupava o cargo há três anos, foi alertado para a aproximação da armada holandesa, o que o levou a reforçar os muros da cidade e construir um pequeno forte, com seis canhões, em uma ilha, diante de Salvador.

No dia 10 de maio de 1624, após pequena preparação de artilharia, Van Dorth ordenou o desembarque de 1.000 homens e, para sua surpresa, não encon-

trou resistência. No mesmo dia, Piet Heyn apoderou-se do novo forte e alguns navios que se encontravam fundeados na baía, acabando por desembarcar cerca de 1.000 homens, com duas peças de artilharia de campanha, e provocando um “pânico geral”, com o seu apoio de fogo. Talvez não tenha sido propriamente um pânico, mas o prosseguimento de alguma estratégia bem delineada, já que a partir desse momento, Van Dorth vai repetir a mesma maneira estratégica, empregada em 1599, em Las Palmas, com uma diferença que em Las Palmas evacuou-se a cidade, após uma luta desgastante para o assaltante. Com os holandeses procurando, os fugitivos, na difícil orografia das Ilhas Canárias, para os matarem.

Talvez Van Dorth tivesse aprendido aquela lição, logo que viu a cidade evacuada e permitiu a pilhagem visando ressarcir a sua tropa, assim como mandou reparar as suas fortificações. Logo passaria de conquistador a sitiado, sendo fustigado por todos os lados. A situação do invasor tornou-se muito complicada devido, sobretudo, à eficácia com que o Bispo de Salvador mobilizou a população e a instigou contra o invasor.

O Governado de Pernambuco, Matias de Albuquerque, enviou uma caravela à Lisboa, com cartas do Bispo de Salvador, para a Espanha, comunicando a conquista da cidade pelos holandeses. O aviso chegou a Madri, em junho de 1624, com

ordens imediatas do Rei Felipe IV para as providências, visando que se armasse a necessária esquadra, em Cadiz e Lisboa, assim como fossem mandados dois navios para Pernambuco e três para a Bahia, Rio de Janeiro e Angola, com pequenos destacamentos para reforçar as guarnições.

A frota invasora, para não ficar ociosa na Bahia, dividiu-se e seguiu explorando o êxito. Piet Heyn partiu para as Antilhas, enquanto outros seguiram para a Angola, para verificar as possibilidades de se estabelecer ali um forte, mas logo retornaram para o Brasil. Enquanto outra frota holandesa realizava um reconhecimento dos portos brasileiros e depois regressava para a Holanda.

Por último reforçaram a ideia de um triângulo açucareiro no Atlântico, composto de: Amsterdã (produção), Luanda (mão de obra) e Bahia (matéria prima).

A JORNADA DOS VASSALOS

Chegando ao ponto deste estudo, pretendemos ordená-lo segundo as fases de uma operação anfíbia clássica:

1) Composição:

No Comando da Força: D. Fradique de Toledo y Osório, marquês de Villanueva de Valdeusa, com o posto de Capitão-General da Armada do Mar Oceano e da gente de guerra do Reino de Portugal. A chefia das Forças de De-

sembarque coube a D. Pedro Rodriguez, Marquês de Coprani.

Para retomar a Bahia, foi constituída poderosa esquadra, que ficaria conhecida por Jornada dos Vassalos, composta por:

Armada de Portugal: contava com 22 navios, comandados pelo Almirante D. Manuel de Meneses, tendo como imediato o Almirante D. Francisco de Almeida, que era, ao mesmo tempo, mestre de campo do Terço da Armada. Armando-se em Lisboa, zarpou, para Cabo Verde, no dia 19 de novembro de 1624, local de encontro com a Armada Espanhola.

Armada do Mar Oceano: 11 navios, entre galeões e urcas, comandadas por D. Fadrique de Toledo, que tinha como Almirante D. João Fajardo de Guevara, Capitão-General da Guarda do Estreito de Gibraltar.

Esquadra das Quatro Cidades: com seis galeões, sob o Comando do General D. Francisco de Acevedo.

Esquadra de Biscaia: com quatro galeões comandados pelo General Martin de Vallecilla.

Armada de Nápoles: dois galeões e dois patachos, formada pelo Vice-Rei Duque de Osuña, além do General D. Francisco de Ribera.

No total, a Armada de D. Fradique de Toledo reunia 52 navios, 30 espanhóis e 22 portugueses. Os efetivos e equipamentos embarcados eram os seguintes:

O esforço de guerra, no que diz



Pessoal /equipamentos	Quantidades
Gente de guerra e mar	8.615 (9.496?) homens
Peças de Artilharia	801 espanholas e 384 portuguesas
Balas	52.343 espanholas e 24.820 portuguesas
Pólvora	4.609 espanholas e 1.136 portuguesas
Chumbo (quintais)	957 espanhóis e 352 portuguesas
Cordas (mechas)	1.047 espanholas e 310 portuguesas

respeito a Portugal, foi fruto de doações da sua nobreza e do alto clero. Castela arcava com as despesas quase sempre sozinha. A tentativa de Olivares de acabar com essa situação provocou revoluções em Portugal, na Catalunha, e Andaluzia.

2) O plano

Conhecidas as informações do Bispo e dos despachos chegados do Brasil, Felipe IV determinou a Olivares que organizasse a operação. Retransmitindo as ordens a D. Fadrique de Toledo Osório: “Reunir as Esquadras e Armadas espanholas com a de Portugal, embarcar para Salvador da Bahia, recuperar aquela praça e expulsar os Holandeses, definitivamente, do Brasil”.

D. Fadrique decidiu redigir duas ordens em 1º de dezembro de 1624. As ordens foram às seguintes: “[...] antes de partir todos se confessem e comunguem, para que com esse bom fundamento e princípio favoreça Deus o nosso inten-

to [...] ninguém seja ousado e embarque mulher de má vida nem qualquer outra sem licença minha por escrito, nem dizer blasfêmias nem outros juramento escandalosos, sob pena de serem castigados com muito rigor.” E continua a ordem: “os capitães de infantaria e de mar têm que compreender, que o capitão de mar é que governa, no sentido mais de marinha [...] o seu navio, sem que nisto nem em coisa alguma que lhe diga respeito se toque, se intrometa o capitão de infantaria... nem em mandar, nem, castigar os marinheiros nem artilheiros [os do navio] porque diz respeito ao capitão de mar”. Delimitava as competências e responsabilidades uns e outros para que “cessem as lutas que se tem visto do contrário” e que têm continuado a existir quase até aos nossos dias.

Estas ordens, e outras mais, ocupam-se também do plano de combate, recomendando-se aos capitães de mar, assim como aos de terra, que atuem de comum

acordo e em harmonia, quando suceda um destes casos, pois caso “contrário todos culpa e ao pela ser-lhe-á aplicada conforme o que resultar da discórdia”.

3) Navegação e sinais

No tocante à navegação e coordenação, foram convencionadas algumas medidas. Estabelecido entre as duas marinhas, o uso de sinais, “caso venham avistar velas desconhecidas, diurnas e noturnas”. Tudo o que se refira a canhões, galhardetes, lanternas içáveis, em uma ou outra verga, especificando também o modo de executá-las, usando o “aproamento” para o navio avistado, para assinalar a demora.

Além disso, foram adotados sinais de mudanças de rumo da capitânia, de fundear durante a noite, de avarias, de “pôr a capitânia no mar de través” (atravessar-se no mar pairando para esperar os atrasados ou por outro motivo). Assim como manobras em caso de se perder de vista a Capitania. Foram estabelecidas normas para “averiguar sobre velas que se avistem e que não sejam inimigas”, assim como não cortar a proa à capitânia. Ficou acertado ter uma senha diferente todos os dias, sem haver confusão entre umas e outras (reconhecimento diurno por sinal de voz).

Além dessas preocupações as fro-
tas de guerra deveriam estar preparadas no que diz respeito à disciplina e às ins-

truções para casos de se encontrarem o inimigo no alto-mar, ter cuidados diante da escuridão total, assim como as várias ordens particulares.

4) Orientação e manutenção

O plano de navegação traçado foi estabelecido segundo os seguintes princípios:

1º – Ninguém poderia dar meia volta e regressar a Espanha, sob “pena de morte”, dos Capitães.

2º – Ao dar-se ordem de se fazerem velas na baía de Cadiz, todos os navios deveriam aligeirar a manobra, de maneira a não fazer a Real abrandar, não a obrigando a esperá-los, procurando todos os navios sair com rapidez para o mar alto sem perder de vista a Nau Capitânia. Não se ordenou nenhuma formação, apenas mantêm-se as vista. O rumo inicial seria em direção a Punta Anaga, em Tenerife, nas ilhas Canárias, se o vento estivesse de Leste, mas se fosse de Norte utilizar-se-ia SW 1/4W.

3º – Do Sul das Canárias a direção seria Cabo da Boa Esperança, onde se esperaria a Armada Portuguesa, de Cabo Verde ir-se-ia para Pernambuco. E daí para a Bahia de todos os Santos.

4º – Os capitães e pilotos deveriam esmerar-se na manutenção da embarcação, na rota, de tal forma que caso a abandonassem seriam severamente castigados, ponto que se reiterava várias



vezes. Deveriam procurar ver-se sempre a Real, o navio que levava a insígnia de D. Fadrique na rota pré-estabelecida e, caso não encontrassem, ao chegar em Cabo Verde, esperariam os outros navios, mas se já tivessem passado cumpririam as ordens que lhes deixaria ali o Capitão-General. Procederiam da mesma maneira nas duas etapas seguintes, embarcando intérpretes, nos pontos de chegada previstos, tanto os navios atrasados como os que quase se tinham adiantados.

Durante a noite não poderiam perder de vista a lanterna da Nau Capitânia e, durante o dia, a sua bandeira, sendo também responsáveis os chefes da infantaria embarcada, aos quais incumbia “a guarda tanto de lanterna como de bandeira”.

5) A logística

O principal e mais crítico problema, naquele momento era a água, e continuaria a sê-lo por muito tempo. As instruções mostram a grande importância da conservação e da limitação da água. E advertindo, a que falte água ao navio, não será socorrido pelos demais, pois nenhum leva água, mais do que a necessária para a sua tripulação. Os capitães e os oficiais não devem consentir o desperdício, pois “Há de ser por sua conta a falta que tiverem”.

Como se verá, a comida era um problema que não dava especial preocupação, mas a água era vital, dada às cal-

marias equatoriais. Este grave problema demorou quase três séculos para ser resolvido, tendo-se conseguido com equipamentos destiladores de osmose inversa.

Para todas as outras eventualidades que pudessem aparecer, o Capitão-General disse “O restante remete-se para as ordens gerais dadas a 15 de dezembro de 1624”.

Não foi possível respeitar-se as unidades orgânicas do tipo Companhia, ou seja, conseguir embarcar cada companhia com os oficiais e respectivos armamentos. Muitas vezes sequer se respeitava as unidades com a mesma origem, isto é, distribuíam-se como podiam, pelos navios existentes. Algumas companhias completas puderam embarcar em um galeão, enquanto outras tiveram parte dos seus contingentes destacado em outro navio.

Nos quadros que foram elaboradas, as frases, “Várias Companhias”, na coluna correspondente, não se conhecendo em pormenor a composição desses destacamentos. É conhecido claramente o pessoal embarcado, havendo mesmo uma relação com “Contratados que vão na dita armada e o salário que gozam cada mês”, salário esse que variava entre os 250 escudos do “mestre de campo geral do exército, marquês de Coprani”, os 112 dos outros com o mesmo emprego, os 40 dos capitães de campanha, os 17 que recebiam os capitães

e os 12 do tambor-mor. Sem especificar, todavia, o soldo da tropa. Para se ter em conta a diferença entre um capitão de guerra e um capitão de mar, digamos que estes últimos tinham um salário de apenas 25 escudos.

Quanto ao embarque espanhol de mantimentos, sabe-se que no total se meteram 39.535 quintais de biscoito, até que houve panificação a bordo, 4.500 pipas de vinho Jerez e Málaga e grandes quantidades de toucinho, queijo, grãos, bacalhau, vinagre, óleo, 6.440 pipas de água, óleo e farinha de trigo

No que se refere a Portugal, sabe-se que levavam: dietas para o “hospital”, 360 carneiros vivos, 2.720 galinhas, 1.000 perus, 200 quintais de passas, uma boa quantidade de amêndoas, ameixas secas, açúcar, bolos brancos, conservas, enxergões, colchões, almofadas, lençóis e mantas.

Na relação figura tudo o que se embarcou de para a artilharia: 1.200 barris de pólvora, ferramentas necessárias, assim como armamento portátil e utensílios próprios para os soldados. Levavam ainda 1.500 lanças, 2.000 arcabuzes e 1.600 mosquetes.

EM DIREÇÃO AO TEATRO DE OPERAÇÕES

Quando já tinham tudo pronto, no dia 11 de janeiro de 1625, saiu o conjunto espanhol de Cadiz para Cabo

Verde. Na curiosa relação de navegação contida na “RESTAURAÇÃO”, há relatos da vida a bordo, como os da pesca de tubarão ou tartaruga do mar, que ajudavam a quebrar a monotonia dos dias intermináveis.

O que haviam decidido realizar, em Cabo Verde, veio tornar-se realidade no dia 4 de fevereiro, após semanas em que os portugueses já vinham esperando os espanhóis. E tendo tido o azar de perder, nos baixios da Ilha de Maio, o galeão *N^a Sra da Conceição*, quando se afogaram cerca de 140 homens, embora tivessem conseguido salvar o material de artilharia e os apetrechos do navio.

Antes de zarpar para a América, D. Fadrique convocou um Conselho de Guerra com todos os seus Capitães de Mar e de Guerra. A navegação pelo Atlântico em direção à Bahia viu-se salpicada pelas “calmarias equatoriais” e pelas refrescantes chuvas, que, embora servissem para repor a água potável, causava doenças entre a tripulação e provocava um número sensível de baixas.

No dia 29 de março, véspera da Páscoa, após 74 dias de navegação desde Cabo Verde, surgiu a armada à entrada da Bahia, encontrando-se com uma caravela das forças sitiadoras enviadas pelo seu chefe, D. Francisco Mexia, com informações sobre as posições e as forças do inimigo holandês. Segundo ele, o inimigo “conta com 600 holandeses,



400 alemães, franceses e valões e cerca de 400 a 500 negros”.

D. Fadrique, diante da situação, ordenou que a esquadra entrasse na baía formada em meia-lua, para impedir qualquer tentativa de fuga dos navios holandeses que ali estavam, os quais, sem notícias, pensaram primeiro tratar-se de uma esquadra holandesa.

A eloquência do Padre Antonio Vieira, que resistia no interior, desde que saíram de Salvador, juntos aqueles que o puderam fazer, assim se expressou: “no dia da redenção do mundo, nos quis Deus mostrar a nossa, antecipando-nos as aleluias com a primeira vista da nossa armada, a qual, dia de Páscoa da Ressurreição, primeiro de abril, de 1625, amanheceu toda dentro da Bahia, posta em ala, para que as velas inimigas, que no porto estavam, não pudessem sair nem escapar [...]”.

DESEMBARQUE, CERCO E CONQUISTA

No dia 1º de abril de 1625, deram-se as ordens de desembarque para a infantaria e a artilharia de cerco. No dia seguinte, a Armada melhorou o seu ancoradouro, aproximando-se da cidade e dos navios holandeses, que ali estavam fundeados. Eram seis navios grandes e dez ou onze embarcações pequenas, mais quatro que estavam encalhados e serviam como baterias.

No dia 3 iniciaram-se as tarefas

de abrir trincheiras ao lado de São Bento, por onde passaram os regimentos de Almeida Osório e duas companhias de soldados locais, que já se encontravam cerco da cidade. Ali foi instalado o Posto de Comando do Mestre de Campo, General D. Pedro Rodriguez Santiestéban, Marquês de Coprani, por onde desfilaram os regimentos de D. Antonio Moniz Barreto, das quatro Vilas e outras duas das companhias sitiadoras.

Ali também se estabeleceu o quartel-general de D. Fadrique de Toledo Osório. Neste dia 3 os holandeses realizaram uma sortida no momento em que as guardas dos sitiados, estavam a descansar. Esta ação poderia ter feito fracassar o desembarque, mas a reação vigorosa dos atacantes causou 40 mortos e 60 feridos aos holandeses. Nesta ação, veio a falecer o Mestre de Campo de D. Pedro Osório, dois capitães castelhanos e mais D. Francisco de Almeida.

De forma geral, oficiais e a tropa lutaram com valentia, tendo havido mais três investidas sobre o Quartel do Carmo, o qual foi acudido rapidamente. No dia 4, continuou-se cavar trincheiras paralelas às defesas da praça e, no dia seguinte, montar a artilharia, no Carmo. Um esforço terrível, pois não havia mulas, para transportar. Tudo foi feito com a força dos braços. Nos dias seguintes continuaram as escaramuças e o cerco foi se apertando, fazendo-se prisioneiros



Restituição da Bahia, segundo Albernaz

ros e apanhando alguns fugitivos que forneciam informações, sobre a situação interna da cidade.

Em 8 de abril as baterias bombardearam a frota holandesa, que aproveitou a noite para retirar os seus navios, carregando muitos mortos e feridos. Até o dia 15 continuaram os bombardeios e as aberturas de trincheiras, quando D. Fadrique mandou instalar mais artilharia no Carmo e construir uma ponte para poder transportar as peças para o Posto das Palmeiras.

No dia 16 incorporou-se na força atacante um filho de Martim de Eça, Governador do Espírito Santo, com duas caravelas, seis canoas e 300 ho-

mens. Informou da atuação de oito naus holandesas que tinham saído da Bahia para a Angola e que, no regresso quiseram apoderar-se da Campina do Espírito Santo, tendo à pronta ação de Martim de Eça, frustrado as pretensões.

No dia 20, depois de instalar a artilharia nas novas trincheiras abertas, começou a bater-se a cidade com canhões de grande calibre, tendo o bombardeamento continuado sem interrupção, até o dia 22, causando grandes estragos, com “brulotes” navios incendiários. Lançaram dois, durante uma noite sem lua, a toda a vela e favorecidos pela corrente marítima, de modo a que os sitiadores acreditassem que eram navios que tenta-



vam romper o cerco e fugir, pelo que a reação deveria ter sido a de os abordar.

Mas não caíram na armadilha e um tiro afortunado do galeão de Roque Centeno fez ir pelos ares o que ia à dianteira, sendo o outro retirado por lanchas dos navios. No dia 30 de abril, assinou-se a capitulação, 30 dias depois do início do cerco, saindo da praça 1.912 holandeses, ingleses, alemães, franceses e valões, entregando 18 bandeiras, 260 peças de artilharia, 500 quintais de pólvora, 600 escravos negros, 7.200 marcos de prata e várias outras mercadorias em um montante de 300.000 ducados.

Foram apresados seis navios, entre eles a capitânia, pois o resto tinha sido afundado pela artilharia durante o cerco. As baixas que custou a operação foram, para além do mencionado Mestre de Campo D. Pedro Osório, 6 capitães, e 65 soldados mortos. Além de 9 capitães e 55 soldados feridos.

PONTO FINAL NA BAHIA

No momento em que D. Fadrique se preparava para regressar à Espanha, foi informado de que uma caravela vinda das ilhas Canárias e um “patacho”, de aviso, mandado pelo inimigo, que ignorava que a Bahia já havia caído, e que uma esquadra holandesa se aproximava, com reforços para a Bahia.

Reunido novamente o Conselho

de Generais, a maioria opinou que se deveria aceitar o combate nas águas estreitas da Bahia, sem perseguir depois os que escapassem, por certamente estarem necessitando reparações nos cascos e com poucos viveres, para campanha tão demorada. De fato, no dia 22 de maio, apareceram nas entradas da Baía de Todos os Santos, 34 embarcações formadas em duas colunas e acercando-se, segundo parece, ignorando que Salvador já estava nas mãos dos portugueses e espanhóis.

Prudentemente, D. Fadrique ordenou que seis de seus galeões se colocassem a Barlavento para apanhar os adversários entre dois fogos. Nas manobras que se seguiram um dos melhores galeões encalhou em Santa Teresa, enquanto os demais entraram em contacto com o inimigo, levando a que os holandeses dessem meia-volta, e regressaram para onde estavam fundeados. Dando a entender de que se conformavam com a retirada.

Esta falta de perseverança por parte do comando espanhol privou-o de uma grande vitória, que podia ter deixado os holandeses tão receosos que provavelmente a ação de Piet Heyn de tomada da frota de 1628 ou a expedição que se seguiu a Pernambuco, em 1630, não tivessem acontecido.

Seja como for, fosse este ou não o motivo da azeda luta de D. Fadrique com o Conde Duque, o primeiro navio de re-

gresso a Espanha zarpar no dia 25 de agosto de 1625, tendo perdido por abandono o velho *San Nicolás*, cujas tábuas racharam ao passar o Equador. Passou ao longo da costa do Marrocos e chegou a Málaga no dia 24 de outubro de 1625. Oitenta dias depois de haver saído de São Salvador da Bahia.

Vários navios separaram-se do grosso da Esquadra. A capitânia de Portugal e a almiranta das Quatro Cidades, que iam juntas ao passar na costa dos Açores, encontraram três navios holandeses que regressavam carregados da Guiné, e imediatamente os apressaram.

Os holandeses recorreram ao ardil de deitar fogo a uma coberta inferior para que os novos donos abandonassem o navio, mas exageraram e puseram fogo a mais, e um dos navios foi pelos ares embora a Capitânia portuguesa tenha logrado salvar 90 homens, tendo morrido o Mestre de Campo, D. Juan de Orellana, o Capitão D. Antônio de Lemos e quase todos os oficiais. Outros navios da esquadra dispersos foram chegando felizmente a Cadiz depois de terem sofrido várias vicissitudes.

EXPULSÃO DOS HOLANDESES

Chegada a notícia da expulsão dos holandeses da Bahia a Lisboa e a Madri, o Rei não olhou as despesas para celebrá-la com todo o fausto. A

pólvora foi utilizada para os foguetes que acompanharam, sem dúvida, as touradas, os belos desfiles de cavaleiros montados nos cavalos bem engalanados, enfim, tudo aquilo que “em tempos de fidalguia”, se costumava fazer.

O quadro “A recuperação da Bahia” comemora a façanha de D. Fadrique de Toledo, que, em maio de 1625, conseguiu recuperar dos holandeses o porto brasileiro de São Salvador da Bahia de Todos os Santos, devolvendo a soberania à Coroa Portuguesa de Felipe III. A tela, obra de maturidade de Juan Bautista Maíno, é uma peça mestra e destaca-se no seu conjunto pela sua luminosidade, e pela sua originalidade no tratamento do tema, fugindo do triunfalismo e mostrando com simplicidade a dor da guerra.

No fundo e com ar teatral, D. Fadrique mostra aos vencidos um retrato alegórico de Felipe IV pisando a Heresia, a Ira e a Guerra, enquanto a Vitória e o Conde Duque de Olivares coroaram o monarca com a coroa de louro. Em primeiro plano vê-se as sequelas da batalha: alheias à celebração do triunfo, duas pessoas socorrem um soldado ferido perante o olhar penoso de vários homens, mulheres e crianças, encarnação viva e realista da Piedade, da Caridade e do Sofrimento.



Quadro "A Recuperação da Bahia", de Juan Bautista Maíno

RECONQUISTA – 1625

A falta de tenacidade e perseverança de D. Fadrique, deu alento aos holandeses e permitiu que pudessem apresentar a sua derrota como um mal menor. Dando ânimo aos holandeses, para não desaminar na sua procura de dividendos. Prolongando a luta os holandeses que se retiraram da Bahia, dividiram-se por três grupos seguindo os princípios estratégicos da atividade. Um deles regressando para a metrópole com o seu armamento, outro foi atacar o castelo da Mina na Guiné, governado por D. Fernando Sotto Mayor, onde sofreu uma grande derrota, e um terceiro dirigiu-se para Porto Rico, onde após um ataque e desembarque, lutando por 28 dias até ser escorraçado, com muitas perdas. Das

quais 400 mortos. Retornando à Holanda, deixando um galeão novo.

DIANTE DE PERNAMBUCO, O PONTO FINAL

Entre 1629 e 1634, holandeses, ingleses e os franceses, ocuparam várias Ilhas das Antilhas. Dentre elas a Fonseca, Tobago e Barbados. Além de São Cristóvão, Santo André, e algumas outras desabitadas. A Espanha reage, retomando algumas ilhas, em setembro de 1629, destruindo oito navios corsários ingleses. Com a sua frota regressando à Espanha, com segurança, em 1º de agosto de 1630.

Os holandeses continuavam atacando em: Curaçao, Aruba, Saba, Santa Cruz e outras ilhas das Caraíbas. Algumas vezes com a conivência de ingleses e franceses.

A parte que mais nos toca, diz respeito à Bahia e Pernambuco em relação Piet Heyn. O infatigável holandês, em vez de retornar à Holanda, desfrutava com a prata conquistada. E Piet Heyn, seguindo para a Bahia, onde em 1627 apresou uma rica frota portuguesa carregada de açúcar e tabaco, prosseguindo depois para a costa brasileira como informante da Companhia das Índias Ocidentais.

Ao regressar a Holanda, em 1629, veio a falecer, nas águas do Canal da Mancha, tendo sido substituído pelo Almirante Hendrick Lonck, com ordens para preparar uma nova expedição contra o Brasil. No dia 14 de fevereiro de 1630, chegou diante de Pernambuco, e ocupou Recife, apoderando-se do Nordeste brasileiro. Contando com 67 grandes navios e 6.000 soldados, após o desembarque, seus homens avançaram em direção à cidade, previamente evacuada pelo Governador Matias de Albuquerque, que contava apenas com vinte homens para a sua defesa. De início ordenou o incêndio de Recife, enquanto os navios que se encontravam no porto, privavam os holandeses de despojos avaliados em cerca de 4.000.000 de pesos. Albuquerque, tal como fizera na Bahia, iniciou o bloqueio de Pernambuco, no interior.

EM SOCORRO DE PERNAMBUCO

Espanha e Portugal organizaram forças e esquadras para socorrerem Per-

nambuco, sob o Comando de D. Antônio de Oquendo, tendo como Almirante D. Francisco de Vallencilla, que contava com 16 navios, espanhóis e portugueses, com cerca de 5.000 homens de infantaria. Saiu de Lisboa em 5 de maio de 1631, demorado 68 dias até chegar à Bahia de Todos os Santos, onde reforçou a guarnição de Salvador e enviou socorro para a Paraíba, despachando a frota do açúcar para a Europa.

Em 3 de setembro Oquendo voltou para o mar contando com 20 navios de guerra e um comboio de 36 a velas. O Almirante Pater, holandês, que guarnecia Pernambuco com a sua esquadra, saiu em perseguição a Oquendo, convencido da sua vitória, pois suas forças excediam em 800 toneladas as de Espanha, além de ter uma artilharia de calibre maior e a suas naus serem superiores às de Castela e Portugal.

Oquendo formou sua linha de batalha no dia 12 de setembro, quando se deu o confronto. Curiosamente a capitânia abordou a capitânia contrária, assim como a almiranta a almiranta, tendo o resto das forças holandesas e hispânico-portuguesa, disparando os seus canhões a uma distância muito maior do que a que seria eficaz, diante de um bombardeio praticamente inútil.

Do combate entre os comandos, resultou que a capitânia holandesa explodiu e a almiranta espanhola foi



afundada, tendo ficado em mau estado a almiranta holandesa e com 250 mortos a capitânia de Oquendo, dentre os quais quatro importantes capitães de mar e de guerra. Também combateu o pequeno galeão espanhol (galéoncete) *San Buenaventura*, que se rendeu, e o português *N.S. dos Prazeres*, que ficou tão mal tratado que foi enviado para a Bahia. As baixas foram estimadas em 585 mortos e 200 feridos, mas, para alguns, teriam sido 1.500 para ambos os lados.

As baixas holandesas foram muito maiores e Oquendo rumou para Pernambuco, para onde enviou as 12 caravelas que levava com socorros. Até o dia 17, sua missão era somente acompanhar estes esforços regressando para a Península, após travar algumas escaramuças.

No regresso perderam-se, devido ao mau tempo, o galeão capitânia das Quatro Cidades e o português, comandado por D. Duarte de Eça; o resto prosseguiu sem mais novidades e, em 21 de novembro, chegou a Lisboa. Se bem que a vitória tática correspondesse, sem dúvida, a Oquendo, deixou-se ao inimigo o domínio do mar, vital para reafirmar a presença holandesa em Pernambuco, conseguida com tanto esforço. Assim, a vitória estratégica foi da Holanda.

Por tudo isso o Rei de ambas as Coroas Peninsulares, com seu tesouro muito maltratado, não teve outro remédio senão preparar outra expedição

a Pernambuco, em 1635. A Armada de Castela, levando como General D. Lope de Hoces e como Almirante D. José de Menezes, e a de Portugal, de D. Rodrigo Lobo como comandante e com D. João de Sequeira, como almirante. Somando as esquadras e escoltas, a força totalizava 30 navios, que saíram de Lisboa, no dia 7 de setembro de 1635, chegando ao Recife em 26 de novembro. Ao chegarem, contudo, não puderam atacar os nove navios holandeses ali fundeados, devido o excesso de calado dos galeões, e desembarcaram a tropa em Alagoas e na Bahia.

No ano seguinte, uma vez organizada a frota do açúcar, que deveria seguir para Lisboa, saiu D. Lope com a sua capitânia (o galeão *Altamira*) e um patacho para tentar reconquistar Curaçao, com o restante da Esquadra seguindo para a Europa. Foi atacado por oito navios holandeses, nos dias 19 e 20 de fevereiro de 1636, sem nada conseguir. Reunindo-se ao resto da esquadra, regressou a Lisboa.

Devido ao comportamento de D. Lope de Hoces, houve desavenças entre o Comando Português em terra, de Matias de Albuquerque, e o Comando Espanhol do mar, exercido por D. Lope. O general português, mesmo depois do falecimento do espanhol, acusou-o de não ter comunicado com a costa para saber o que se passavam interior, no ataque e no cerco de Pernambuco. Caso o tivesse

feito, poder-se-ia ter recuperado a praça naquele momento, visto que não havia mais de 200 defensores holandeses. Censurou também o desembarque em Alagoas, terra inóspita e longínqua do local de concentração das tropas sitiadoras.

Em uma perspectiva imparcial, torna-se evidente que o reforço contribuiu decisivamente para o fracasso de Maurício de Nassau, em março de 1638, quando pretendeu apoderar-se da capital da colônia portuguesa com 45 velas e 6.000 infantes.

A ÚLTIMA ESQUADRA IBÉRICA

A última esquadra hispano-portuguesa foi armada no ano de 1638. Dando provas da sua confiança no Reino Lusitano, Felipe III (IV de Espanha) designou o Capitão-General do Mar Oceano, o português Conde de Linhares, que recusou a designação, parece que por haver desavenças com o Regente de Portugal, recaíndo então o comando sobre D. Fernando Mascarenhas, Conde da Torre e ex-Governador de Tânger.

Já com a guerra declarada com a França e com os exércitos franceses a atacar Fuenterrabia, saiu Mascarenhas de Lisboa com as esquadras de Castela e Portugal, que totalizavam 41 navios. Os 23 de Portugal eram comandados por D. Francisco de Melo e Castro, que tinha como Almirante D. Cosme de Couto

Barbosas, e os 18 de Castela eram comandados por D. Juan de Veja Bazán Pimienta. Entre as forças de Infantaria, que somavam 5.000 homens, incluía-se metade do Terço da Armada, organizado por D. Lope de Figueroa no reinado de Felipe II de Espanha.

O PREÇO DE UMA CONQUISTA

É Curioso ressaltar que, segundo alguns cronistas, a saída de Mascarenhas de Lisboa teve lugar no dia 7 de setembro de 1638, dia em que as forças espanholas comandadas pelo Marquês de Mortara, romperam a linha de cerco francesa em Fuenterrabia, destroçando as forças que comandava o Marquês de La Force, provocando um verdadeiro massacre e a retirada precipitada dos franceses. Como é impossível aceitar que os correios do norte da Península chegassem “em tempo real”, como hoje em dia, ou Mascarenhas saiu da barra à espera de notícias e quando elas chegaram dirigiram-se para o Sul; ou então a saída de Lisboa e a grande vitória espanhola não tiveram nenhuma relação.

Estas esquadras chegaram ao Cabo Verde no princípio de 1639 e aí se instalou uma terrível epidemia, que provocou a morte de mais de 3.000 homens. O Conde da Torre ficou naquele arquipélago quase um ano e até o princípio de janeiro de 1640 – o ano dos liber-



tadores – não pôde zarpar para Recife, praça então sitiada por terra por forças portuguesas.

Ao encontro da Armada de Mascarenhas, saiu a holandesa do Almirante Loos, e, no dia 12 de janeiro, entre Itamaracá e Goiânia, ao norte do Recife, as duas forças entraram em um combate confuso, no qual ambas as partes declararam vitória. O almirante holandês teria morrido a bordo da sua Capitânia, que afundou durante a refrega. Durante os dias 14 e 17 tiveram lugar novas lutas entre a Paraíba e Rio Largo, mantendo-se sempre os holandeses à distância evitando a abordagem, conforme aconteceu com Lope de Hoces.

Nesses combates rendeu-se um navio português, comandado por D. Antonio da Cunha e Andrade, e um espanhol acostou, juntamente com o holandês que o atacava. O resultado pode considerar-se como um empate, mas, como foi já tantas vezes repetido, o mar ficou para a Holanda, que, por isso, foi vitoriosa. Nassau, ao mesmo tempo em que mandou castigar alguns dos seus capitães menos combativos, mandou celebrar o triunfo.

D. Fernando Mascarenhas, criticado pelos espanhóis, já que o ambiente político em Portugal mudara com a revolta libertadora, regressou preso à Península Ibérica. Aqui acaba a história das ações combinadas navais hispano-portuguesas no Brasil.

Maurício de Nassau, foi removido do Governo do Brasil, após várias desavenças com os diretores da Companhia das Índias Ocidentais, em 6 de maio de 1644.

Portugal, uma vez senhor dos seus destinos, empenhou-se de novo na guerra contra a Holanda e, reunindo tropas peninsulares e crioulas, derrotando o holandês em 19 de abril de 1648 e em 9 de fevereiro de 1649, ambas as vezes nos Montes Guararapes.

Em 1653, uma armada portuguesa formada por 77 navios atacou por mar o Recife e por fim, no dia 26 de junho de 1654, a praça capitulou e o Brasil ficou inteiramente sob a jurisdição de Portugal. O ponto final deu-se em 1661, quando a Holanda, após receber uma compensação de 4 milhões de cruzados, abdicou oficialmente de suas pretensões ao Nordeste brasileiro. ●

Mascarenhas, o líder da vitória

Paulo César de Castro*

A doutrina do Exército Brasileiro (EB) resume nos verbos ser, saber e fazer os pilares básicos da liderança militar¹. O primeiro refere-se ao senso moral, o segundo, à proficiência profissional e o terceiro, a atitudes adequadas. O modelo de requisitos da liderança no Exército dos Estados Unidos da América reafirma aqueles mesmos verbos: ser, saber e fazer². O Exército Americano aborda o tema sob a forma de atributos e competências, conceitos contemplados, também, pela doutrina do EB. Em síntese, tenho afirmado que o líder militar deve:

- ser exemplo de soldado e cidadão;
- saber conquistar e conduzir corações e mentes;
- fazer o que tem que ser feito.

Entretanto, reflexões sobre o tema têm-me conduzido, invariavelmente, a um quarto verbo, o querer. Convinça-me que, lá das profundezas da alma

do soldado, emerge uma decisão que só a ele pertence: querer ser líder militar.

2015 é o ano em que se comemora o septuagésimo aniversário do “Dia da Vitória”. Entre as armas que triunfaram na Segunda Guerra Mundial perfilam-se as da Força Expedicionária Brasileira (FEB), comandada pelo General-de-Divisão João Baptista Mascarenhas de Moraes. Nesse contexto e à luz da doutrina de liderança militar, este artigo destaca atitudes, iniciativas e decisões do General Mascarenhas e demonstra que o ínclito chefe militar despenda como paradigma de líder, exemplo para a atual e futuras gerações de combatentes.

A RESPOSTA AO CONVITE³ – LIÇÃO DE SOLDADO

25/H1 – Urgente – 9 – VIII – 1943 – Cifrado
General Mascarenhas São Paulo.

Consulta prezado camarada se aceita comando de uma das divisões que constituirão Corpo Expedicionário pt Impõe-se resposta urgente porque caso afirmativo fará estágio Estados Unidos pt

(a) General Eurico Dutra – Ministro da Guerra.

* General-de-Exército, sócio do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



Esse radiograma foi entregue, a 10 de agosto de 1943, ao comandante da 2ª Região Militar (RM), em sua própria residência. Como se vê, a resposta foi imediata:

General Dutra – Rio – Urgentíssimo – De São Paulo – 20-40 – 10 – VIII 1943 – 17,15
345 – Muito honrado e com satisfação respondendo afirmativamente consulta Vossa Excelência acaba fazer-me vg em rádio 25/H1.

(a) General Mascarenhas de Moraes –
Comandante 2ª RM.

Ato contínuo e confidencialmente, o General (Gen) Mascarenhas relatou o ocorrido a sua esposa que o apoiou sem pestanejar: “Estou de pleno acordo”.

Tudo transcorreria a exemplo da artilharia-revólver de Mallet, própria dos que se destacam pelo espírito militar, senso de cumprimento do dever e dedicação integral ao serviço da pátria, atributos comuns ao Patrono e a Mascarenhas. Este havia assumido em março de 1943 o comando da 2ª RM e, também sem perda de tempo, intensificara a instrução da tropa, em face da possibilidade de preparação de um corpo expedicionário, decidida pelo governo naquele mesmo mês. Um comandante com visão de futuro iria liderar a FEB.

Sua mensagem ao Ministro Dutra foi clara, simples e concisa: quero liderar uma divisão de infantaria expedicionária. Quero comandar em combate!

OS PRIMEIROS DESAFIOS

Mascarenhas passou velozmente da decisão à ação. Deixou o comando em São Paulo a 17 de agosto e viajou para o Rio de Janeiro a fim de iniciar o preparo de sua tropa. Para tal, enfrentou e superou obstáculos de toda a sorte no âmbito governamental e no seio do próprio Exército.

Manejando as armas da burocracia, brasileiros pouco dignos dedicaram-se a vil ação retardadora. Os eventos que se seguem e suas datas bem ilustram o que o determinado General enfrentou.

Apenas a 7 de outubro foi designado para organizar e instruir a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE). Contudo, as unidades permaneceram no âmbito de seus comandos regionais. Segundo expressou-se o próprio General Mascarenhas: medida insensata!

Os entraves continuaram a surgir, posto que o decreto de sua exoneração do comando da 2ª RM só foi assinado a 22 de outubro, e sua designação oficial como Comandante da 1ª DIE, apenas a 28 de dezembro, poucos dias antes do regresso do general de viagem à África e à Itália.

Preparar a FEB significou mobilizar unidades, concentrá-las no Rio de Janeiro, dotá-las de efetivos similares aos das norte-americanas e adestrá-las segundo a doutrina do Exército Americano. Em outras palavras, realizar rápida, eficiente, eficaz e efetiva transformação na cultura militar vigente.

Consciente dos obstáculos a vencer, o General Mascarenhas aproveitou viagem do Ministro da Guerra aos EUA e submeteu-se com pleno êxito, em hospital particular, a delicada cirurgia, fato não noticiado pela mídia. Essa cirurgia acentua a firme disposição de um general combatente de querer liderar expedicionários no teatro de operações. Na solidão do comando, viveu momentos de rara tensão, sem permitir que contaminassem o moral da tropa que preparava. Ele fez o que tinha que ser feito.

A PRESENÇA JUNTO À TROPA

“Onde está a bateria, está o seu capitão”, ensinava Salomão da Rocha. Mais do que ensinar, permaneceu até a morte junto à sua subunidade, a 4ª Bateria do 2º Regimento de Artilharia a Cavalos. Em Canudos,



General João Baptista Mascarenhas de Moraes, fotografado durante a campanha da FEB na Itália

naquele 4 de março de 1897, tombou abraçado a seus canhões⁴.

Mascarenhas observou fielmente a magnífica lição de Salomão da Rocha. Transformou-a em: “Onde está a divisão, está o seu general”. Autêntico líder, tinha consciência de que deveria embarcar para a Itália com o primeiro escalão da FEB. Junto com seus comandados, decidiu enfrentar os riscos da travessia do Atlântico, infestado de submarinos inimigos. Assim não pensava o General Dutra, o que obrigou o comandante da 1ª DIE a argumentar obstinadamente até demover o Ministro e, assim, embarcar no navio transporte General Mann, na noite de 30 de junho para 1º de julho. Mascarenhas afirmou que sua presença a bordo atestava a dignidade de seu comando⁵. Uma vez mais, fez o que tinha que ser feito.

“[...] O que me leva mesmo ao front é o fato de que eu gosto muito de estar lá, de estar perto dos soldados. Eles me dão coragem e me rejuvenescem⁶.” Essas palavras pertencem ao General Santos Cruz, comandante da brigada de intervenção das Nações Unidas no Congo, desde julho de 2013. Este chefe militar retoma a doutrina de Salomão da Rocha: “onde está sua brigada, está seu general”⁷.

A presença junto à tropa é indispensável ao exercício da liderança em qualquer escalão, tão válida na era do conhecimento quanto fora na era industrial. Assim se fortalece o moral de comandados e de coman-



dantes e se conquistam e se conduzem corações e mentes.

A VERDADE E A SOLIDÃO DO COMANDO⁸

Imagine-se a dura realidade de um comandante, recém-chegado ao teatro de operações (TO), ao se deparar com situações vexatórias: a decepção das autoridades norte-americanas com o estado sanitário da tropa; a imprestabilidade dos uniformes, agasalhos e calçados; e, até mesmo a alimentação, quase toda norte-americana.

Restou-lhe recorrer a seu superior no TO, o General Mark Clark, comandante do V Exército. Na solidão do comando, o General Mascarenhas precisou vencer aquelas dificuldades logísticas e seus desdobramentos morais. Jamais deixou transparecer seus sentimentos íntimos, o que teria afetado negativamente o moral de sua tropa. Manteve a fé na missão. Providenciou para que o treinamento físico e a ordem unida fossem intensificados, a par de promover solenidades cívico-militares, como as dos dias do Soldado e da Pátria. Simultaneamente, a 1ª DIE recebia armamento, munição, viaturas, equipamentos, material de comunicações e outros itens, novidades só então apresentadas aos expedicionários.

Naquele contexto, foi possível instruir, adestrar, realizar exercícios-teses e empregar em combate o primeiro

escalão da FEB. Os escalões seguintes pagariam elevado preço por sua preparação incompleta. Com o tempo e a experiência adquirida em sucessivas operações, entretanto, converteram-se em guerreiros veteranos.

O General Mascarenhas tinha plena consciência da verdade, de suas causas e consequências. Simultaneamente, sabia que sua missão consistia em enfrentar os obstáculos, vencê-los e conduzir sua divisão à vitória. Posto à prova desde a chegada à Itália, mostrou-se equilibrado sob tensão, decidiu, superou os obstáculos e, como já demonstrara no Brasil, foi exemplo de soldado e de cidadão brasileiro.

AS ARMADILHAS DA INDIGNIDADE

Todo comandante espera que o inimigo prepare armadilhas e instrui sua tropa para evitá-las e neutralizá-las. Inesperado e surpreendente foi constatar que alguns oficiais são capazes de macular a honra militar e tramar contra o próprio comandante.

O caráter, a integridade e a estatura moral do General Mascarenhas superaram a ambição, a indignidade e a mesquinhez de alguns durante a campanha da Itália, em duas oportunidades.

A primeira armadilha moral foi ativada quando da visita do Ministro

Dutra à Divisão, em outubro de 1943. A trama⁹ consistiu em convencer o Ministro da conveniência de reestruturar a força expedicionária designando o General Zenóbio para o comando da 1ª DIE e atribuindo ao General Mascarenhas o comando geral da FEB. Dutra parece não ter concordado, mas seus autores levaram a proposta ao comando norte-americano, por intermédio do General Wooten.¹⁰

A 1ª DIE, ainda incompleta, sequer entrara em linha e, pior ainda, o General Mascarenhas só tomou ciência da indignidade por intermédio do General Clark que o consultou sobre a ideia em apreço. Ante a firmeza da opinião contrária do surpreso Mascarenhas, Clark, igualmente firme, apoiou-o e disse-lhe que “em assuntos da FEB, o desejo do General Mascarenhas era (também) a sua vontade¹¹”.

O episódio evidenciou os sólidos vínculos afetivos já então estabelecidos entre o comandante brasileiro – liderado – e o norte-americano – seu líder –. O inter-relacionamento no campo de batalha forjara laços de mútua confiança, lealdade, respeito, camaradagem e fé na missão, indispensáveis à vitória militar, objetivo de ambos.

A segunda armadilha foi articulada¹², maquiavelicamente, no Rio de Janeiro. Apresentou-se ao Ministro

da Guerra – que concordou – sob o nome de rodízio, a proposta de substituição de todos oficiais que completassem seis meses na Itália. O General Mascarenhas sequer foi consultado e, para agravar tão repugnante trama, o rodízio seria executado às vésperas da Ofensiva da Primavera. Vale dizer, a experiência adquirida em combate e a intensa instrução ministrada durante a defensiva de inverno seriam lançadas na lata do lixo em prol de ambições pessoais inqualificáveis.

Mascarenhas só se deu conta da armadilha quando soube de que fora pedido transporte aéreo norte-americano para executar a indigna manobra. O general, ao receber ordem formal do General Dutra¹³, adiou *sine die* sua execução. A autorização de transporte aéreo dependia do comandante do V Exército, já então o General Truscott. Imediatamente, este general convocou uma reunião com o General Crittenberger, comandante do IV Corpo de Exército (IV CEx), e o General Mascarenhas. Os norte-americanos mostraram-se abismados e os três concordavam quanto à insensatez e ao absurdo que o rodízio representava. A solução acordada foi atender, tão somente, aos pedidos de transporte aéreo que, a critério do general brasileiro, contribuíssem para o êxito da missão da FEB.



O General Mascarenhas aproveitou, discreta e habilmente, aquela oportunidade para repatriar alguns oficiais, por motivos de saúde ou de inadaptação. Deixou para as futuras gerações duas lições de ouro: o líder faz o que tem que ser feito, doa a quem doer. O líder orienta-se pela missão, custe o que custar.

A FÉ NA MISSÃO

Em Porretta Terme, vale do Reno, instalou-se o posto de comando avançado (PC Avcd) da 1ª DIE. A área foi alvo constante dos fogos da artilharia pesada alemã durante toda a defensiva de inverno. O General Crittenberger insistiu, inúmeras vezes, para que Mascarenhas o recusasse, sugestão sempre recusada pelo determinado general brasileiro. Argumentava que, quando se movimentasse, haveria de ser para a frente, não para a retaguarda¹⁴.

A par de denotar coragem física pessoal, a localização do PC Avcd contribuía para encorajar seus comandados, com eles compartilhar os riscos da guerra e fortalecer-lhes o moral. Entre diversas visitas, em Porretta Terme Mascarenhas recebeu o Marechal Sir Alexander, comandante do teatro de operações do Mediterrâneo. Almoçaram juntos, sob cons-

tante bombardeio inimigo. À saída, o marechal agradeceu ao general brasileiro a salva de 21 tiros que providenciara junto aos alemães, posto que ele, como marechal, só tinha direito a 18 tiros¹⁵. O respeito e a confiança recíproca fortaleceram-se após aquele episódio vivido pelos dois chefes militares, soldados de corpo e alma.

O General Mascarenhas tinha fé na missão, seu objetivo estava à frente, a vitória.

A CONQUISTA DE CORAÇÕES E MENTES

A história das armas brasileiras foi enriquecida no Vale do Serchio pelas vitórias de Massarosa, Camaiore e Monte Prano. Naquela zona de ação a FEB sofreu seu primeiro insucesso, a tentativa de conquistar Castelnuovo di Garfagnana. Enquanto o Destacamento FEB, sob o comando do General Zenóbio, atuava no Serchio, Mascarenhas desdobrava-se entre a supervisão do combate e as ações consequentes da chegada do grosso de sua Força. Cabia-lhe estacionar, instruir, adestrar, armar, fardar, equipar, alimentar e atualizar a doutrina das unidades recém-desembarcadas além de, simultaneamente, receber e visitar autoridades militares e civis aliadas e brasileiras.

Considerações estratégico-operacionais levaram o General Clark a

promover a FEB ao primeiro time do V Exército, o que implicou sua rocada para o vale do Reno, frente na qual o combate se afigurava mais desafiador. Nela, de novembro de 1944 a fevereiro de 1945, nossos pracinhas conduziram a defensiva de inverno, o que não os poupou de ações ofensivas preliminares como os frustrados ataques a Monte Castelo, dois sob comando norte-americano e outros dois sob comando brasileiro.

Naquela frente montanhosa, com chuva, lama e neve, o General Mascarenhas tornou-se de fato comandante de uma divisão de infantaria expedicionária em combate, sem descurar de sua responsabilidade como comandante da FEB. Refletiu e mudou seu estilo de comando. Sentiu o amargo impacto emocional dos reveses ante Monte Castelo, mas reagiu como o líder em que todos confiavam: intensificou a instrução; providenciou o material ainda não recebido; preparou animicamente seus homens; adotou medidas disciplinares; centralizou o planejamento; ouviu seu estado-maior; garantiu a seu comando superior que a DIE tinha capacidade ofensiva; recebeu ordens para participar da “Ofensiva do IV Corpo”; aprovou a ordem de operações e Monte Castelo caiu em mãos brasileiras.

A memorável vitória de 21 de fevereiro de 1945 empolgou os combatentes e a população brasileira. Havia sido a primeira manobra planejada e executada pela 1ª DIE. O General Mascarenhas recebeu efusivos cumprimentos do General Crittenberger que destacou o meticuloso plano de Estado-Maior, a excelente supervisão do campo de batalha, a disciplina de fogo e coordenação com a 10ª Divisão de Montanha, vizinha da 1ª DIE¹⁶.

Mascarenhas inspecionou as tropas dois dias após a conquista do Castelo. “Eram visíveis o seu orgulho e alegria pelos resultados alcançados. Algumas praças, não podendo conter seu entusiasmo, correram desabridamente ao seu encontro aos gritos de ‘Viva o General!’ Se não lhe ergueram novos urras, foi porque o bravo chefe... limitou-se a cumprimentá-los com um leve aceno, enquanto galgava as últimas escarpas entre grupos que se erguiam, respeitosos, à sua aproximação¹⁷”.

O General Mascarenhas havia conquistado corações e mentes de seus comandantes norte-americanos e, principalmente, de seus liderados.

O DIÁLOGO DOS GENERAIS

À conquista de Monte Castelo seguiu-se a de Castelnuovo, ratificação do valor ofensivo da 1ª DIE e último



ataque coordenado da chamada “Ofensiva do IV Corpo”.

Após breve atitude defensiva, o General Mascarenhas foi alertado (27 de março) sobre a ofensiva seguinte, da qual participariam todas as forças aliadas presentes na Itália. Recebida a missão, planejou-a e observou que se reservara papel assaz secundário aos brasileiros. Em 8 de abril deveriam comparecer ao posto de comando do IV CEx todos os comandantes de divisão e expor seus planos para aquela operação de grande envergadura.

Na oportunidade, o General Hays, comandante da 10ª Divisão de Montanha, mostrou-se apreensivo com o pesado encargo ofensivo que recebera. Era tudo o que Mascarenhas esperava. Expôs seus planos e sugeriu que o limite entre a DIE e a 10ª de Montanha fosse alterado, pelo que caberia aos brasileiros conquistar Montese. Seguiu-se o seguinte diálogo entre os altos chefes militares¹⁸:

Gen Hays: “—*Tem o comandante da divisão brasileira a certeza de tomar Montese?*”.

Gen Mascarenhas! “— *Sim, tenho. Mas quero também saber se o General Hays tem a certeza de aproveitar o sucesso brasileiro sobre Montese*”.

Aplausos da assistência acolheram a sugestão do nosso general¹⁹. Palco da mais árdua e sangrenta vitó-

ria brasileira, Montese foi conquistada em 14 de abril, tendo nossa gente suportado intenso fogo inimigo durante os extenuantes dias seguintes.

O General Mascarenhas impôs-se no seio de seus pares e demonstrou plena confiança nos valores morais e na competência profissional da força que liderava.

Apoio de fogo versus rapidez²⁰

Em Montese, a 1ª DIE iniciou o aproveitamento do êxito e apossou-se, sucessivamente, de Zocca (21 de abril) e de Vignola (22 de abril). A 23, foi recebida a decisão do comandante do IV CEx de iniciar a perseguição. Ao General Mascarenhas incumbia deslocar-se, o mais rápido possível, para noroeste, a fim de impedir a passagem de forças inimigas para o norte do rio Pó. Em outras palavras, haviam mudado o tipo de operação e a direção de emprego. Rapidez passou a ser fator preponderante para qualquer linha de ação.

O Gen Mascarenhas convocou imediata reunião para a própria noite de 23 de abril, em seu posto de comando avançado, desdobrado em C. Grotti, pouco ao norte de Zocca. Eis que, então, o General Zenóbio, o General Cordeiro de Farias e alguns oficiais do estado-maior ouviram de seu comandante que, naquele contexto, a rapidez preponderava sobre o apoio

de fogo, pelo que, considerando que os regimentos de infantaria não haviam recebido até então suas viaturas orgânicas, caberia à artilharia transportar nossos infantes nas viaturas tratores dos obuseiros.

Essa solução primou pela criatividade, ousadia, adaptabilidade e assunção de riscos. Executou-a eficazmente o General Cordeiro, comandante da Artilharia Divisionária, tendo os artilheiros organizado modular serviço de transporte.

Ao saber da iniciativa do Gen Mascarenhas, Gen Crittenberger perguntou-lhe:

“– Onde o senhor aprendeu a tomar aquela decisão?”

“– Aqui na guerra, sob a orientação de meus chefes” (Mascarenhas)

“– O senhor certamente aprendeu em seu País, ao longo de sua carreira militar, adquirindo a indispensável cultura profissional de que os chefes se valem nos momentos difíceis”

(Crittenberger)²¹.

A perseguição foi vigorosamente executada e coroada pela manobra de Collechio – Fornovo, notável feito das armas brasileiras que redundou na rendição incondicional da 148ª Divisão de Infantaria alemã e de remanescentes da Divisão Itália, inclusive os respectivos generais comandantes (29 e 30 de abril).

Líder e liderados fizeram o que tinha que ser feito e, uma vez mais, deram provas de serem exemplos de soldados.

O CARÁTER E A GRATIDÃO

De regresso à terra natal, o vitorioso comandante da FEB foi alvo de calorosas homenagens, expressões legítimas da gratidão nacional. Condecorações não lhe faltaram, nacionais e estrangeiras. Entretanto, “a glória do General Mascarenhas simplesmente incomodava aqueles que vaidosamente se consideravam a cúpula do Exército; não queriam lhe ceder um lugar, nem aceitavam conviver com ele”.²² O invicto comandante transformara-se em estorvo²³ para a administração militar.

Eis porque, após 47 anos em serviço ativo e consciente de sua situação no Exército, o general pediu transferência para a reserva, oficialmente publicada em agosto de 1946.

A Assembleia Constituinte, prontamente, a tudo e a todos respondeu. Em setembro do mesmo ano, manifestou, uma vez mais, o elevado respeito e a sincera gratidão do povo brasileiro, concedendo ao General-de-Divisão Mascarenhas de Moraes honras de marechal do Exército. Desde então, Mascarenhas recolheu-se a sua residên-



cia e à vida privada, mantendo distância das lides políticas e militares.

Entretanto a Nação não condenara ao ostracismo o comandante de seus pracinhas e, muito menos, prescindia de seus serviços e experiência ímpar. Eis que, em sessão solene de 12 de outubro de 1951, foi investido pelo Congresso Nacional no posto de marechal e reverteu ao serviço ativo, em caráter vitalício.

O líder reafirmara seu sólido caráter e recebera a medalha suprema, a gratidão da nação brasileira.

CONCLUSÃO

As comemorações do septuagésimo aniversário da vitória aliada na Segunda Guerra Mundial permitem refletir sobre a significativa contribuição de nossas forças armadas para a causa aliada. Ensejam, igualmente, reavivar os feitos da Força Expedicionária Brasileira no teatro do Mediterrâneo.

Nos campos de instrução brasileiros e nos campos de batalha italianos tornaram-se exponenciais os atributos de liderança do General João Baptista Mascarenhas de Moraes. Este artigo procurou demonstrar que ele: foi e é exemplo de soldado e de cidadão; soube conquistar e conduzir corações e mentes; fez o que tinha que ser feito; e quis ser líder militar.

A homenagem maior que as gerações atuais e futuras podem lhe render é seguir o seu exemplo.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL, Estado-Maior do Exército. *Manual de Campanha C 20-10, Liderança Militar, 2ª ed. N° 3-3*. Brasília: Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias, 2011.

CASTELLO BRANCO, Manoel Thomaz. *O Brasil na II Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1960.

CRITTENBERGER, Willis D. Major-general, comandante do IV Corpo de Exército. Em: 26 de fevereiro de 1945. In: MEIRA MATTOS, Carlos. *O Marechal Mascarenhas de Moraes e sua época*, v.I. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1983.

MEIRA MATTOS, Carlos. *O Marechal Mascarenhas de Moraes e sua época*, v.I. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1983.

MORAES, J. B. Mascarenhas de. *Memórias*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.

_____. *A FEB pelo seu Comandante*. Rio de Janeiro: Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias, 1960.

USA, Estado-Maior do Exército. Publicação Doutrinária do Exército (em tradução livre) ADP 6-22, In: *Army Leader Development Strategy*, p. 7. Washington, 2013.

WALTERS, Vernon. Silent Missions. In: MEIRA MATTOS, Carlos. *O Marechal Mascarenhas de Moraes e sua época*, v.I. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1983.

NOTAS

- 1 BRASIL, Estado-Maior do Exército. *Manual de Campanha C 20-10, Liderança Militar, 2ª*

- ed. N° 3-3. Brasília: Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias: 2011.
- 2 USA, Estado-Maior do Exército. Publicação Doutrinária do Exército (em tradução livre) ADP 6-22, de agosto de 2012, in Army Leader Development Strategy. Washington, 2013, p.7.
 - 3 MORAES, J. B. Mascarenhas de. Memórias. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984, p.131.
 - 4 Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Salomão_da_Rocha. Acesso em 11 de junho de 2015.
 - 5 MORAES, J. B. Mascarenhas de. Memórias. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984, p.143.
 - 6 CLUBE MILITAR, Revista. N° 453, pág. 20. Rio de Janeiro: 2015. Idem: REVISTA ISTO É, 14 de maio de 2014.
 - 7 O General Santos Cruz permanece no comando ainda quando redijo este par
 - 8 MORAES, J. B. Mascarenhas de. A FEB pelo seu Comandante. Rio de Janeiro: Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias, 1960, p.31.
 - 9 MEIRA MATTOS, Carlos. O Marechal Mascarenhas de Moraes e sua época. Volume I. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1983, p.160.
 - 10 Comandante das Forças Aéreas dos EUA no Atlântico Sul, cujo comando era sediado em Natal, Rio Grande do Norte. O Gen Wooten integrou a comitiva do Ministro Dutra.
 - 11 MORAES, J. B. Mascarenhas de. Memórias. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984, p.199.
 - 12 MEIRA MATTOS, Carlos. O Marechal Mascarenhas de Moraes e sua época. Volume I. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1983, p.161-162.
 - 13 MORAES, J. B. Mascarenhas de. Memórias, Volume I. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984, p.239.
 - 14 WALTERS, Vernon. Silent Missions. In: MEIRA MATTOS, Carlos. O Marechal Mascarenhas de Moraes e sua época. Volume I. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1983, p.142.
 - 15 Idem, p. 156.
 - 16 CRITTENBERGER, Willis D. Major-general, comandante do IV Corpo de Exército. Em: 26 de fevereiro de 1945. In: MORAES, J. B. Mascarenhas de. A FEB pelo seu Comandante. Rio de Janeiro: Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias, julho de 1960, p.154.
 - 17 CASTELLO BRANCO, Manoel Thomaz. O Brasil na II Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1960.
 - 18 MORAES, J. B. Mascarenhas de. A FEB pelo seu Comandante. Rio de Janeiro: Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias, 1960, p.190-208.
 - 19 O Gen Meira Mattos confidencia que Mascarenhas já levava esta carta na manga ao partir para a reunião com o Gen Crittenberger. Ob. cit. página 178.
 - 20 MORAES, J. B. Mascarenhas de. A FEB pelo seu Comandante. Rio de Janeiro: Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias, 1960, p.220-246.
 - 21 MEIRA MATTOS, Carlos. O Marechal Mascarenhas de Moraes e sua época, v.I. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1983, p.186-187.
 - 22 Idem, v.2, p. 235.
 - 23 Idem, Ib.

O roteiro da FEB na campanha da Itália

Cláudio Skora Rosty*

A Força Expedicionária Brasileira (FEB) foi criada em 9 de agosto de 1943 e, em 28 de dezembro do mesmo ano, o General-de-Divisão João Baptista Mascarenhas de Moraes foi nomeado para comandá-la. Daí em diante, sua história se confundiria com a própria história da FEB. Ininterruptamente empenhada em combate, durante 239 dias, a FEB contribuiu decisivamente para derrotar as forças nazistas na península italiana, avançando mais de 400 km, libertando meia centena de vilas e cidades e aprisionando mais de 20 mil combatentes inimigos.

O País manteve-se neutro em relação à 2ª Guerra Mundial (2ª GM) até o momento em que submarinos alemães, atuando na costa do Brasil, afundaram expressivo número de navios brasileiros, ceifando covardemente a vida de centenas de compatriotas. O chefe da Nação, respeitando os compromissos internacionais e fortalecido pela vontade popu-

lar, para desagrar as covardes agressões à nossa soberania, declarou estado de beligerância à Alemanha e à Itália em 22 de agosto de 1942.

A Força Expedicionária Brasileira foi constituída por compatriotas de todos os rincões do País, enquadrados pela 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, atuando na Itália, juntamente com as tropas do V Exército norte-americano, comando pelo General Mark Clark.

Embarcaram rumo a Itália, cruzando o Oceano Atlântico e o Mar Mediterrâneo, cerca de vinte e cinco mil soldados, em cinco escalões.

NÁPOLES – 16 DE JULHO DE 1944 – OPERAÇÃO DE DESEMBARQUE

As tropas brasileiras seguiram para o Continente Europeu a bordo do navio *Gen Mann* e desembarcaram na cidade italiana de Nápoles, em 16 de julho de 1944, a fim de iniciarem as operações

* Coronel de Infantaria, sócio do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



de combate contra os alemães e libertarem o povo italiano do nazifascismo.

Por via aérea foram transportados 111 militares, dentre os quais 67 eram enfermeiras, uma delas a Major Elza, que, com seu trabalho dedicado, contribuiu para a preservação da memória da participação da mulher brasileira na 2ª GM, escrevendo inúmeros artigos e criando um museu militar em Maceió-AL.

E, para dar prosseguimento às ações de combate, foram utilizados os meios de transporte marítimo, rodoviário e ferroviário. Com o desembarque na Itália, a FEB assegurou a condição histórica de ser a primeira tropa sul-americana a deixar o seu continente para combater na Europa.

PISA/CAMAIORE – 18 DE SETEMBRO DE 1944 – OPERAÇÃO DE ABERTURA

A Força Expedicionária, inicialmente (com o nome de Destacamento da FEB), empregou apenas um terço de sua força operacional sob o comando do General-de-Brigada Zenóbio da Costa.

A primeira tropa brasileira a cumprir missão de combate em território italiano foi a 1ª Companhia do 9º Batalhão de Engenharia, de Aquidauana-MS, construindo uma ponte sobre o Rio Arno, permitindo que o Destacamento FEB atingisse a cidade de Pisa.

Em 18 daquele mês, o Destacamento da FEB obteve a primeira vitória em Camaioire, a qual foi conquistada sem maior resistência, pois os alemães ali mantinham elementos de vigilância, que se retiraram à aproximação dos elementos avançados de nossas tropas.

MONTE PRANO – 26 DE SETEMBRO DE 1944 – PRIMEIROS PRISIONEIRO E BAIXAS

Constituía esplêndido observatório sobre as nossas posições e sobre a planície litorânea, onde se encontrava a 22ª Divisão de Infantaria norte-americana. Em 26 de setembro de 1944 foi conquistado após seis dias de combate, onde foram feitos os primeiros prisioneiros e nós sofremos as nossas baixas iniciais.

De 26 de setembro até o final do ano intensificaram-se as ações de reconhecimento e de preparação para o combate.

MONTE CASTELO – 21 DE FEVEREIRO DE 1945 – OPERAÇÃO DIGNIDADE

Monte Castelo é uma elevação com 970 metros de altitude, mais alta que o Corcovado, e foi atacada pela FEB cinco vezes, até ser conquistada. Os insucessos ocorreram por causa da insuficiência de meios para aquela larga frente,

e por terem sido realizados ataques frontais contra posições fortificadas e contra tropa experiente da frente russa.

Foi a vitória do moral, tornando-se o símbolo da bravura, da tenacidade, e da determinação dos nossos soldados, vingando o sacrifício das tentativas fracassadas, quebrando o tabu do baluarte que parecia ser inexpugnável e selando a máxima de que o Exército Brasileiro jamais foi vencido.

CASTELNUOVO – 5 DE MARÇO DE 1945 – OPERAÇÃO MILITAR

Era um importante nó rodoviário de evidente interesse estratégico. Foi o combate de maior expressão tática, a hábil manobra de isolamento de um importante nó rodoviário, que possibilitou o prosseguimento das operações.

A visita do General Eurico Gaspar Dutra – Ministro da Guerra – elevou o moral, a vontade de lutar e o prestígio da FEB. Naquele momento, observando que as tropas norte-americanas usavam um distintivo de braço que as diferenciava, sugeriu que a tropa brasileira também adotasse aquele sistema. Levantando, assim, a ideia de se representar em desenho a frase: “A Cobra está fumando”.



Mapa mostrando o roteiro da FEB na Itália

MONTESE – 14 DE ABRIL DE 1945 – OPERAÇÃO SOFRIMENTO – PROVA DE FOGO

Montese é uma pequena cidade, quase um vilarejo, valorizado pelo importante nó de estradas e elevações, local onde se deu o combate mais sangrento e o de maior valor, por dar início ao término da guerra na Itália.

O período que antecedeu sua conquista foi o de defensiva agressiva com intensa atividade de patrulhas, onde veio a falecer o Sargento Max Wolf Filho, recebendo a promoção a oficial *post mortem*, por ato de bravura. Após a tomada de Montese pela FEB, os alemães desfecharam sobre a localidade a maior concentração de fogos de artilharia já mais vista até então.

A conquista de Montese repercutiu favoravelmente nos altos escalões e mereceu dos generais norte-americanos os mais elevados elogios.

ZOCCA – 20 DE ABRIL DE 1945 – OPERAÇÃO PERSEGUIÇÃO

Zocca, localidade situada a noroeste de Montese e a cinco quilômetros do Rio Panaro, cortada por estradas secundárias, adquiriu expressão defensiva episódica, pela necessidade de sua transposição pelos elementos motorizados, tanto das forças nazistas que retraíam, como das brasileiras que as perseguiam.

Alguns prisioneiros capturados pelo 6º Regimento de Infantaria informaram que toda a margem norte do Rio Panaro estava minada, o que fez presumir que os alemães estavam em retirada. O 9º Batalhão de Engenharia foi empregado para remover as minas, recuperar e reparar as estradas e as pontes destruídas pelo inimigo, permitindo o avanço e perseguição ao inimigo em retirada.

COLECCHIO – 26 DE ABRIL DE 1945 – OPERAÇÃO DE CERCO

Em Colecchio é aprisionada a vanguarda inimiga e são feitos alguns prisioneiros de guerra, os quais infor-

maram que a divisão alemã pretendia efetuar a retirada para o norte. O General Mascarenhas de Moraes aciona o seu Estado-Maior no sentido de elaborar uma Ordem de Operações, prevendo o cerco dessa divisão e retira da Artilharia as suas viaturas para transportar as tropas e assim, dar maior velocidade à Infantaria, permitindo o aprisionamento das tropas alemãs.

FORNOVO – 28 DE ABRIL DE 1945 – OPERAÇÃO DE COROAMENTO

A manobra brasileira, com o aprisionamento da vanguarda e com o cerco do grosso do inimigo, não lhe deixou alternativa, senão a rendição incondicional. Foi a consagração da manobra estratégica e a consolidação das ações da FEB nos campos da Itália.

A rendição da 148ª Divisão de Infantaria alemã resultou na captura de aproximadamente 15.000 prisioneiros de guerra, 1.000 viaturas motorizadas, 1.500 viaturas hipomóveis, 80 carroças e mais de 4.000 cavalos.

A manobra de Fornovo foi o epílogo de uma bem planejada operação de perseguição, à qual não faltou audácia, rapidez e pronta decisão por parte dos brasileiros.

E onde estão os nossos heróis?



PISTÓIA – CEMITÉRIO MILITAR BRASILEIRO

Em Pistóia ficou um pedaço da FEB – jardim da nossa saudade ao pracinha que não voltou com suas cruzeiras brancas, sendo 456 mortos da FEB, 8 oficiais da Força Aérea Brasileira e 40 militares alemães, cujos corpos foram recolhidos pelo Pelotão de Sepultamento da 1ª DIE, em nossas linhas de combate.

Em 22 de dezembro de 1960, o Governo brasileiro providenciou a remoção dos restos mortais dos nossos heróis, de Pistóia para o Rio de Janeiro, a fim de repousarem, definitivamente, no Mausoléu do Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, vulgarmente chamado de Monumento dos Pracinhas, erigido para esse fim, no Aterro do Flamengo.

SUSA – JUNÇÃO COM AS TROPAS FRANCESAS

Fim da participação da FEB na 2ª Guerra Mundial. Em 2 de maio de 1945 acabava a guerra na Itália e, em 8 de maio, termi-

nava na Europa, com a vitória dos Aliados e a rendição definitiva da Alemanha.

Por último, ao final de oito meses de campanha, a FEB apresentou os seguintes dados numéricos:

RETORNO

Ao regressar ao Brasil, os pracinhas da FEB foram recepcionados com grande entusiasmo popular. O primeiro escalão desembarcou no Rio de Janeiro no dia 18 de julho de 1945. A volta dos brasileiros que combateram na Itália sem dúvida precipitou a queda do Presidente Getúlio Vargas e o fim do Estado Novo, inaugurando uma nova fase de redemocratização na história do País.

É hora de concluir a apresentação sobre o Roteiro da FEB na Campanha da Itália e contribuir, desta forma, para o entendimento da participação da FEB na 2ª Guerra Mundial tema pouco conhecido por todos nós brasileiros.

Àqueles, que tombaram no campo de batalha, a certeza de que a sua luta não foi em vão.

E assim, a cobra fumou! 🐍

Efetivo total da FEB	25 334
Integrantes da FEB prisioneiros	35
Mortos da FEB	457
Feridos no Teatro de Operações	2 722
Desaparecidos (10 sepultados como desconhecidos)	23

Operações aeroterrestres na 2ª Guerra Mundial

Renato César Tibau da Costa*

INTRODUÇÃO

Após a invenção e desenvolvimento do avião como um meio prático de deslocamento de tropas e carga, durante a 1ª Guerra Mundial (GM), foi que surgiu o conceito de guerra aeroterrestre (Aet), uma Operação em que entra um componente aéreo de transporte ou lançamento de tropa na Zona de Operações.

Na 1ª GM, em 1918, foi elaborado um primeiro planejamento tático de uma Operação Aeroterrestre: a conquista da cidade de Metz, pelo coronel americano William Mitchell: o lançamento de paraquedistas e junção com uma força terrestre. Como não havia aeronaves suficientes em condições de transportar e lançar um batalhão, nem havia treinamento de militares que pudessem saltar com paraquedas e combater, o comandante das forças americanas vetou a operação.

O progresso da doutrina Aeroterrestre foi lento nesse período. Os ingleses, no Oriente Médio, fizeram alguns deslocamentos de pequenos efetivos de tropas para eliminar dissidentes em rebeliões pontuais.

A primeira nação a desenvolver efetivamente unidades para esse tipo de operação foi a Itália. A partir do final dos anos vinte, criaram batalhões de paraquedistas (Pqdt) e, em 6 de novembro de 1927, realizaram o lançamento de um batalhão, saltando de aviões bombardeiros biplanos e já usando um tipo de paraquedas com fita de abertura. Ao final da década de trinta, os italianos já haviam criado duas divisões aeroterrestres: a Folgore e a Nembo. Mesmo assim, nunca foram empregadas como unidades Aet.

Os russos haviam introduzido e estimulado o paraquedismo como um esporte paramilitar e, em 1940, já possuíam, formados, perto de um

* General-de-Exército.



milhão de Pqdt. A partir de 1930, iniciaram experimentos militares com pequenas frações e, em 1935, em manobras do exército, lançaram de paraquedas um batalhão nas proximidades de Moscou. Em 1936, com a presença de vários observadores de outros exércitos, em uma manobra em Kiev, realizaram o lançamento de uma regimento. Logo depois o Marechal Tukhachevsky, mentor da criação e desenvolvimento das tropas aeroterrestres russas, foi executado por Stalin, no expurgo que promoveu entre os oficiais gerais e coronéis de seu exército. Isso causou um atraso na organização e doutrina de emprego das unidades mas, ao iniciar-se a 2ª GM, já possuíam duas divisões aeroterrestres, que, nesse tipo de operação, raramente foram usadas e, mesmo assim, em pequena escala e com pequenos efetivos.

Os ingleses e americanos estavam começando, a passos muito lentos, a pensar em formação de seus paraquedistas. Os americanos, em 1932, realizaram um teste com um pelotão, mas somente em setembro de 1941 é que criaram o seu primeiro batalhão de Pqdt, transformado em regimento ao final de 1942.

A Alemanha foi a outra nação a desenvolver rapidamente as suas forças aeroterrestres. Havia assistido as manobras russas de 1936 e nomeou o General Kurt Student para organizar e treinar duas divisões (a 7ª Divisão Pqdt e

a 22ª Divisão Aerotransportada). Tinha a grande vantagem de possuir um tipo de avião (Junkers Ju-52) que já voava em linhas comerciais e que facilmente se adaptava para o transporte e o lançamento de tropas. Também, em 1936, haviam criado um planador para transporte de pessoal que foi usado, mais tarde, nas ações contra a Bélgica e Holanda.

OPERAÇÕES AEROTERRESTRES ALEMÃS

1) Dinamarca e Noruega

O domínio da Dinamarca e da Noruega era importante para a Alemanha, pois seriam bases importantes para o bloqueio do Mar do Norte aos ingleses e para alojar os submarinos *U-Boat*, além de permitir, com segurança, o transporte de matérias primas pelo Báltico, essenciais ao esforço de guerra. Uma invasão terrestre demandaria uma enorme quantidade de tropas e materiais. Representou, para Hitler, um ensaio para suas tropas Aeroterrestres.

Os Pqdt alemães saltaram em 9 de abril de 1940 (570 aeronaves Junkers, 1.200 Pqdt) em Oslo e Stavanger com o objetivo de, em rápidas ações, estabelecer cabeças de pontes aéreas para a invasão da Noruega pelo sul. Em Oslo deveriam também cercar o governo e os comandos locais. Ao mesmo tempo invadiram por terra a Dinamarca onde também foram lança-

dos Pqdt para conquista de aeródromos e da Capital.

Em Stavanger foi um sucesso. A rápida neutralização das forças locais permitiram aos aviões de transporte aterrissarem e desembarcarem tropas e material. Ao meio dia a marinha já aportava em seus locais de desembarque.

Em Oslo não houve o mesmo sucesso rápido, devido principalmente às más condições meteorológicas. Quando conseguiram entrar na capital, o rei e o governo haviam se evadido. Mas conseguiram êxito ao liberarem os caminhos para as forças terrestres. Houve perdas de cerca de 100 aeronaves.

Na Noruega, ainda foram lançados Pqdt, em efetivos reduzidos, duas vezes. Uma companhia em Dombas, em 15 de abril, para retardar uma força britânica que tentava junção com os noruegueses. Terminaram presos, sem munição. Na outra, no mesmo dia 15 de abril, duas companhias saltaram em plena neve para reforçar a guarnição em Narvik. Os Pqdt, após alguns dias de combate, entram vitoriosos na cidade. A batalha da Noruega termina em 8 de junho com o embarque dos aliados (ingleses, franceses, poloneses e noruegueses) para o continente.

Pela primeira vez, em tempos de guerra, as tropas Pqdt demonstraram que suas ações podiam ter um peso determinante nas operações.

2) Bélgica e Holanda

Na noite de 10 maio de 1940, Hitler lança seu plano de invasão da Europa ocidental. Os alemães sabiam das dificuldades que teriam pela frente: os quatro corpos de exércitos holandeses instalados defensivamente e a barreira defensiva, na Bélgica, representada pelo Canal Alberto e pelo Forte Eben Emael. Para vencer esses obstáculos, dispunha da valorosa tropa do General Student.

Para a Bélgica, escolheram 42 planadores para o lançamento de 438 Pqdt, em total surpresa, sobre o Forte. As 0515h de 10 de maio de 1940, os planadores pousaram e, em tempo relativamente curto a fortificação foi dominada, abrindo caminho para o avanço de uma unidade panzer.

Na Holanda os alemães dispunham do 11^a Corpo Aeroterrestre constituído da 7^a Divisão Pqdt e da 22^a Divisão de Infantaria Aerotransportada com o apoio de 400 Ju-52. Efetivos a serem empregados: 4.000 Pqdt e 12.000 aerotransportados. Os objetivos do Corpo eram, ao sul, as pontes sobre os vários canais e aeródromos a serem conquistados e mantidos pela 7^a Divisão e, ao norte, os Pqdt deveriam conquistar locais de pouso ao redor de Haia, permitindo que a 22^a Divisão conquistasse a capital e neutralizasse o governo e os comandos militares. Concomitantemente, o XVIII Exército iniciaria o ataque por terra. A



operação teve início ao alvorecer do dia 10 de maio de 1940.

Ao sul, o sucesso foi total. As pontes foram mantidas e a tomada dos aeródromos permitiu o pouso dos aviões de transporte de tropas. Os caminhos para as forças terrestres estavam abertos. Ao norte, houve problemas. Os Pqdt não conseguiram, de imediato, neutralizar os três locais de pouso e a primeira vaga aerotransportada só consegue aterrissar com 2.000 dos 5.000 homens previstos sob um fogo antiaéreo intenso, com várias baixas. À noite, o governo ainda permanecia na capital. Os alemães desviam de Haia e se deslocam para o sul em direção a Roterdã que se rende em 14 de maio. Nessa mesma noite, o governo capitula e toda a Holanda fica sob domínio alemão. As perdas alemãs foram de cerca de 30% em pessoal e quase 300 aeronaves.

Durante quase um ano, os alemães não vão utilizar suas tropas terrestres.

3) Conquista do Canal de Corinto, Grécia (26 de abril de 1941)

Em 24 de abril de 1941 os ingleses iniciam a retirada do seu Corpo Expedicionário na Grécia face o avanço vitorioso das Unidades Panzer alemãs em direção a Atenas. Dois dias depois, um regimento Pqdt decola ao alvorecer com a missão de conquistar a ponte so-

bre o canal de Corinto, única passagem para os ingleses em direção aos portos do Peloponeso. Engenheiros pousam em planadores para neutralizar os explosivos na ponte enquanto Pqdt saltam em ambas as margens do canal. Os ingleses destroem a ponte mas os alemães, com poucas baixas, conseguem dominar o canal e constroem uma nova ponte de campanha. Cerca de 1.000 ingleses caíram prisioneiros, embora 42.000 aliados que já se encontravam mais ao sul conseguem embarcar, dirigindo-se, a maior parte, para reforçar a defesa da ilha de Creta.

4) Conquista da Ilha de Creta (20 de maio de 1941)

A decisão de invadir Creta tinha por objetivo o controle do Mar Egeu e impedir à força aérea inglesa de utilizá-la como base para os ataques aos campos petrolíferos da Romênia. Ainda, que Creta poderia servir de partida, mais tarde, para uma operação contra o Canal de Suez. O 11º Corpo Aeroterrestre alemão dispunha de 22.000 homens, 500 Ju-52 e 300 planadores estacionados em bases gregas. Na ilha, os aliados contavam com 33.000 homens, algumas dessas tropas com alto valor combativo, muitas delas vindas da retirada da Grécia. Os alemães iriam empregar apenas seus Pqdt e infantaria planadorista na operação.

Os ataques contra a defesa antiaérea começaram em 14 de maio, o que fez com que os aliados entrassem em estado de alerta. Depois da Holanda e Bélgica, não haveria mais a surpresa obtida naquela região.

Em 20 de maio, ao alvorecer, os Pqdt e planadores são lançados para conquistar os aeródromos de Maleme e Canéa (capital da ilha) e tiveram grandes perdas causadas pela feroz defesa dos aliados. No início da tarde os reforços lançados tiveram o mesmo destino. Ao fim da jornada, pouco havia de sucesso. Student decide concentrar seus esforços em Maleme e lança mais tropas em 21 de maio. Travando violentos combates, os alemães conseguem tomar o aeródromo o que permite que, a partir de 22 de maio, as aeronaves de transporte possam levar um regimento alemão e, a partir daí, efetivar, em 1º de junho, a conquista da ilha. As tropas aliadas (17.000) foram embarcadas para uma retirada, efetivada em 31 de maio. Foram feitos 10.000 prisioneiros e tiveram cerca de 2.500 mortos. Do lado alemão, 3.500 mortos, 3.400 feridos. As perdas em aviões e planadores foram de 56%.

Hitler considerou a vitória muito custosa em homens e materiais e declarou que a era do emprego dos Pqdt em grandes operações havia terminado. A partir daí, passaram a combater como topa de elite e só foram lançados, em pe-

quenos efetivos, na Itália (Gran Sasso e Sicília) e nas Ardenas.

OPERAÇÕES AEROTERRESTRES ALIADAS

Creta foi uma boa lição para os americanos e ingleses que passaram o organizar e treinar, de modo acelerado, as suas tropas aeroterrestres que viriam a desempenhar um decisivo papel em suas próximas campanhas.

1) Operação Tocha – África do Norte

A invasão do Marrocos, Argélia e Tunísia aconteceu a partir de 8 de novembro de 1942, para conquistar e manter o norte da África, no litoral mediterrâneo, a fim de possibilitar o caminho para uma futura invasão da Europa pelo sul. O principal objetivo era o nordeste da Tunísia que possuía um porto, base naval e bons aeródromos. A Operação Tocha previa desembarques anfíbios em Casablanca, Oran e Algiers e lançamento de Pqdt para conquistar aeródromos na Tunísia.

No norte da África, havia tropas alemãs, italianas (as duas divisões Pqdt italianas), e francesas. Ainda havia combates em El Alamein. Os alemães ocupavam a Sicília, muito próxima da Tunísia, de onde podiam realizar ataques aéreos.

Os desembarques foram realizados muito a oeste temendo a ação da Força Aérea alemã, bastante distante das



bases e aeródromos tunisianos. Na época ainda havia incertezas, nos comandantes americanos, quanto a doutrina de emprego das forças aeroterrestres. Foi por atuação do comandante do Exército Britânico que Eisenhower incluiu na operação a participação de Pqdt. Seria o primeiro emprego dessas tropas nas operações aliadas.

Logo que os desembarques começaram, os alemães enviaram tropas da Sicília para a Tunísia, inclusive uma divisão Panzer.

Planos preliminares e preparação dos pilotos e da tropa para operações Aeroterrestres, na África, virtualmente não existiam. Os Pqdt, aeronaves e planadores foram reunidos e receberam a missão, basicamente, de conquistar aeródromos que pudessem servir para o emprego da força aérea aliada e de ocupar regiões que bloqueassem o avanço dos alemães para oeste. Os locais de lançamento seriam escolhidos em voo, havendo o receio de como as forças francesas poderiam reagir a essas ações. Foram empregados um regimento americano da 82ª Divisão e três batalhões da 1ª Brigada Britânica.

Um batalhão americano em três aeronave C-47, no início das operações, dirigiu-se, da Inglaterra para saltar em Oran. Após esse longo voo, encontrou resistência francesa na área do objetivo e partiu para escolher outra zona de lança-

mento. Houve a perda de três C-47 e, após o salto, seguiram para o objetivo a pé.

Nos dias 15 e 16 de novembro, outros dois batalhões (um americano e um inglês) saltaram na Tunísia, com as mesmas dificuldades de escolha de zonas de lançamento, resistência de terra e com baixas elevadas. Passaram a combater em terra, com enormes dificuldades.

O último lançamento realizado foi de um batalhão inglês, em 29 de novembro, na região de Depienne de onde, a pé, se deslocaram para tomar o aeródromo em Oudna.

Os combates pela posse da Tunísia só terminaram em 8 de maio de 1943. De lá partiria o ataque ao continente europeu, começando pela Sicília em julho 1943.

2) Operação Husky – Ataque Aliado à Sicília

10 de julho de 1943. Pela primeira vez na guerra, um assalto aeroterrestre de grande porte seria executado. A missão das tropas Pqdt e em planadores era apoiar o desembarque anfíbio de dois Exércitos (7º americano e o 8º britânico) na costa sul da Sicília. A oeste, a 82ª Divisão lançando um Regimento Pqdt para estabelecer uma cabeça-de-ponte -aérea em Gela e manter as colinas que dominavam as praias de desembarque do 7º Exército e, a leste, planadores da 1ª Brigada britânica conquistando uma área de comando sobre Siracusa

mantendo pontes e eliminando uma bateria de costa alemã a fim de facilitar o desembarque e a progressão do 8º Exército britânico.

A execução do plano mostrou-se bastante difícil. Os pilotos das grandes formações de aeronaves ainda tinham dificuldades na navegação noturna e em localizar as zonas de lançamento sem qualquer balizamento. Os 4.400 paraquedistas americanos nessa madrugada foram espalhados por uma área extensa num raio de 50 km do objetivo. Na segunda noite mais 2.000 Pqdt foram lançados para reforçar a cabeça de ponte aérea quando sofreram, no deslocamento aéreo, ataque da artilharia naval americana e perderam 23 aviões. Após seis dias de combate, esses Pqdt fizeram 15.475 prisioneiros alemães.

Do lado britânico, o lançamento dos planadores nas primeiras horas do dia 10 mostrou-se desastroso. De 108 planadores, 47 pousaram no mar. O restante combateu durante todo o dia e, com a chegada dos primeiros elementos desembarcados por mar, a Ponte Grande e o porto de Siracusa foram conquistados. Na noite de 12 para 13, 105 C-47 lançaram mais planadores e Pqdt britânicos para conquistar e manter pontes, mais ao norte, na região de Gerbini. Também foram atingidos por fogo naval aliado perdendo onze aviões. Cumpriram as suas missões.

Do lado alemão, 2.000 Pqdt saltaram, em lançamentos diurnos, nos dias 12, 13 e 14 de julho, na região da Catania, para ajudar nos esforços em conter o avanço dos ingleses. Foram os últimos a serem evacuados da ilha, em 17 de agosto, quando a Sicília foi conquistada.

3) Operação Avalanche – Invasão da Itália em Salerno

Um mês após o término das operações na Sicília, os aliados lançam a Operação Avalanche, iniciando a conquista da Itália, desembarcando em Salerno, no dia 9 de setembro de 1943. As tropas aeroterrestres tiveram papel importante nessa operação. Nas madrugadas de 13 e 14 de setembro, 2.500 Pqdt da 82ª Divisão americana vão restabelecer a situação ao sul da cabeça-de-praia que estava ameaçada pelos contra-ataques alemães, saltando no seu interior, guiados pelos precursoros.

Em 14 de setembro, 600 Pqdt americanos saltam, à noite, na região de Avelino com o propósito de retardar os movimentos alemães em direção à cabeça de praia. O lançamento foi muito disperso e, com um grande número de baixas, falharam na missão.

Com Salerno consolidada, o V Exército inicia seu movimento em direção a Nápoles em 19 de setembro. A 82ª Divisão Aeroterrestre passa ao X Corpo e continua combatendo por



terra. Os aliados entram na cidade em 1º de outubro, com os alemães se retirando para o interior da Itália.

O V Exército continuaria avançando em direção à Roma. A 82ª Divisão combateu duramente como unidade terrestre nas ações sobre a “Linha Gustav”.

4) O assalto aeroterrestre na França

a) Operação Overlord – Normandia (6 de junho de 1944)

A invasão aliada da França, na Normandia, fez uso, em larga escala, de forças aeroterrestres. Foram empregadas três divisões completas (82ª e 101ª americanas e a 6ª britânica) com um efetivo total de cerca de 25.000 homens. Todas tiveram importante papel na operação e que, a despeito de dificuldades enfrentadas em lançamentos noturnos, com mau tempo ocasionando considerável dispersão de suas unidades, a maioria delas cumpriu suas missões.

Os números são grandes: 1.662 aeronaves C-47 e 512 planadores transportavam as duas divisões americanas (17.300 militares) e 733 aeronaves e 355 planadores a 6ª Divisão (7.700 militares). Os lançamentos seriam efetuados em quatro vagas: os precursoros às 0330h do dia 6, a segunda vaga às 0430h, a terceira por volta das 1200h, e a última na noite de 6 para 7.

Na área da 82ª, os precursoros não conseguiram atingir todas as zonas

de lançamento o que ocasionou, na segunda vaga, uma enorme dispersão. Alguns caíram no mar, outros em regiões ocupadas pelo inimigo e em áreas inundadas pelos alemães. Grande número de planadores foram perdidos ao pousar no mar. Os oficiais foram reunindo os militares que apareciam e logo tomaram a cidade de Saint-Mere-Eglise e, a partir daí, iniciaram um combate prolongado para atingirem as pontes que dariam passagem às tropas que desembarcavam.

A 101ª Divisão teve um pouco mais de sorte no lançamento. Houve, também dispersão das unidades, as baixas foram menores mas, reunindo os Pqdt que apareciam, foram se dirigindo aos seus objetivos. Por volta das 1100h do dia 6, um posto de comando alemão em Sainte-Marie-du-Mont havia sido conquistado e neutralizada uma bateria de costa alemã. Ambas divisões americanas, ao final do dia 8 haviam cumprido a maioria de suas missões.

Os lançamentos da 6ª Divisão também enfrentaram problemas de dispersão e perdas ou atrasos porque vários Pqdt aterraram em áreas alagadas. De início, quase 50% dos combatentes da divisão estavam inoperantes. Mas houve também lançamentos precisos e que proporcionaram, ainda durante a noite, a tomada de pontes vitais para o prosseguimento da operação.

Assim, de um modo geral, com efetivos incompletos e lançamentos imprecisos, os combatentes aeroterrestres anglo-americanos haviam cumprido o essencial de suas missões, contribuindo largamente para o sucesso da invasão. As perdas, só no dia D, 6 de junho de 1944, foram de 2.500 homens.

b) Operação Dragão – Provença, sudeste da França (14 de agosto de 1944)

A Operação Dragão, o desembarque na região da Provença, sudeste da França foi objeto de uma minuciosa preparação. Houve vários treinamentos e ensaios dos pilotos e das tropas no período que antecedeu a operação. O objetivo seria estabelecer uma cabeça de praia no mediterrâneo e, depois, prosseguir para o norte e nordeste. A força-tarefa aeroterrestre, denominada “Rugby”, formada pela 2ª Brigada Aeroterrestre britânica e pelo 509º Regimento Aeroterrestre americano, tinha a missão: desembarcar próximo ao limite norte da cabeça de praia a fim de interditar os movimentos do inimigo vindos de oeste e noroeste, apoiando o avanço das forças de desembarque.

Os Pqdt e planadoristas seriam lançados em nove levas, a primeira ao alvorecer do dia 15 e as demais ao longo do dia, até o anoitecer. Em 15 de agosto de 1944, a missão foi cumprida com

grande precisão nos lançamentos dos Pqdt e planadores.

5) Operação Market-Garden

No quadro das operações estratégicas combinadas, a operação Market-Garden foi a de maior engajamento de tropas aeroterrestres da história. A fim de proteger o avanço dos aliados para leste, o General Montgomery apresentou um plano de invasão da Alemanha contornando a linha “Siegfried”. Partindo da Bélgica, três divisões aeroterrestre (101ª e 82ª americanas e a 1ª britânica) e mais uma brigada independente polonesa seriam lançadas ao longo de um eixo de progressão terrestre de cerca de 100 km para conquistar e manter os pontos de passagem sobre os canais e cursos de água ali existentes, possibilitando o avanço do XXX Corpo Blindado britânico.

A 101ª para operar ao norte de Eindhoven em um setor de canais; a 82ª na região de Grave e Nijmegen, entre os rios Meuse e Waal; a 1ª, no ponto mais ao norte do eixo de progressão, na região de Arnhem. A brigada polonesa saltaria um dia mais tarde para reforçar e auxiliar na manutenção da ponte em Arnhem.

Os lançamentos começaram por volta das 1200h do dia 17 de setembro de 1944, praticamente sem erros. Pqdt e planadores aterraram agrupados e cada uma das divisões partiu para cumprir a sua missão. A 101ª logo capturou qua-

tro das cinco pontes previstas. A ponte em Zon foi explodida o que atrasou o avanço dos blindados ingleses em mais uma jornada. A 82ª, no primeiro dia, não conseguiu tomar a ponte em Nijmegen. A 1ª britânica aterrou às 1330h mas o planejamento logo mostrou-se falho. Só a metade da divisão foi lançada no dia 17 e, mesmo assim, a 12 km do objetivo principal (a ponte de Arnhem) e ainda empregou um efetivo grande para manter a zona de lançamento até o dia seguinte onde a outra metade saltaria. Somente um batalhão, ao entardecer, conseguiu chegar na cabeceira norte da ponte. As comunicações na divisão falharam. O avanço do XXX Corpo teve um retardo logo no início do movimento, com perdas humanas e de material e só conseguiu atravessar a última ponte conquistada pela 101ª em D+2.



A Operação Market Garden, desencadeada em 1944, foi a maior operação do gênero já realizada, e envolveu o lançamento de três divisões e uma brigada aeroterrestres.

O mau tempo, a partir do dia 18, prejudicou o lançamento das outras vagas de pessoal e de suprimento. Os alemães reforçaram a cabeceira sul em Arnhem. O segundo lançamento da 1ª Divisão foi bastante atrasado e saltaram debaixo de fogo alemão.

No dia 19, pela manhã, o XXX Corpo chegou à ponte em Grave e Nijmegen ainda estava em poder dos alemães. A 1ª Divisão sofria para manter a cabeceira norte de Arnhem. No dia 20, por volta das 1900h, a ponte de Nijmegen foi conquistada pela 82ª Divisão e o XXX Corpo avançou.

No dia 21, após dois dias de retardo devido ao mau tempo, a brigada polonesa entrou em combate, saltando de 114 C-47 no lado sul da ponte. A maioria das unidades da 101ª e da 82ª, apoiadas pela infantaria britânica, estava engajada em manter aberto o eixo de progressão. No dia 22, o mau tempo impediu qualquer atividade aérea. Os poloneses fizeram junção com o XXX Corpo.

No dia 23, enquanto os alemães continuavam atacando em Arnhem e ao longo do eixo de progressão, unidades blindadas chegaram a poucos quilômetros da última ponte mas não tiveram infantaria para que pudessem prosseguir.

Em 24 de setembro, após insucessos em tentar chegar com força pelo sul, decidiu-se pela retirada dos sobreviventes ingleses que estavam ao N da ponte. Dos cerca de 10.600 homens da 1ª Divisão que lá combateram, 1.485 foram mortos e 6.414 feitos prisioneiros. Só 2.398 foram evacuados.

Os Pqdt americanos continuaram combatendo na região por 71 dias quando foram substituídos pelo 1º Exército Canadense. Arnheim só foi liberada em abril de 1945.

6) OperaçãoVarsity

Menos de seis meses depois da Market-Garden, em março de 1945, os aliados realizaram a última grande operação aeroterrestre da 2ª Guerra Mundial empregando o XVIII Corpo Aeroterrestre (17ª Divisão Aeroterrestre americana e a 6ª Divisão Aeroterrestre britânica) para transpor o Rio Reno e penetrar na Alemanha. A guerra na Europa terminaria em 8 de maio.

A transposição do Reno pelas forças do XXI Grupo de Exércitos aliado iniciou-se ainda durante a noite de 23 de março. Na manhã de 24, 21.700 homens (8.700 Pqdt) em 1.690 aeronaves e 1.340 planadores, em uma só leva, foram lançados na região de Wesel, entre os rios Reno e Issel, dentro do alcance da artilharia aliada localizada na margem amiga do Reno. A missão, consolidar a

cabeça-de-ponte, desorganizar as defesas alemãs e conquistar passagens sobre o Issel que permitissem o prosseguimento para leste. O lançamento foi um sucesso, as baixas pequenas e a confusão entre os alemães foi muito grande. Ao final da jornada, as forças do XXI Grupo já haviam estabelecido ligação com os aeroterrestre e o caminho para o interior da Alemanha estava aberto.

OPERAÇÕES AEROTERRESTRES NO EXTREMO ORIENTE

1) Japonesas

As tropas japonesas aerotransportadas foram criadas em 1940. Em 1941 cerca de 100 conselheiros paraquedistas alemães treinaram cerca de 15.000 soldados do Exército e 3.000 fuzileiros navais da Marinha Imperial.

11 de janeiro de 1942, duas companhias de fuzileiros navais foram lançadas de paraquedas no aeródromo de Langoan em Menado, ilhas Celebes. A primeira onda de Pqdt chegou por volta das 0900h da manhã. Os japoneses saltaram de 28 aviões G3M em baixa altura ao sul da cidade e foram em direção ao aeródromo. Este ataque aéreo matou aproximadamente 1.500 soldados holandeses, que foram pegos de surpresa. Foi relatado, que no conflito apenas um avião japonês foi perdido com a sua tropa que transportava. O aeródromo foi



tomado após 5 horas da batalha contra as forças holandesas e nativas.

No dia seguinte, 12 de janeiro, uma segunda onda com 185 Pqdt fuzileiros navais, transportados por 18 aviões G3M, foi lançada, em reforço, sobre a mesma zona de combate. Essa tropa japonesa sofreu muitas baixas, 70% do número total de seus integrantes.

A 3ª Força Naval Especial de Desembarque de Fuzileiros Navais foi lançada em paraquedas em 20 de fevereiro de 1942, no Timor Leste, contra tropas australianas e tiveram pesadas perdas.

O exército japonês organizou suas tropas aeroterrestres em unidades contendo uma brigada de assalto aerotransportadas, uma brigada de Pqdt, dois regimentos de infantaria (planadores), e tropas de apoio, num total de 5.575 homens. Em 14 de fevereiro de 1942, três companhias do 2º Regimento Pqdt foram lançadas perto de Palembang, Sumatra, para capturar um aeródromo local e duas grandes refinarias no rio Moesi. Uma companhia foi deixada cair quase diretamente sobre as refinarias a fim impedir sua destruição por tropas holandesas. Devido ao concentrado fogo da defesa antiáerea os pilotos voaram demasiado alto e a unidade foi lançada dispersa. Após a luta pesada e muitas perdas o ataque falhou, mas muitas cargas de demolição foram desarmadas. Ambas as refinarias foram danificadas, mas não

destruídas. Houve outros lançamentos nos dois dias seguintes e o aeródromo foi conquistado em 16 de fevereiro. As perdas totais da unidade de paraquedistas foram de 75%.

Os japoneses criaram, em 1944, uma unidade de comandos (*Giretsu*) formada por Pqdt da Marinha e Exército. Elas foram treinadas com um único objetivo: desembarcarem na costa ou saltarem de paraquedas nas bases americanas em Saipan, Tinian, Guam e nas Ilhas Ryukyu. Era uma última tentativa para barrar as missões de bombardeiro das B-29 americanas contra o território continental japonês.

Em Okinawa, Japão, em 24 de maio de 1945, um grupo de 152 homens da unidade *Giretsu* foi lançada à noite nos aeródromos Yontan e Kadena, e se engajaram numa luta corpo-a-corpo para tomarem as posições americanas. O aeródromo de Yontan ficou fora de operação até as 0800h de 25 de maio de 1945 por causa dos escombros na pista de decolagem. Esta foi a única tentativa dos japoneses de usar tropas aerotransportadas em Okinawa durante a batalha.

2) Aliadas

a) Guadalcanal

A Batalha de Guadalcanal, foi a primeira grande ofensiva aeronaval e terrestre realizada pelos aliados no Pacífico após o ataque a Pearl Harbor, e se tor-

nou significativa por marcar o ponto de virada na guerra. Foi travada de agosto de 1942 a fevereiro de 1943 entre norte-americanos, australianos e japoneses na ilha de Guadalcanal, no arquipélago das Ilhas Salomão. Nessa operação foi empregado tropas de um Regimento Pqdt da 1ª Divisão de Fuzileiros Navais para conquista de um campo de pouso.

b) Nova Guiné

Em 4 de setembro de 1943 a 9ª Divisão de Infantaria australiana desembarca na Nova Guiné, na região de Lae. No dia 5, pela manhã, 82 C-47 lançam três batalhões do 503º Regimento americano para tomar e colocar em condições operativas um campo de pouso na área de Salamaua e cortar a retirada japonesa. No dia 6, toda a 7ª Divisão de Infantaria australiana é aerotransportada. Em 16 de setembro, Lae e Salamaua estavam conquistadas. Em 3 de julho de 1944, o 503º-Regimento salta em Noemfor, conquista o aeródromo que estava em mãos japonesas. Em setembro de 1944 a Nova Guiné estava liberada.

c) Filipinas

Com a ocupação da Nova Guiné, os americanos planejam a retomada das Filipinas. Em 20 de outubro de 1944 uma divisão de infantaria desembarca na Ilha de Leyte. Em 6 de dezembro, ao entardecer, 350 Pqdt (um batalhão) da 11ª Divisão Aeroterrestre saltou para tomar um campo de aviação. A resistência ini-

miga terminou no dia 26 de dezembro.

A seguinte ação foi a invasão da ilha de Luzon que estava ocupada por cerca de 250.000 japoneses. Em 9 de janeiro de 1945, 10.000 homens dos I e XIV Corpos americanos desembarcam na Baía de Lingayen, ao norte de Manila esperando atingir a capital em 15 dias. Não conseguiram e, em 3 de fevereiro 1.600 Pqdt do 511º Regimento da 11ª Divisão Aeroterrestre saltam ao entardecer em Tagaytay e, na manhã seguinte, já combatiam em direção à Manila. Duas divisões americanas participaram do ataque final à capital que foi conquistada em 23 de fevereiro.

Outro ponto vital era a ilha fortaleza de Corregidor, na entrada da baía e do porto de Manila, defendida por 6.000 japoneses. Ainda em fevereiro de 1945, o 503º Regimento da 11ª Divisão Aeroterrestre recebeu a missão de conquistar a fortaleza. No dia 16, ao alvorecer, 2.100 Pqdt saltaram sobre a ilha, pegando de surpresa as defesas japonesas. Duas horas depois, um regimento de infantaria americano desembarca e, no mesmo dia, Corregidor é tomada com perdas de 4.000 japoneses e apenas 136 aliados.

Em 22 de fevereiro de 1945 uma companhia do 511º Regimento de Infantaria Pqdt executa um golpe de mão audacioso, saltando de nove C-47 próximo a um campo de prisioneiros de



guerra (PG) em Los Baños, onde estavam 2.000 civis filipinos e militares aliados. Todos os prisioneiros foram salvos. Morreram 274 japoneses e apenas dois Pqdt americanos.

Em 23 de junho, um batalhão de Pqdt da 11ª Divisão Aeroterrestre e um batalhão de Rangers transportado em planadores são lançados em Aparri, ao norte de Luzon, para cortar o reatamento japonês através do porto (67 aeronaves e 7 planadores). A resistência japonesa organizada nas Filipinas terminou no dia 28 de junho.

OPERAÇÕES AEROTERRESTRES RUSSAS

Embora os soviéticos tenham sido entre os pioneiros no conceito de guerra aeroterrestre no início dos anos 1930, depois do expurgo feito por Stalin, em 1940, onde o Marechal Tukhachevsky foi assassinado, a arma aeroterrestre entrou em declínio. A força aérea não recebeu aeronaves em condições de lançamentos em massa de Pqdt.

Em 22 de junho de 1941 a Alemanha invade a Rússia planejando atingir uma linha a leste de Leningrado-Moscou-Stalingrado. Em 7 de julho de 1941 atingem Smolensk onde se trava uma grande batalha. A 16 de julho, a região é tomada pelas forças do General Guderian e há o cerco das unidades soviéticas.

27 de janeiro de 1942: Na contraofensiva soviética do inverno de 1942 e depois da derrota da Wehrmacht frente a Moscou, os russos lançam, no setor de Smolensk, 2.300 Pqdt como vanguarda da 8ª Brigada Aeroterrestre. Atuam até 2 de fevereiro tentando cortar as rotas de suprimento alemães, sem sucesso.

17 de fevereiro de 1942: Lançamento de 10.000 paraquedistas e infantaria em planadores do IV Corpo Aeroterrestre na retaguarda do Grupo de Exércitos Centro de Von Bock, na região de Lugi. Sem sucesso. Os alemães restabelecem a situação em abril de 1942. Essa foi a operação de maior importância realizada pelos paraquedistas russos durante toda a guerra.

2 de Fevereiro de 1943: Após a vitória em Stalingrado, os russos começam a deslocar tropas aerotransportadas. Foi organizada uma ponte aérea entre Moscou e Stalingrado (cerca de 20 brigadas, mais de 50.000 homens) para continuar a ofensiva contra os germânicos.

24 de setembro de 1943: A última operação com emprego de Pqdt. Em um lançamento noturno, 3 regimentos são lançados (cerca de 6.000 Pqdt) para conquistar uma cabeça de ponte aérea sobre o rio Dnieper na região de Kanev, 40 km no interior das linhas alemãs mas são derrotados.

OPERAÇÕES NA BIRMÂNIA – OPERAÇÃO THURSDAY (MARÇO DE 1944)

Em 1942 o Japão invadiu a Birmânia e ocupou a região noroeste com quatro divisões treinadas para a guerra na selva. Por ali passava a rota de ligação dos aliados com a China.

A Operação Thursday, permanece única na 2ª GM, pois não houve lançamento de Pqdt. A introdução de duas Brigadas Chindit (cerca de 20.000 homens), comandadas pelo General inglês Orde Wingate, no norte da Birmânia nos dias 5 e 6 de março de 1944, no interior das linhas japonesas,

foi toda ela feita por aerotransporte e lançamento em planadores. Da mesma forma foi feito o ressuprimento e o apoio de fogo. Foi introduzida na área, na mesma época, uma brigada americana (os “Incursores do General Merrill”).

A missão era restabelecer uma ligação terrestre da Índia com a China, cortando as linhas de comunicações dos japoneses nessa área em que enfrentavam tropas chinesas e americanas comandadas pelo General Joseph Stilwell. A operação durou até 9 de agosto e os objetivos da missão foram brilhantemente conseguidos. ●



Tropas Pqdt alemãs aterrando em Creta em 1941

Canhão Gustav

O maior entre os maiores

Carlos Roberto Carvalho Daróz*

Desde a descoberta da pólvora até o início do século XX, a artilharia experimentou grande desenvolvimento em suas técnicas e materiais. O poder destrutivo dos canhões e obuseiros, evidenciado pelo substancial aumento no calibre, na cadência de tiro das armas e na eficiência das munições, alcançou grande expressão durante a 1ª Guerra Mundial, quando maciços bombardeios de artilharia foram utilizados até mesmo para cortar o arame farpado das defesas inimigas.

Tão logo as ferrovias começaram a ser utilizadas como meio de transporte, tiveram início estudos para empregá-las militarmente. A grande capacidade de transporte dos trens representava uma real possibilidade para o transporte de tropas e meios logísticos. A Guerra Franco-Prussiana (1870-1871), e a Guerra Civil Americana (1861- 1865) demonstraram a capacidade militar das ferrovias e de seus trens.

A 1ª Guerra Mundial trouxe o desenvolvimento dos trens blindados e dos canhões ferroviários. Alemanha, França e Inglaterra desenvolveram composições fer-

roviárias especiais, que conduziam canhões navais adaptados e projetos originais. Os trens podiam levar a artilharia pesada bem perto da frente de batalha, possibilitando aos comandantes intervir pelo fogo onde quer que fosse necessário.

A união dessas duas tecnologias – artilharia e ferrovia – culminou no desenvolvimento da maior e mais poderosa peça de artilharia que já existiu, o canhão alemão Gustav de 80 cm. Desde 1935, quando rompeu com os termos do Tratado de Versalhes e iniciou sua política de rearmamento, a Alemanha estabeleceu dois programas distintos para produzir artilharia ferroviária. O primeiro deles, denominado programa emergencial, baseava-se na adaptação de canhões navais desativados em reparos ferroviários já existentes, com o objetivo de ampliar, no mais curto prazo, o arsenal do Exército. O outro tinha por objetivo desenvolver projetos originais, empregando a tecnologia disponível na época, principalmente pela Alemanha dominar o estado da arte da indústria metal-mecânica. Deste segundo programa nasceria o Gustav.

* Coronel de Artilharia, sócio do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil

O Kanone (Eisenbahn) K(E) 80, de 80 cm, foi a maior peça de artilharia já construída. Projetado no período entre as duas guerras mundiais, o K(E) 80 foi desenvolvido com a finalidade específica de destruir a Linha Maginot francesa. O próprio Adolf Hitler estimulou a fábrica Krupp para o desenvolvimento do projeto, tendo o Exército Alemão encomendado três unidades, com entrega prevista a partir de 1940.

O desafio para construir uma arma com tamanhas proporções era imenso. Embora a Krupp dispusesse de experiência e tecnologia para a produção de armas pesadas, o ferramental e a maquinaria necessários para usinar as grandes peças de aço do canhão tiveram que ser especialmente projetados e produzidos. No final de 1940, somente um tubo havia sido concluído e testado. O primeiro canhão ficou pronto no ano seguinte, passando por um período de testes no estande de tiro de Rugenwalde.

Embora possuindo dimensões monumentais, o projeto do canhão era convencional, montado sobre uma gôndola que ocupava duas linhas férreas paralelas. O tubo, calibre 80 cm, atingia o comprimento L/35 (o tubo media 35 vezes seu calibre, ou seja, 28,957 metros) e podia disparar dois tipos de granadas, uma perforante de concreto, pesando 7.100 kg, e outra alto-explosiva, com peso de 4.800 kg.

Depois de testado, o Schwere Gustav (Gustav pesado), como ficou conhecido o primeiro dos K(E) 80, não pôde ser



A grandiosidade da granada de 80cm do Gustav pode ser avaliada, quando comparada à altura de um homem

utilizado para a finalidade para a qual havia sido projetado, pois, em 1940, o Exército Alemão havia desbordado as formidáveis defesas da Linha Maginot e penetrado profundamente na França através da floresta das Ardenas. Os franceses haviam sido derrotados e seu território encontrava-se sob o domínio de Hitler.

A primeira oportunidade de emprego da nova arma surgiu em 1941, por ocasião do planejamento para a Operação Félix, a invasão da fortaleza britânica em Gibraltar. Para levar a termo esta operação, os alemães teriam que atravessar o território da Espanha, porém, em um encontro com Hitler, o governante espanhol – general



Franco – negou o acesso aos alemães, com o intento de manter neutro o seu país. Com o cancelamento da operação, uma vez mais o Gustav não pôde entrar em ação.

Ainda no final de 1941, a Alemanha invadiu a União Soviética, dando início à Operação Barbarossa. Três grupos de exército avançaram rapidamente através do território soviético, deixando um rastro de destruição e capturando milhões de prisioneiros de guerra. Nos primeiros meses de 1942, o Grupo de Exércitos Sul encontrava-se em ação na região da Crimeia, às portas da cidadela fortificada de Sebastopol. A conquista desta cidade portuária era muito importante, pois abriria um novo eixo de suprimentos para as forças invasoras alemãs. Sebastopol era solidamente defendida, possuindo fortificações de concreto em seu perímetro e poderosas baterias de artilharia de costa. Surgia, finalmente, a oportunidade para empregar o Gustav contra um objetivo operacional.

Enquanto o K(E) 80 era lentamente deslocado para a Crimeia, tropas de engenharia de combate preparavam sua posição de tiro na aldeia de Bakhchisaray, nos arredores de Sebastopol. Mais de 1.400 homens trabalharam para abrir um corte em uma colina e assentar trilhos duplos, de modo que o canhão ficasse coberto e abrigado durante as missões de tiro. Em torno da posição foram erguidos alambrados de arame a fim de aumentar a segurança do canhão. Foram utilizados 245 vagões ferros-

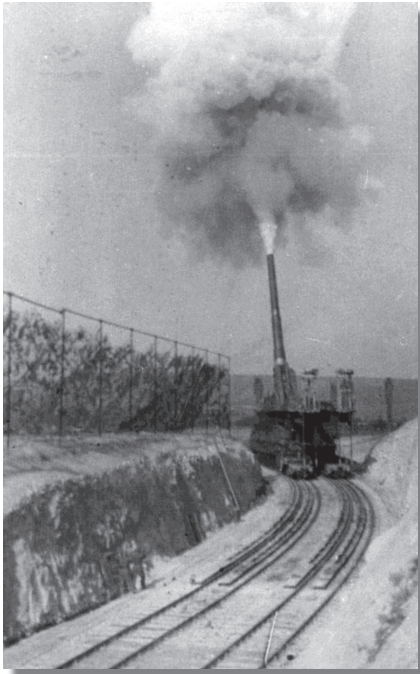
ários para transportar todo o equipamento necessário para colocar o Gustav em operação, inclusive os alojamentos para a guarnição. Quinhentos homens trabalhavam diretamente na operação do canhão, havendo, ainda, dois batalhões de artilharia antiaérea, uma bateria de busca de alvos e inteligência e duas companhias de guarda que estabeleciam a defesa circular ao redor do K(E) 80. Um pequeno grupo de funcionários civis, pertencentes à Krupp, davam o suporte técnico e realizavam a manutenção do canhão.

Devido às condições do terreno e à própria grandiosidade do trabalho, foram necessárias seis semanas para montar o canhão e colocá-lo em posição. Para este serviço, foram utilizados dois guindastes especiais com capacidade de 110 toneladas. No início do mês de junho de 1942, o Gustav estava pronto para conduzir suas primeiras missões de tiro. A esta altura dos acontecimentos, Sebastopol encontrava-se sitiada e, além do Gustav, centenas de peças de artilharia pesada estavam apontadas para a cidade. Alertada pelo governo soviético e pela própria guerra psicológica desencadeada pelos alemães, dando conta que o bombardeio era iminente, a população civil da cidade tratou de preparar abrigos subterrâneos, fato que determinaria a sobrevivência de muitos civis.

O ataque começou no dia 5 de junho. Os primeiros alvos do Gustav foram algumas das baterias de artilharia costeira localizadas a 25 km de distância, tendo os

fogos sido observados por aeronaves de reconhecimento Fieseler Fi-156 Storch, da Luftwaffe (Força Aérea alemã). Foram necessários somente oito granadas de 80 cm para arrasar estes alvos. Ainda nesta mesma data, seis disparos precisos do Gustav demoliram uma fortificação de concreto denominada Fortaleza Stalin.

No dia seguinte, 6 de junho, o Gustav causou grande destruição ao Forte Molotov, despejando sobre ele sete granadas. A missão de tiro seguinte foi conduzida contra um depósito de munições subterrâneo localizado na baía de Severnaya. Essa instalação, virtualmente invulnerável aos fogos



De sua posição de tiro na aldeia de Bakhchisaray, o Gustav abre fogo contra as fortificações de Sebastopol

da artilharia de menor calibre, não resistiu a nove projéteis do Gustav. O paiol desapareceu em uma grande explosão, e uma pequena embarcação que estava ancorada nas proximidades foi afundada.

No dia 7 o Gustav atacou a fortificação que os alemães denominavam Südwestspitze, como preparação para um assalto de infantaria. Após sete impactos, o alvo havia sido quase completamente destruído, restando aos infantés somente o trabalho de ocupar a posição inimiga. Depois de cumprir esta missão, o Gustav entrou em manutenção, passando três dias sem atirar. Em 11 de junho o Gustav voltou à ativa, desta vez realizando cinco disparos contra o Forte Sibéria. Seis dias depois, o grande canhão disparou suas últimas granadas em combate contra a Fortaleza Máximo Gorki e suas baterias costeiras.


Sebastopol caiu em poder dos alemães no dia 1º de julho de 1942. Durante o cerco, a artilharia alemã disparou contra o porto fortificado cerca de 563.000 granadas de diversos calibres. Destas, 48 foram disparadas pelo K(E) 80, o maior canhão em operação. Após a conquista da cidade, a artilharia de sítio alemã dispersou-se por toda a Europa ocupada e o Gustav voltou para Rügenwalde, na Alemanha. Lá seu tubo foi substituído e o canhão permaneceu até o final da guerra disparando granadas de demonstração e participando de experimentos no desenvolvimento de munições perfurantes de concreto.



No início de 1945 o poder aéreo dos aliados havia devastado praticamente todas as instalações militares e de infraestrutura da Alemanha, sendo as ferrovias, os trens e os canhões ferroviários alvos prioritários para a aviação. Não se sabe quando exatamente, mas nos últimos dias da guerra o Gustav foi destruído por sua própria guarnição para não cair em poder dos aliados. Foi o melancólico fim do maior canhão já construído.

O segundo Eisenbahn K(E) 80, denominado Dora, segundo o que se sabe, jamais saiu dos campos de teste da Krupp, em Meppen, e seu paradeiro após a guerra permanece incerto. Dele os aliados capturaram somente um tubo e certa quantidade de munição. O terceiro canhão, inicialmente encomendado pelo Exército Alemão, nem sequer chegou a ter sua construção iniciada.

O efetivo necessário para operar, manter e dar proteção ao canhão era de 1.420 homens, comandados por um major-general. O controle de tiro e o serviço da peça propriamente ditos exigiam um coronel e um efetivo de 500 soldados. Sua montagem e desmontagem requeriam de quatro a seis semanas de trabalho e seu peso alcançava a impressionante cifra de 1.350 toneladas. Imenso, e com poder de destruição até então inigualável, o K(E) 80 entrou em operação apenas uma vez, numa atitude contraproducente, na oportunidade em que a Alemanha começava a ter seus recursos exauridos pelo esforço de guerra.

Embora suas granadas tenham produzido um efeito devastador em Sebastopol, o Gustav representou uma colossal perda de tempo, esforço, homens, matéria-prima e dinheiro, em uma época em que Alemanha não podia se dar ao luxo de nenhum desperdício. Paradoxalmente, sua grandiosidade foi a causa de seu fracasso como arma operacional. De qualquer forma, o K(E) 80 foi a maior peça de artilharia de todos os tempos e, dificilmente, será superada em poder de fogo e magnitude. 

Kanone (Eisenbahn) K(E) 80 Schere Gustav	
Produção	Krupp
Calibre	80 cm
Comprimento do tubo	28,957 m (L/35)
Peso completo	1.350 toneladas
Munição (peso)	
- Alto-explosiva (HE)	4.800 kg
- Perfurante de concreto	7.100 kg
Alcance (HE)	47.100 m
Guarnição	
- Serventes	500 homens
- Tropas de apoio	920 homens

BIBLIOGRAFIA:

ALVES, Joaquim Vitorino Portela. *Seis séculos de artilharia*. Rio de Janeiro: BibliEx, 1959.

ENGELMANN, Joachim. *German railroad guns*. Carrolton: Squadron/Signal Publications, 1993.

HOGG, Ian. *Artilharia – a tática dos canhões*. Rio de Janeiro: Renes, 1977.

_____. *Canhões 1939-1945*. Rio de Janeiro: Renes, 1975.

_____. *Os canhões 1914-1918 – a guerra da artilharia*. Rio de Janeiro: Renes, 1978.

KEEGAN, John. *Barbarossa – a invasão da Rússia*. Rio de Janeiro: Renes, 1974.

Fotografia: uma polêmica fonte histórica

Manoel Cândido de Andrade Netto*

INTRODUÇÃO

Vamos apresentar inicialmente ligeiras considerações a respeito de algumas fontes históricas e em seguida desenvolveremos um pouco mais o estudo da fotografia tendo em vista que de fato ela pode ser considerada uma fonte, porém apresenta muitas particularidades que devem ser consideradas com carinho pelo historiador.

O desenvolvimento tecnológico nas últimas décadas conduziu a humanidade a um estado tal que conceitos arraigados em nossa cultura como eficientes e produtivos foram revistos “*a toque de caixa*”, em todos os ramos de atividades. O conceito de vendas, por exemplo, transformou a tradicional espera pelo cliente atrás do balcão das lojas, pela procura ativa dos potencialmente interessados antes que os concorrentes o fizessem.

Nesse contexto o conceito de “qualidade total” domina a maioria das entidades que buscam, de todas as formas, diminuir os custos e elevar os lucros, quaisquer

que sejam os artigos ou serviços que ofereçam. Ostentar em todos os seus documentos a sigla ISO é a aspiração máxima da maioria delas e se tornou um indicativo obrigatório de empresa séria e competente.

No processo em busca da ISO, várias etapas demoradas e trabalhosas devem ser vencidas. Visando auxiliar as empresas nos treinamentos e capacitação para a auditoria de certificação o SEBRAE adaptou inicialmente o conceito dos cinco sentidos criados e difundidos pelos japoneses, adaptando-os às nossas condicionantes culturais. Os empregados quaisquer que sejam os níveis hierárquicos em que se encontrem recebem treinamento intensivo para aprender novos conceitos e introduzir novas práticas em todas as suas atividades. Criou um processo mnemônico: D’OLHO onde cada letra indica um senso traduzido e adaptado do Japonês:

D’ – Descarte

O – Organização

L – Limpeza

H – Higiene

O – Ordem mantida.

* Coronel de Engenharia, sócio do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

Vamos comentar apenas o primeiro – DESCARTE – que, a par de resolver um grave problema que limita a agilidade da administração e a operação das empresas, pressupõe o alijamento e a destruição sistemática de materiais, particularmente os papéis que não mais interessam à empresa. Com o tempo, os papéis imprestáveis destruídos hoje, sem que o saibamos, podem ser transformados em importantes documentos históricos. Preocupa dizer que um empregado qualquer, nem sempre com bom nível de instrução, pode destruir, a seu arbítrio, um documento histórico em potencial.

Com todos os fatores limitadores o documento escrito ainda é a fonte primária por excelência, mas, mesmo assim, deve ser analisado antes de ser aceito e, sempre que possível, comparado com outras fontes, inclusive outros documentos.

Outras fontes escritas podem ser consideradas como, por exemplo:

Diários pessoais.

Não se trata apenas de documento de foro íntimo e privado como o nome parece sugerir. É um documento elaborado por quem participou de um determinado acontecimento histórico e narra, para si e para a posteridade, os detalhes do momento que viveu. Como exemplo, vou mostrar dois livros editados pelo Projeto Memorial do Ministério Público do Rio Grande do Sul. Trata-se de “Diários da Revolução de 1893” (Fig. 1)

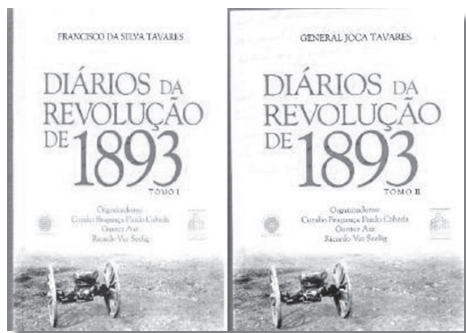


Fig.1 - Exemplos de diários
Tomo I – de Francisco da Silva Tavares
Tomo II – do General Joca Tavares, seu irmão.

Estas obras permaneceram afastadas do público, guardadas por familiares dos autores, por 110 anos.

O diário do General Joca Tavares tem 394 páginas manuscritas e um anexo constituído por um suplemento de 58 páginas e 28 notas. Além das narrativas, reproduz o texto das ordens do dia e da correspondência trocada entre os chefes do movimento.

O de Francisco Tavares tem 149 páginas manuscritas, frente e verso e dois anexos, um de 18 páginas e um segundo de 62 folhas. É mais opinativo e reflexivo que o do irmão. Reproduz cartas e telegramas.

No caso dos diários é preciso ter um cuidado especial, pois normalmente são escritos imediatamente após a ocorrência do fato, não raro conduzido pela carga de emoções vividas pelo autor naquele momento. Acontece o contrário quando, muito tempo depois do ocorrido, o participante escreve um diário, um livro ou dá uma entrevista. Nesse caso

não é mais a emoção do momento que guia suas palavras, mas o desejo de explicar as atitudes que tomou ou mesmo justificar uma derrota. Elas podem sofrer a influência do conhecimento posterior de circunstâncias que durante a ocorrência o autor desconhecia. Sobre a revolução paulista, foram escritos cerca de 280 livros nestas condições. Citemos dois exemplos (Fig. 2):

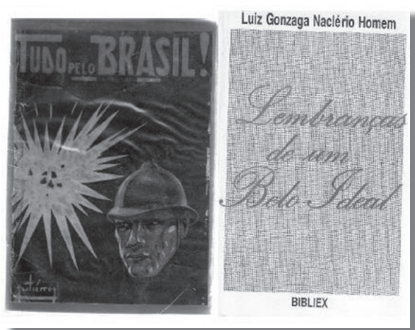


Fig. 2

“Tudo pelo Brasil”, de Armand Brissolo de “A Gazeta” editado em 1932 e “Lembranças de um belo Ideal”, de Luiz Gonzaga Naclério Homem (nesse último, o autor serviu-se de anotações que fizera durante sua participação na Revolução Constitucionalista – a edição saiu 60 anos depois do ocorrido).

Imprensa (jornais e revistas)

É preciso entender que o jornal ou a revista seguem uma orientação ideológica ou até mesmo os interesses econômicos de seus dirigentes, o que os pode levar a falsear a verdade (Fig. 3):



Fig. 3 - A notícia, pelo menos no dia 10 de julho de 1932, era verdadeira.

“O Estado de São Paulo”, por exemplo, (Fig. 3) continuou com a campanha que instigava o paulista à luta desde o início da revolução publicando nas vésperas da chegada das tropas federais: “Sustentai o fogo que a vitória é nossa”. No dia seguinte noticiava a entrada das tropas federais em São Paulo. Em seguida, em 6 de outubro, “A Folha da Noite” anunciava que: “O General Waldomiro de Castilho Lima assumiu o Governo de São Paulo” (Fig. 4):

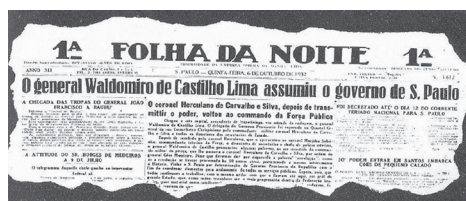


Fig.4 - Notícia publicada em 6 de outubro de 1932, após a notícia publicada pelo “O Estado de São Paulo”: “Sustentai o fogo que a vitória é nossa”

Outras fontes também merecem um estudo apurado, pois algumas que hoje são descartadas poderão ser, no futuro, reconsideradas e vice-versa.

Embora este assunto seja muito vasto nós vamos nos ater ao tema proposto para este artigo, que é a fotografia. Vamos, pois, estudá-la.

A FOTOGRAFIA

Desde que Daguerre em 1839 apresentou oficialmente o primeiro daguerreótipo (Fig.5), o valor da imagem fotográfica como documento passou a ser objeto de discussão. Ele conseguira fixar em uma lâmina de cobre revestida de cristais de prata a imagem de um Pavilhão do Louvre e parte da Ponte Royal, em Paris.

É uma fonte histórica de importância, mas por sua natureza requer certos cuidados por parte daqueles que dela se utilizam. A fotografia sempre foi de alguma forma manipulada e até mesmo, em muitos casos, adulterada. Vários são

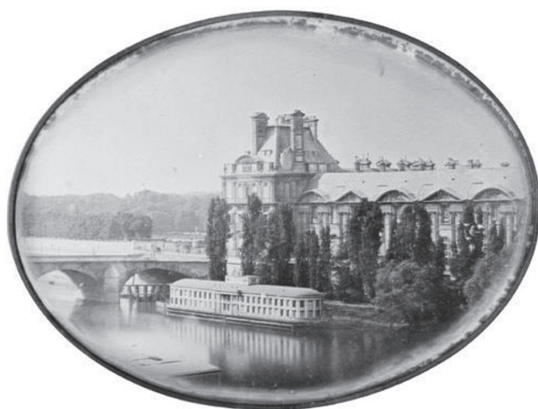


Fig. 5 - Primeira imagem fixada por Daguerre

os exemplos que poderíamos citar de sua utilização para registrar e apresentar uma “verdade” pré-fabricada. Nossa história recente fornecerá o material que precisamos para fazer uma introdução ao estudo analítico e cuidadoso da fotografia.

A história:

FOTOGRAFIA é uma composição de duas palavras gregas:

PHOS, PHOTOS = LUZ

GRAPHEIN = DESCREVER

O princípio da fotografia foi descoberto em 1816 por Nicephore Niepce. A imagem projetada dentro da camada escura impressiona um produto químico sensível à luz e provoca uma reação química formando-se a imagem. Essa imagem é instável, por isso deve receber um tratamento químico especial para tornar-se insensível a luz. Simplificando, consiste em lançar a luz sobre uma mistura química para produzir a imagem e depois fixá-la.

Para aprofundar um pouco o estudo da fotografia como fonte histórica, vamos recorrer a fotos feitas durante dois fatos históricos ocorridos no Brasil na primeira metade do século XX, a Revolução de 1930 e a de 1932.

O valor documental da imagem fotográfica, repetimos, é discutível. Muitos críticos, teóricos e até mesmo curiosos, ao longo do tempo, levantaram várias atitudes que são tomadas em relação a ela. Mais recentemente, Philippe Dubois, um especialista em cinema, vídeo e fotografia enunciou as três posições teóricas que se desenvolveram ao longo de quase dois séculos (de 1816), que mostram as diferentes posturas que são adotadas diante da fotografia:

- 1ª - A fotografia é a reprodução exata da realidade:

É baseada na semelhança entre a imagem fotográfica e o objeto fotografado. A fotografia passa a ser um espelho e retrata o que ocorreu naquele momento sem a preocupação de transmitir qualquer outra ideia – neste caso ela se torna “olho da história”.

- 2ª - A imagem fotografia não é neutra, mas cultural e intencionalmente codificada:

Ela se transforma em um instrumento de análise, de interpretação e até mesmo de modificação da realidade (Fig. 6):

- 3ª - A imagem fotográfica vista como um ícone:

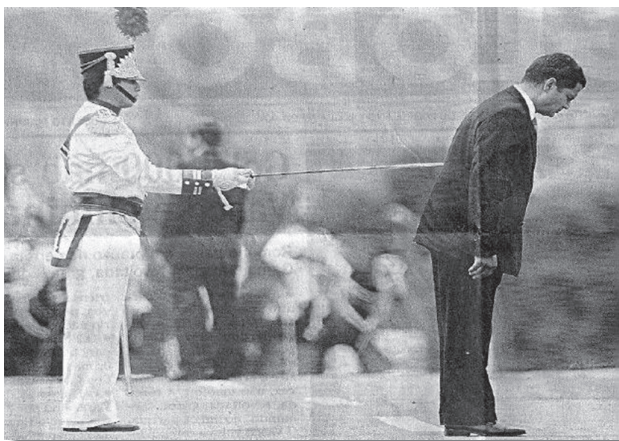


Fig. 6 - O presidente do Equador passa em revista à tropa. “O Globo”, edição de 05/04/2007.

Sob a ótica do pensador norte-americano Charles Sanders, todo o objeto, forma ou fenômeno representa algo diferente de si mesmo. Por este ângulo a fotografia poderá tornar-se um sólido apoio documental. Para o historiador, impossibilitado de presenciar os fatos que estuda, a pesquisa feita através dos indícios fornecidos pela fotografia pode levá-lo a conclusão mais ou menos precisa do fato. Vale no caso a percepção do inteligível e não apenas o visível.

Um exemplo do contrário. As sutilezas na manipulação das imagens podem chegar a verdadeiros descalabros. Em 1982 cinco pesquisadores propunham reconstituir através da imagem uma memória visual que balizasse a trajetória do Partido Comunista Brasileiro desde sua fundação até 1980. Aproveitaram uma fotografia tirada em

25/10/1930, mostrando o ataque levado a efeito contra a Delegacia de Polícia do Cambuci, em São Paulo, e colocaram a legenda como “A queda da Bastilha do Cambuci”. É bem verdade que lá foram presos os inimigos do governo deposto e a Delegacia foi invadida. Mas nem por isso teve a importância de uma “Bastilha”. (Fig. 7):

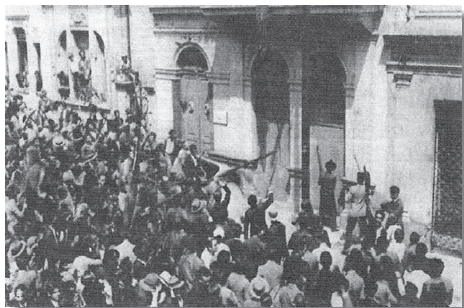


Fig. 7 - Ataque à delegacia do bairro do Cambuci em São Paulo, em 25/10/1930.

A análise interpretativa bem feita da fotografia pode transformá-la em uma fonte histórica privilegiada. Vamos tentar mostrar como essa análise pode ser feita e como é necessário dedicar muita atenção aos detalhes que apresenta. Vamos analisar fotografias co-



Fig. 8

muns publicadas na imprensa em diferentes épocas para depois, com as ideias guiadas pelos conceitos apresentados, estudar fotos feitas durante as revoluções de 1930 e de 1932.

Vejamos um primeiro caso. Trata-se de uma fotografia publicada pela Veja Rio de 06/09/2006 (Fig. 8).

Desculpem-me por apresentar uma situação aparentemente pouco séria, não condizente com a seriedade desta publicação, mas ela vai chamar nossa atenção para a necessidade de uma análise muito atenta de qualquer tipo de fotografia e vai demonstrar aqueles três posicionamentos aos quais já nos referimos anteriormente:

- uma fileira de roupas femininas displicentemente deixadas no chão de um quarto termina na cama;
- seria só a mulher, pois se estivesse fazendo essa caminhada com outra pessoa por certo haveria outras roupas junto com as delas, talvez ela já estivesse sendo esperada na cama;
- de qualquer forma ela transmite sensualidade;
- o fotógrafo codificou a fotografia para transmitir sensualidade;
- funciona também como um ícone: uma mulher, ao adentrar ao quarto, começou a despir-se caminhando em direção à cama onde possivelmente alguém já a esperava, deixando no chão suas roupas.

Essa foto, a despeito da preparação cuidadosa, apresenta indícios de que foi uma montagem. Essa constatação quebra o encanto procurado pelo fotógrafo.

O vestido vermelho possui alças finíssimas. Em compensação, o sutiã é de alças largas. Nenhuma mulher usaria essa peça com esse vestido, nem tampouco um vestido de noite com calça comprida.

Conclusão: cuidado ao preparar uma foto ou ao interpretá-la.

Às vezes a fotografia é mal empregada. Acontecia muito na publicidade comercial. Dois exemplos tornaram-se clássicos na década de 1960.

O fabricante dos Cobertores Paráiba publicou nas páginas centrais da revista *Manchete* a fotografia de um quarto com paredes pintadas de ocre e os móveis de imbuia. Sentada na cama, vestida com uma camisola sensual, uma morena belíssima. Sobre a cama um cobertor verde.

Será que alguma coisa estava errada na fotografia?

É o caso típico de uma fotografia que transmite uma ideia diferente daquela para a qual foi feita. Tudo na foto sugeria calor (cores quentes) só o cobertor sugeria frio (cor fria). Na semana seguinte a publicação foi corrigida ... paredes azuladas, móveis claros, a moça passou a ser uma loira e sobre a cama, um cobertor marrom (tudo frio menos o cobertor – cor quente).

Também na década de sessenta a campanha publicitária que a Wallig fez para

reforçar as vendas de seu principal produto na ocasião – o fogão Wallig. Foi tão difundido pela televisão e pelo rádio que não era preciso dizer mais nada. Era só citar “O FOGÃO” e todo mundo já sabia que era Wallig. Quando ela dominava o mercado, um concorrente de peso apareceu: a Brastemp. Temerosa de perder esse lucrativo veio de mercado, a Wallig espalhou pela cidade *outdoors* em fundo branco que trazia apenas a fotografia gigante de seu fogão encimada pelos dizeres “O FOGÃO”. Dois dias depois, ao lado de cada outdoor do Fogão Wallig apareceu um outro apregoando com letras garrafais: “ACERTOU, É BRASTEMP”.

A Revista *Manchete* publicou uma Edição Histórica em abril de 1964 e em uma das reportagens mostrou a resistência comandada por Carlos Lacerda no Palácio Guanabara na qual, dentre as fotografias



Fig. 9

que a ilustravam, havia a de uma senhora empunhando uma metralhadora INA. A metralhadora na mão daquela senhora serviria para tudo, menos para atirar – estava sem o carregador. Era apenas uma pose (Fig. 9).

Sempre que decidirmos empregar a fotografia para reforçar alguma afirmação ou documentar algum fato, é imperioso fazer uma análise prévia desse material, com muito cuidado, para que não corramos o risco de passar uma mensagem diferente daquela que nos interessa. O mesmo acontece quando vamos usar uma fotografia como fonte.

A primeira preocupação deverá ser com o próprio fotógrafo. Ele é capaz de interferir dando ao resultado do trabalho uma conotação ideológica pela escolha de um ou outro ângulo mais favorável ou mais conveniente para ele. A intenção do fotógrafo de dar a foto uma conotação ideológica começa pela escolha do ângulo e se propaga por todo o processo, até a obtenção final da imagem. A fotografia é o resultado final de um processo que vai do inquestionável avanço tecnológico da câmara utilizada até a visão do mundo e postura ideológica dos elementos envolvidos no processo criativo. O fotografado pode, conscientemente ou não, transmitir a imagem idealizada (Fig. 10).



Fig. 10 - Presidente João Figueiredo e Presidente Jânio Quadros

Para que possamos fazer um estudo mais apurado e objetivo do real valor da fotografia como uma provável (porém discutível) fonte histórica, escolhemos algumas que documentam uma passagem da revolução de 1930 e, em maior volume e com mais veemência, da Revolução Constitucionalista de 1932. Desta última existem, só do lado paulista, cerca de 2.000 fotos em condições de estudo.

Em 1932, já em plena revolução, no afã de aumentar a mobilização popular, a imprensa paulista publicava seguidamente imagens de mulheres e homens, velhos e crianças, dos mais diversos segmentos econômicos e étnicos, desenvolvendo alguma atividade ligada à revolução. Pelos mesmos motivos publicou, e com destaque, fotografia de todas as manifestações públicas levadas a efeito na Capital (Fig. 11):

Em contrapartida, a censura política, pode deliberadamente ocultar de-

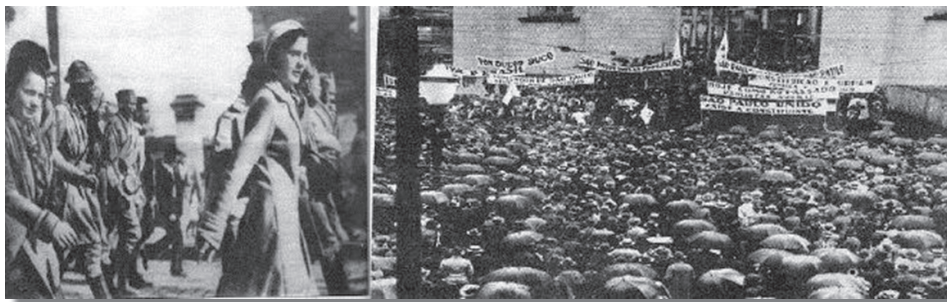


Fig. 11 – Manifestações no Rio de Janeiro

terminadas imagens para evitar algum tipo de opinião contrária a sua causa. O jornal que era o porta-voz do Governo Provisório, o “Correio da Manhã,” publicou durante os 85 dias que durou a revolução paulista, um pouco mais de 350 fotografias. Dentre elas, nem uma única imagem de manifestação pública foi encontrada, seja contra ou a favor tanto do governo como dos revoltosos. Há registro que várias manifestações havidas no Rio de Janeiro (estudantes de medicina), todas cercadas pela polícia do Coronel João Alberto. Todas as imagens publicadas eram fornecidas pela própria censura federal e geralmente retratavam somente desembarques, deslocamentos e concentrações de tropas regulares do Exército, Marinha, milícias estaduais e provisórios, bem como armamento de guerra e oficiais e praças no front. Em 16 de julho de 1932 o Coronel Ávila Lins, Chefe de Polícia em Barra Mansa, sob a alegação que os jornalistas estavam prejudicando as operações militares, afastou todos os jornalistas do front. Por sua vez os

paulistas publicavam tudo aquilo que pudesse contribuir para a mobilização do povo, porém também impediu a publicação de qualquer imagem que pudesse parecer chocante.

No período chamado do colódio úmido, compreendido entre 1851 e 1880, o equipamento e o material fotográfico usados não permitiam o registro de combates.

O que é colódio úmido? Colódio: Solução de nitrato ou acetato de celulose em um solvente orgânico.

Processo a colódio: chapas de vidro preparadas com uma emulsão de colódio e sais de prata, que deveriam ser expostas e reveladas enquanto úmidas (inventado por F. Scott Archer, em 1851).

O tempo necessário para sensibilizar o filme variava entre dez segundos e dois minutos, dependendo da luminosidade reinante. Isso impossibilitava captar qualquer imagem em movimento. As grandes reportagens das guerras do século XIX: Criméia, Secessão Americana, Tríplice Aliança e até mesmo de Canudos, não apresen-



Fig. 12 – Câmeras do início do século XX

tam nenhum registro fotográfico das batalhas nelas desenvolvidas.

Na década de trinta do século passado, a fotografia já atingira um estágio tecnológico que permitiria, se fosse do interesse das partes em conflito, registrar instantâneos em situação de combate. Apenas como notícia:

- em 1924 foi lançada a Câmara Ermanox (vidro), em 1925 a câmara Leica (35 mm) e em 1928, a Rolleiflex (6X8) (Fig. 12, pela ordem).

A completa falta de registros de combates em 1930 e 1932, não se deve a limitações técnicas, mas sim de uma postura intencional para não mostrar



Fig. 13 - “A Gazeta” publica um instantâneo do front (!?)

para ambos os lados imagens que pudessem arrefecer o entusiasmo popular.

Uma fotografia publicada em São Paulo pela “Gazeta” (Fig. 13) mostra, segundo a legenda, um instantâneo da frente de combate. Caso tal imagem fosse

real, por certo o fotógrafo e a pessoa que está fotografando a posição de metralhadora, teriam sido mortos, pois ambos estariam dentro de uma zona de fogo cruzado.

Nas fotografias publicadas ainda há que considerar e analisar as legendas. Quase sempre elas querem induzir o leitor a ver aquilo que querem que seja visto nelas. Apresentamos um raríssimo instantâneo da Revolução de 1932, publicado pela “Gazeta” com a legenda “*Aspecto de um avanço da infantaria constitucionalista num dos setores do sul*” (Fig. 14):

Analisando-a com cuidado, podemos fazer sobre ela os comentários:

- um moderno avião de fabricação norte-americana Waco CSO 90, o *Vermelhinho*, Fig. 16, faz um mergulho para aproveitar suas duas metralhadoras para atacar os soldados constitucionalistas na frente sul.



Fig. 14 - Um raro instantâneo de 1932

- os soldados correm, aparentemente, na direção oposta a do ataque;
- caso estivessem atacando, o fotógrafo estaria no meio do fogo dos dois lados;
- a espada do homem a frente está embainhada – estranho para quem ataca;
- dois homens conduzem os fuzis na posição “*arma na mão*”, segurando-os pelo ponto de equilíbrio;
- o quarto conduz um reparo de metralhadora.

Esta fotografia foi publicada muitas vezes, e sempre com legendas diferentes:

- “O Estado de São Paulo”: “Uma foto rara: o exato momento em que um ‘Vermelhinho’ é abatido por tropas paulista”.
- “A Revolução de 32”, de Hernani Donato: “Avanço da infantaria no setor Sul sob a ação de metralhamento de avião adversário”.
- “Imagens construindo a história”, de Jeziel de Paula: “Um moderno avião de fabricação americana modelo WACO CSO 90 ‘Vermelhinho’ ataca soldados constitucionalistas na frente Sul”.

A manipulação da fotografia não se limita apenas à propaganda, censura ou legendas enganadoras. Elas eram manipuladas também por meio de montagens feitas em laboratório. Nesse caso, somente o cruzamento com outras fontes pode eliminar o problema.

Tivemos em São Paulo, em 1932, grande produção de fotomontagens que eram utilizadas em cartões postais ou como charges em jornais. A intenção era mais voltada para o sentido lúdico e jocoso que propriamente para fazer acreditar em alguma mentira (Fig. 15):

O avanço tecnológico poderá deixar o historiador no século XXI quase sem possibilidade de análise em função



Fig. 15 - Uma fotomontagem grosseira: Getúlio Vargas na prisão

dos avanços da computação gráfica que pode alterar como quiser a fotografia.

Esse exemplo foi apresentado por Jeziel de Paula, doutor em História, em sua dissertação de Mestrado na UNICAMP, transformada no livro “Imagens Construindo a História”, publicado pela Editora da UNICAMP. Ele mesmo, com scanner e computador, transformou a imagem do cartaz que retratava o gigante bandeirante com a inscrição ABAIXO A DITADURA, conduzido por um batalhão infantil em desfile, pelo retrato do Getúlio com os dizeres Viva a Ditadura (Fig. 16):

Às vezes a fotografia auxilia não pela informação que traz, mas sim pela sua ausência. Ela, ao invés de fornecer uma informação, leva a uma pergunta,



Fig. 16 – Imagem modificada por computador



Fig. 17 - Marines *fincam* a bandeira americana após a conquista de Iwo Jima.

obrigando a procura de outras fontes e novas interpretações.

Há fotografias que se tornaram símbolos de determinadas guerras, como por exemplo:

A mais famosa e intrigante fotografia da Revolução de 1930 mostra três líderes do movimento da Aliança Liberal reunidos no vagão do Trem da Vitória. Foi capa da revista da Semana nº 48, de 8 de novembro de 1930, com legenda (Fig. 18).

Primeira Consideração: Getúlio Vargas não estava a caminho de São Paulo, como diz a legenda, mas sim parado na Estação da Estrada de Ferro Sorocabana, em São Paulo. A frase “a caminho de



Fig. 18 - "O presidente Getúlio Vargas, no carro presidencial, a caminho de São Paulo. Sentado à direita do eminente brasileiro, o General Miguel Costa. De pé, o Ten Cel Góes Monteiro, chefe do estado-Maior".

São Paulo”, no dia 29, justificava a ausência de Morato na foto divulgada.

Miguel Costa é recepcionado em São Paulo, nas imediações da Es-

tação Sorocabana, em 28/10/1930, um dia antes de Getúlio chegar no trem da Vitória (Fig. 19):

Duas fotografias originais do mesmo evento foram encontradas nos arquivos. Nestas fotografias além de Getúlio Vargas, Miguel Costa e Góes Monteiro havia um quarto personagem, Francisco Antônio de Almeida Morato que por tornar-se politicamente indesejável foi cortado da fotografia oficial divulgada pela imprensa (Fig. 20):

É a mesma foto, a divulgada pela “Revista da Semana” e a que constam os quatro líderes?

Sim... Distância entre a arandela e a cabeça de Góes Monteiro.

Direção dos olhares... e a segunda foto.



Fig. 19



Fig. 20

As duas fotos encontradas nos arquivos foram feitas exatamente no mesmo tempo por fotógrafos diferentes. Nas duas aparece a figura de Francisco Morato, Presidente do Partido Democrático de São Paulo, provando que realmente ele estava presente na fotografia que foi recortada. (Fig. 20 e 21):

Observando:

- As mãos de Miguel Costa (posição dos dedos).
- A posição dos braços de Góes Monteiro.
- As mãos de Getúlio Vargas.
- As dobras e posições das roupas.



Fig. 21

Quando o historiador for utilizar a fotografia como fonte para determinada pesquisa, precisa conhecer previamente o estágio evolutivo da fotografia até o momento em que ela foi feita. Deve possuir um sólido conhecimento da história da fotografia.

O conhecimento técnico das máquinas e dos filmes fotográficos disponíveis em 1932 é fundamental para uma boa interpretação das mais de 2.000 fotografias disponíveis nos arquivos, além de um número incontável em poder de particulares.

A operação que produz a ima-

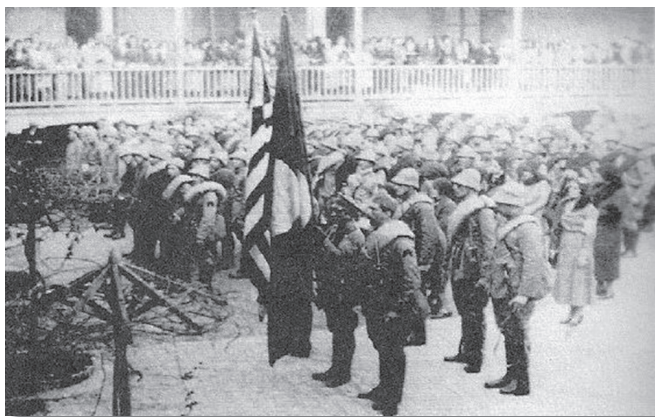


Fig. 22 - Tropa paulista pronta para partir para o front. É fácil distinguir a bandeira paulista, a nacional não.

gem na fotografia envolve uma reação físico-química entre a luz e os cristais de brometo de prata espalhados na superfície (vidro ou gelatina). Os diferentes tipos e marcas dos filmes reagiam de maneira diferente. Os cristais só reagem a comprimentos mais curtos de onda luminosa que vão do ultravioleta ao azul, não reagindo as cores: verde, amarela, laranja, vermelha e infra-vermelha (Fig. 22).

Somente em 1935 após a adição de novos corantes aos filmes foi possível registrar em diferentes tons de cinza, todas as cores vistas pelo olho humano.

Esta é uma constatação importante porque nas fotografias da Revo-

lução de 32 a bandeira brasileira aparece com as formas distorcidas, pois os filmes da época não liam o verde e o amarelo. Ao contrário da bandeira paulista cujas listras pretas e brancas e o escudo vermelho eram lidos pelos filmes ortocromáticos que destaca-


va bem estas cores (Fig. 23).

Atualmente uma nova técnica – a digital – popularizou a fotografia e praticamente todo e qualquer acontecimento é alvo de fotógrafos profissionais e de um sem número de amadores. São produzidas milhares de fotos, de todas as direções e ângulos, em cores vivas e contornos



Fig. 23 - Fachada do edifício sede da PRAR - Rádio Sociedade Record de São Paulo. A rádio da Revolução de 1932.



bem definidos, o que possibilitará ao historiador do futuro uma análise detalhada nos mínimos detalhes de um acontecimento. Por outro lado adulará-la torna-se cada vez mais fácil. Cabe ao interessado analisar e decidir se a foto que tem em mãos é ou não uma fonte confiável. 

BIBLIOGRAFIA

PAULA, Jeziel de. *Imagens Construindo a História*. Campinas. UNICAMP, 1998.

Grande Enciclopédia Larousse Cultural. Nova Cultura.1998

Jornais: O Estado de São Paulo, O Globo, Folha da Noite.

Revistas: Manchete, Revista da Semana.

Arquivos particulares do autor.

Saudação aos novos sócios empossados em 2015

Autoridades anteriormente nominadas,
Excelentíssimos Senhores Oficiais-Generais,
Prezados confrades e estimada confreira,
Senhoras e Senhores que nos brindam com suas honrosas e marcantes presenças;

Que nossas palavras iniciais sejam para agradecer o honroso convite e a deferência assaz lhana de nosso Presidente – General-de-Divisão Aureliano Pinto de Moura – e dos ilustres companheiros pertencentes a esta prestigiosa e já consagrada ‘Casa da Cultura Militar’, que, num gesto sincero e generoso, me obsequiaram com a honrosamissão de dirigir algumas palavras, em nome de todos, para saudar os nossos ilustres homenageados e novéis confrades, o que muito nos regozija, constituindo subida honra, imenso gáudio e mui grata satisfação.

Neste dia tão importante para o nosso querido Instituto, marcado por esta singela, porém significativa Cerimônia, em que entronizamos marcantes personalidades da cultura nacional, no quadro de associados desta conceituada Instituição, sentimo-nos imensamente felizes em poder contar com prestimosos, dedicados, e leais companheiros nesta “Casa Histórica de Deodoro” que, com seus notáveis conhecimentos, invejável cultura, e invulgar experiência de vida, certamente muito contribuirão para elevar, ainda mais, o conceito que desfrutamos no mundo acadêmico, junto aos componentes das Forças Armadas, e, acima de tudo, no seio da sociedade brasileira.

Falarmos dos insignes companheiros que ora incorporam-se ao nosso plantel de dedicados pesquisadores e historiadores, é tecer loas a homens polivalentes, dotados de excelsas qualidades morais e intelectuais, que muito os credenciam a ombrear com seus ilustres pares desta já consagrada e respeitável entidade cultural.



A vida destas ilustres personalidades, totalmente voltadas para a carreira militar, para o magistério, para o estudo e pesquisa, e para a cultura, constituem exemplos que muito os dignificam, tanto nas atividades castrenses, como na prolifera produção acadêmica e cultural.

Analisando acuradamente os Currículos de nossos novéis confrades constatamos estar diante de pessoas possuidoras de sólida base cultural, ademais de evidenciar, de forma cristalina, personalidades multifacetadas, ricas em valores e de invejável cultura geral.

Os nossos ilustres homenageados, com obstinação, sem nenhum tipo de estipêndio, exercem, com comovente denodo e energia inesgotável, atividades ligadas à pesquisa e ao estudo de fatos históricos relacionados à Geografia, à Geopolítica, e à História Militar, em níveis nacional e mundial. Nessas importantes atividades, promovem, através de escritos e palestras, um intenso número de ações de cunho cultural, imprimindo selo indelével em várias iniciativas fecundas, com energia inesgotável, objetivando elevar o nível de conhecimentos relacionados à História Militar do quadro de associados desta Casa e da sociedade brasileira.

Senhoras e Senhores,

Acresce de importância esta Solenidade ao referenciarmos as Cadeiras que compõem o plantel de insigne Patronos – e que acabam de ser ocupadas por nossos homenageados – estarem imantadas pelas nobres e majestáticas figuras da Historiografia Militar Brasileira, cujos maravilhosos feitos passaram a constituir verdadeiro paradigma para seus pósteros e exemplo dignificante para as diversas gerações de brasileiros.

Ilustres confrades que hoje são entronizados nesta Casa,

Vossos belos, consistentes, e invejáveis Curriculum Vitae bem evidenciam vossa brilhante e modelar trajetória, vivenciada ao longo de muitos anos de excelentes e relevantes serviços prestados à cultura nacional e à Pátria.

Vossas múltiplas atividades na vida profissional, quer como conceituados militares, prodigiosos professores, ademais de destacados e criati-

vos historiadores de reconhecido valor, os credenciam como homens de elevada cultura, rara sensibilidade, e lídimos representantes da intelectualidade brasileira.

Que vossos edificantes atributos profissionais, morais, intelectuais, e vossa intensa dedicação aos estudos histórico-culturais, que tão bem os caracterizam, sejam sobejamente canalizados para este novo, laborioso, e gratificante mister, o de associado do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

Indubitavelmente, temos plena convicção de que esta Casa acaba de ser brindada com personalidades de alto quilate cultural, excelentes e ativos colaboradores cujos nomes certamente emprestarão galardão e acentuado prestígio ao nosso Instituto. Sem sombra de dúvidas, podemos vaticinar que os novéis confrades, pelas características tão bem conhecidas de seus pares, irão deslanchar inúmeras iniciativas fecundas e benfazejas, objetivando elevar, cada vez mais, o conceito que desfrutamos junto à sociedade brasileira.

Digníssimos e briosos Confrades:

- Coronel Francisco José Mineiro Júnior
- Coronel Cláudio Luiz de Oliveira
- Tenente-coronel Carlos Roberto Carvalho Daróz
- Capitão-de-Fragata Pedro Paulo da Cunha Castro
- Prof. Paulo Fernando de Albuquerque Maranhão

Neste momento solene em que sois formalmente entronizados e carinhosamente acolhidos nesta Casa, dou-lhes - em nome de nosso ilustre Presidente, General-de-Divisão Aureliano Pinto de Moura – e demais componentes de nossa prestigiosa Instituição - de braços estendidos, sorrisos nos lábios e corações abertos-, as boas-vindas, e aproveito o ensejo para lhes formular os melhores votos de muitas felicidades, seguidos de permanentes sucessos e continuadas realizações na meritória, destacada, honrosa, e dignificante função de associados do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



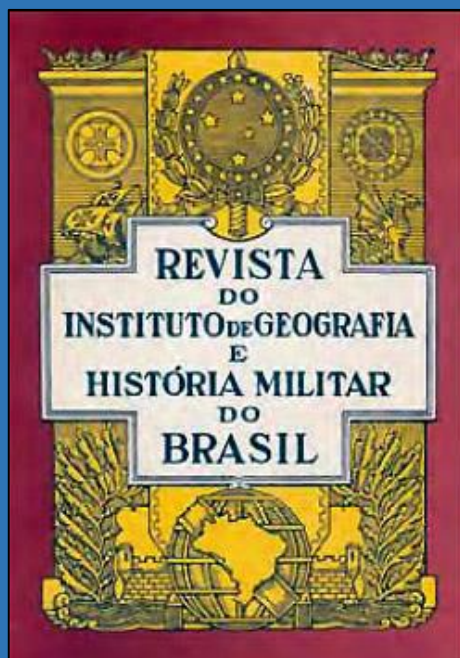
Senhoras e Senhores que integram este fraternal cenáculo,

Em realidade, vivenciamos nesta tarde - ademais desta significativa cerimônia de entronização de ilustres personalidades da vida nacional em nosso Instituto -, um verdadeiro encontro de homens e de ideias voltados para o bem-comum, para a disseminação de cultura, e para o engrandecimento da historiografia militar brasileira.

A todos, o nosso sincero e comovido muito obrigado.

Manuel Cambeses Júnior – Cel Av
1º Vice-Presidente do IGHMB

**REVISTA DO
INSTITUTO DE GEOGRAFIA
E HISTÓRIA MILITAR
DO BRASIL**



ANO: 74 N° 102 2015

ISBN: 0020-3890